



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,
LETRAS E ARTES PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA

AMANDA BRITO DE MEDEIROS FARIAS

**O PRONOME TE EM AMBIENTES DE RESISTÊNCIA: um estudo em funcionalismo
clássico**

JOÃO PESSOA

2021

AMANDA BRITO DE MEDEIROS FARIAS

O TE EM AMBIENTES DE RESISTÊNCIA: um estudo em funcionalismo clássico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística Linha de pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística

Orientador: Prof^o Dr^o Denilson Pereira de Matos
Coorientadora: Prof^a Dr^a Maria Angélica Furtado da Cunha

JOÃO PESSOA

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F224p Farias, Amanda Brito de Medeiros.

O pronome te em ambientes de resistência: um estudo em funcionalismo clássico / Amanda Brito de Medeiros Farias. - João Pessoa, 2021.

130 f. : il.

Orientação: Denilson Pereira de Matos.

Coorientação: Maria Angélica Furtado da Cunha.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Linguística funcional. 2. Pronomes. 3. Níveis de resistência. I. Matos, Denilson Pereira de. II. Cunha, Maria Angélica Furtado da. III. Título.

UFPB/BC

CDU 801(043)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E
ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

**ATA DE DEFESA DE TESE DE
AMANDA BRITO DE MEDEIROS FARIAS**

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e um (16/12/2021), às treze horas e trinta minutos, realizou-se, via Plataforma Zoom, a sessão pública de defesa de Tese intitulada “**O TE EM AMBIENTES DE RESISTÊNCIA: UM ESTUDO EM FUNCIONALISMO CLÁSSICO**”, apresentada pelo(a) doutorando(a) **AMANDA BRITO DE MEDEIROS FARIAS**, Graduado(a) em Letras pelo(a) **Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, orientando(a) do(a) Prof.(a). Dr(a) Denilson Pereira de Matos (PROLING-UFPB), que concluiu os créditos para obtenção do título de **DOUTOR(A) EM LINGUÍSTICA**, área de concentração **Teoria e Análise Linguística**, segundo encaminhamento do(a) Prof(a). Dr(a). José Ferrari Neto, Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O(A) Prof.(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (PROLING - UFPB), na qualidade de Orientador(a), presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os(as) Professores(as) Doutores(as) Tiago de Aguiar Rodrigues (Examinadora/UFPB), Adílio Junior de Souza (Examinador/URCA), Rosana Costa Oliveira (Examinadora/PROLING-UFPB) e José Ferrari Neto (Examinador/PROLING-UFPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente, Denilson Pereira de Matos, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao (à) Doutorando(a) para apresentar uma síntese de sua Tese, após o que foi arguido(a) pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Tese, à qual foi atribuído o conceito **APROVADO**. Proclamados os resultados pelo(a) Sr(a). Presidente, foram encerrados os trabalhos e, para constar foi lavrada a presente ata que será assinada juntamente com os membros da Banca Examinadora. João Pessoa, 16 de dezembro de 2021.

Observações

A banca solicitou uma revisão linguística, revisão da apresentação dos gráficos e algumas questões teóricas pontuais, para a versão final a ser entregue a UFPB.

Prof(a). Dr(a). Denilson Pereira de Matos (Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Tiago de Aguiar Rodrigues
(Examinador)

Adílio Junior de Souza
Prof(a). Dr(a). Adílio Junior de
Souza (Examinador)

Prof. Dr. José Ferrari Neto
COORDENADOR
MAT. SHAPE Nº 11672304

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pelo acolhimento e por terem feito por mim o melhor que foi possível e até impossível.

Destaco especial agradecimento ao meu marido, Jaelson Farias, e à minha irmã, Maria Tatiane Brito, pois sempre me apoiaram na jornada acadêmica.

Agradeço aos meus amigos que sempre acreditaram que eu poderia estudar, especialmente Lindinelma Diniz.

Agradeço ao amigo Francisco Rodrigues que me incentivou bastante nestes últimos 2 anos.

Agradeço aos meus amigos do Grupo Teorias Linguísticas de base, especialmente Jalusa Sarah, Adélia Lacerda, Walbérico Costa, Cléber Lemos, Cláudia Sales, Ercilene Azevedo e o “grupo da carona”. Esse doutorado teve fases complicadas e muitas pessoas do TLB sempre me enviaram mensagens de apoio. Sou realmente grata à família que é esse grupo de pesquisa.

Agradeço aos professores Tiago Aguiar, Rosana Oliveira e Juliene Pedrosa por constituírem a banca de qualificação e buscarem, com dedicação, a melhora deste trabalho.

Agradeço à Capes/Fapesq por proporcionar apoio financeiro através da bolsa.

Agradeço ao PROLING por ser ativo no apoio ao estudante de pós-graduação.

Agradeço à professora Angélica Furtado da Cunha pelo tempo e dedicação e por ter enveredado esta pesquisa para uma temática mais original no contexto da prototipicidade do átono Te.

Agradeço ao professor Denilson Matos, meu orientador, que é um profissional completo que consegue unir conteúdo e didática. É, sem dúvida, um dos melhores professores que já conheci, uma vez que também me ensinou humanidade, quando eu era um robô, sem a qual a minha profissão como docente seria bastante superficial. Eu jamais teria acreditado que poderia fazer pós-graduação sem o seu incentivo.

Como sou cristã, agradeço a Deus por ter chegado até aqui. Infelizmente, é estranho que uma pessoa que vem de onde eu vim curse um doutorado. Ainda me percebo estranha nesse lugar, mas sou grata mesmo assim e tenho esperança de que esse nível de estudos esteja dentro da normalidade algum dia.

FARIAS, A. B. M. O *te* em ambientes de resistência: um estudo em funcionalismo clássico. 2021. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2021.

RESUMO

Os ambientes de resistência considerados aqui são formas linguísticas que funcionam no mesmo contexto sintático, diante do conjunto de verbos com os quais ocorre, quanto ao tipo semântico do verbo, em relação à ordenação e à estrutura da oração em que o clítico *te* resiste. A semântica dos protótipos reutilizou a noção de traço ou componente para a de atributo, a fim de se diferenciar do foco tradicional na categorização e no significado. Deve haver características mais centrais (prototípicas) do que outras se houver indivíduos mais representativos. Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é identificar os ambientes de resistência do *te* como clítico prototípico para expressão da 2ª pessoa do singular (doravante 2SG) na função de objeto no português do Brasil sob a perspectiva da linguística funcional clássica. Investigou-se a problemática de que as pesquisas que se dedicam à complementação de 2SG tratam da alternância de formas linguísticas que figuram nesta posição e indicam a regularidade do clítico *te* em relação às demais. Notamos que, mesmo diante de uma regularidade comprovada em várias pesquisas, o *te*, enquanto protótipo, pode encontrar ambientes pontuais em que a sua resistência varia. Tal problemática levou aos seguintes questionamentos: “Como se caracterizam os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado?”; “Que fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*?”; e “Como quantificar os níveis de resistência de *te* em cada ambiente de resistência identificado?” Como hipótese principal, defende-se que o *te*, enquanto protótipo, admite ambientes pontuais de variação na sua resistência. Para verificação desta hipótese, observaram-se dados de 2 corpora (C-Oral-Brasil e D&G Natal), analisados qualitativamente e quantitativamente, considerando como aporte teórico principal a prototipicidade, segundo a Linguística Funcional Clássica. As seguintes conclusões preliminares foram possíveis: Nos dados do C-Oral-Brasil não foram identificados gêneros textuais, a função predominante é a de objeto indireto e relacionamos isso com a resistência do *te* associada à regularidade. Sobre o objeto direto (OD), acreditamos ser o ambiente de resistência onde o *te* figura com menos força, porém destacamos como isso concorre para seu estabelecimento como protótipo. Quanto ao ambiente “tipo semântico” do verbo em verbos simples e em locuções verbais, notamos que dois tipos se destacam: verbos de material/atividade e os *dicendi*. Nas locuções verbais, os dois tipos citados apresentam maior equilíbrio. A partir dos dados do C-Oral-Brasil, observamos 4 tipos de variação em que o *te* apareceu no ambiente ordenação : Verbo auxiliar + sujeito + objeto + verbo (VaSOV); Verbo auxiliar + S (apagado) + objeto + verbo (VaSapOV); Verbo auxiliar + objeto + verbo (VaOV) e Sujeito + Verbo auxiliar + objeto + verbo (SVaOV). Sendo mais resistente por ser regular, o *te* é mais resistente na ordem SVaOV. Nos ambientes em que precisa resistir, sendo menos regular, se destaca a ordem VAOV. Sobre a “colocação pronominal” como ambiente de resistência, não estendemos nossas considerações, por ser estabelecida a colocação proclítica nos dados do C-Oral-Brasil.

Palavras-chave: Pronome *te*. Níveis de resistência. Linguística Funcional Clássica.

ABSTRACT

The environments of resistance are those in which the clitic *te* is variable, being in the face of linguistic forms that function in the same syntactic context, in the face of the set of verbs with which it occurs, in terms of the semantic type of the verb, in relation to ordering and structure. of the prayer in which he is involved. The semantics of the prototypes reused the notion of trait or component for that of attribute, in order to differentiate from the traditional focus on categorization and meaning. There must be more central (prototypical) characteristics than others if there are more representative individuals. The general objective of this research is to identify the environments of resistance of *te* as a prototypical clitic for the expression of the 2nd person singular (hereinafter 2SG) in the object function in Brazilian Portuguese from the perspective of classical functional linguistics. We investigated the problem that research dedicated to the complementation of 2SG deals with the alternation of linguistic forms that appear in this position and indicate the regularity of the clitic *te* in relation to the others. We note that, even in the face of regularity proven in several studies, the *te*, as a prototype, can find specific environments in which its resistance varies. This problem led to the following questions: “How are the environments of resistance in which *te* is used?”; “What syntactic-semantic and discursive-pragmatic factors are involved in the resistance of the prototypical clitic *te*?”; and “How do you quantify *te* resistance levels in each identified resistance environment?” As a main hypothesis, it is defended that the *te*, as a prototype, admits punctual environments of variation in its resistance. To verify this hypothesis, data from 2 corpora (C-Oral-Brasil and D&G Natal) were analyzed qualitatively and quantitatively, considering prototypicality as the main theoretical contribution, according to Classical Functional Linguistics. The following preliminary conclusions were possible: In the C-Oral-Brasil data no textual genres were identified, the predominant function is that of indirect object and we relate this to *te* resistance associated with regularity. About the direct object (OD), we believe it is the environment of resistance where *te* figures with less strength, but we highlight how this contributes to its establishment as a prototype. As for the “semantic type” environment of the verb in simple verbs and in verbal phrases, we noticed that two types stand out: material/activity verbs and *dicendi*. In verbal phrases, the two types mentioned present greater balance. From the C-Oral-Brasil data, we observed 4 types of variation in which *te* appeared in the ordering environment: Auxiliary verb + subject + object + verb (VaSOV); Auxiliary verb + S (deleted) + object + verb (VaSapOV); Auxiliary Verb + Object + Verb (VaOV) and Subject + Auxiliary Verb + Object + Verb (SVaOV). Being more resistant because it is regular, *te* is more resistant in the SVaOV order. In environments where it needs to resist, being less regular, the VAOV order stands out. Regarding the “pronominal collocation” as an environment of resistance, we do not extend our considerations, as the proclitic collocation is established in the C-Oral-Brasil data.

Keywords: Pronoun *te*. Resistance levels. Classical Functional Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Menu de busca do AC/DC: Corpus C-Oral-Brasil	69
Figura 2 - Exemplo de pesquisa no atributo contexto	69
Figura 3 - Exemplos de Dados do D & G natal no Microsoft Excel (2010)	71
Figura 4 - Tipo semântico do verbo em relação ao uso dos pronomes <i>te</i> e <i>lhe</i>	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Machado (1941).....	19
Quadro 2 - Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Maurer Junior (1959).....	20
Quadro 3 - Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Said Ali (1964).	22
Quadro 4- Flexão de pronomes, segundo Cart et al. (1979).....	24
Quadro 5 - Flexão de pronomes, segundo Almeida (1994).....	24
Quadro 6 - Flexão de pronomes átonos, segundo Mateus et al. (2003).	25
Quadro 7 - Flexão de pronomes átonos, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2008).	26
Quadro 8 - Flexão de pronomes átonos, segundo Bechara (2009).....	27
Quadro 9 - Flexão de pronomes, segundo Neves (2011).	30
Quadro 10 - Flexão de formas átonas, segundo Neves (2011).....	30
Quadro 11 - Flexão de pronomes, segundo Castilho (2014).....	31
Quadro 12 - Funções sintáticas do pronome <i>te</i> em gramáticas normativas.....	33
Quadro 13 - Resumo preliminar de Ocorrências dos Pronomes <i>te</i> , <i>lhe</i> e <i>você</i>	66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das formas acusativas ao longo de um século	51
Gráfico 2 – Percentual de ocorrência das variantes dativas	52
Gráfico 3 – Frequência de <i>te</i> e <i>lhe</i> acusativo por décadas do século XX.....	55
Gráfico 4 – Avaliações dos informantes acerca de frases que combinam sujeito com as formas de <i>te</i> e <i>você</i> na posição de OD.....	56
Gráfico 5 – Formas de representação do OD em Salvador e em Santo Antônio de Jesus	58
Gráfico 6 – Níveis de resistência do pronome <i>te</i> no ambiente “função sintática”	76
Gráfico 7 – Ocorrências de <i>te</i> com verbos simples (%)	78
Gráfico 8 – Níveis de resistência do <i>te</i> por tipo semântico do verbo	79
Gráfico 9 – Ocorrências de <i>te</i> em locuções verbais e tipo semântico (%)	81
Gráfico 10 – Níveis de resistência do <i>te</i> por tipo semântico do verbo em locuções verbais....	82
Gráfico 11 – Ordenações com <i>te</i> em locuções verbais.....	84
Gráfico 12 – níveis de resistência do <i>te</i> no ambiente ordenação.....	84
Gráfico 13 – Níveis de resistência do pronome <i>te</i> no ambiente “função sintática” no D & G	86
Gráfico 14 – Tipo semântico nas ocorrências de <i>te</i> com verbos simples no D & G (%).....	87
Gráfico 15 – Níveis de resistência do <i>te</i> por tipo semântico do verbo no D & G	88
Gráfico 16 – Ocorrências de <i>te</i> em locuções verbais e tipo semântico no D & G(%)	90
Gráfico 17 – Níveis de resistência do <i>te</i> por tipo semântico em locuções verbais D & G:.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - A distribuição das formas pronominais exercendo a função de complemento na amostra brasileira.....	49
Tabela 2 – Distribuição das formas clíticas de 2SG ao longo do tempo em amostra de peças teatrais brasileiras	50
Tabela 3 – Correlação entre o tratamento na posição de sujeito e as estratégias utilizadas como complemento acusativo na escrita epistolar carioca.....	51
Tabela 4 – Correlação entre o tratamento na posição de sujeito e as estratégias utilizadas como complemento dativo na escrita epistolar carioca.....	53
Tabela 5- Distribuição total das formas de referência de à segunda pessoa em posição acusativa no falar soteropolitano	54
Tabela 6- Distribuição das variantes acusativas e dativas de 2SG em roteiros de seriados televisivos	56
Tabela 7- Níveis de resistência: tipo semântico do verbo	72
Tabela 8 - Verbos e quantidade de ocorrências.....	77
Tabela 9 - Tipos semânticos dos verbos simples que ocorrem com <i>te</i>	78
Tabela 10 - Locuções verbais que mais ocorrem com <i>te</i>	80
Tabela 11 - Tipos semânticos das locuções verbais que ocorrem com <i>te</i>	81
Tabela 12- Ordenações com <i>te</i> em locuções verbais.....	83
Tabela 13- Verbos e quantidade de ocorrências no D & G.....	86
Tabela 14 - Tipos semânticos dos verbos simples que ocorrem com <i>te</i> no D e G	87
Tabela 15 - Locuções verbais que ocorrem com <i>te</i> no D&G.	89
Tabela 16 - Tipos semânticos das locuções verbais que ocorrem com <i>te</i> no D & G	90
Tabela 17 - Resultados C-Oral-Brasil e D & G.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

+CP	complementos do predicado
+NSN	mais núcleo do sintagma nominal
2SG	2º Pessoa do Singular
ANGB	Antes da Nomenclatura Gramatical Brasileira
D&G	Grupo Discurso e Gramática
DNGB	Depois da Nomenclatura Gramatical Brasileira
-Int	menos intensificadores
-Mod	menos modificadores
OD	Objeto direto
OI	Objeto indireto
PB	Português Brasileiro
PCI	Português Clássico
PE	Português Europeu
-PN	posição pré-núcleo
-Pv	menos predicativos
SN	sintagma nominal
SVaOV	Sujeito + Verbo auxiliar + objeto + verbo
SVO	
-T, SN	termo dentro do sintagma nominal
VaOV	Verbo auxiliar + objeto + verbo
VaSapOV	Verbo auxiliar + S (apagado) + objeto + verbo
VaSOV	Verbo auxiliar + sujeito + objeto + verbo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	OBJETIVO GERAL.....	16
1.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
1.3	QUESTÕES DE PESQUISA	16
1.4	HIPÓTESES	17
1.5	PROBLEMÁTICA.....	17
1.6	JUSTIFICATIVA.....	17
2	OS PRONOMES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	19
2.1	PRONOMES NO PORTUGUÊS E NO PORTUGUÊS DO BRASIL	19
2.2	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME <i>TE</i>	32
2.2.1	Transitividade verbal e funcional	34
2.3	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: ASPECTOS DISCURSIVOS REFERENTES O PRONOME <i>TE</i>	37
2.4	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: QUESTÕES DISCURSIVAS REFERENTES AO PRONOME <i>TE</i>	40
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	42
3.1	A ENTRADA DE <i>VOCÊ</i> NO SISTEMA PRONOMINAL: IMPLICAÇÕES PARA A RESISTÊNCIA DO <i>TE</i>	42
3.2	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE CLÍTICOS DE 2ª PESSOA EM PB	43
3.3	LINGÜÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA	58
4	O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	65
4.1	A UTILIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA E A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	65
4.2	DESCRIÇÃO DOS <i>CORPORA</i> DE DO MATERIAL COLETADO.....	66
4.3	SOBRE A METODOLOGIA DE OBSERVAÇÃO DOS AMBIENTES DE RESISTÊNCIA	71
4.3.1	Observações complementares sobre os dados e os ambientes de resistência	73
5	ANÁLISE DOS DADOS	75
5.1	DADOS DO C-ORAL-BRASIL: PRONOME <i>TE</i>	75
5.2	DADOS DO D&G: PRONOME <i>TE</i>	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95

REFERÊNCIAS97
ANEXOS 103

1 INTRODUÇÃO

A expectativa de uniformidade de tratamento da gramática tradicional, em que o uso de pronomes deve corresponder às pessoas gramaticais, é questionada com as mudanças no sistema pronominal no Português Brasileiro (doravante PB). Em enunciados como “*Faça o que te pedem*”, a forma “*faça*” refere-se a você, tem o verbo na 3ª pessoa, mas essa referência é retomada por um clítico de 2ª pessoa *te*, proveniente do paradigma de *tu*. Assim, observamos formas de tratamento de 2ª e 3ª pessoas relacionadas no mesmo contexto, numa quebra de uniformidade sintática. Essa é a situação descrita por Brito (2001) ao tratar da uniformidade de tratamento.

A introdução da língua portuguesa no Brasil data do século XVI. Esta foi a era do Português Clássico (doravante PCI), que se distinguiu por uma sintaxe proclítica para clíticos pronominais. O português europeu moderno (doravante PE) é enclítico, enquanto o português brasileiro contemporâneo (doravante PB) é proclítico resistente (GALVES, 2001; 2007).

Com a inserção do pronome de tratamento “*você*” no sistema pronominal do português a partir de processos de gramaticalização atinentes à expressão *vossa mercê*, a expectativa de uniformidade sintática da gramática normativa em relação às posições sintáticas de sujeito e objeto e às formas pronominais que podem funcionar em cada posição, é quebrada¹. Comprova-se deste modo como *você* causou alterações no sistema pronominal, em que *tu* decai frente a esse, bem como alternâncias entre as maneiras de representar a 2ª pessoa do singular (2SG) na posição de complemento. Porém, ocorre que, mesmo com a queda de *tu*, o pronome *te* se mantém como clítico prototípico de 2SG na posição de complemento.

De acordo com dados experimentais, as categorias apresentam melhor uma estrutura de protótipo, ou seja, existem bons e maus exemplos (LABOV, 1973; ROSH, 1978; TAYLOR, 2003). Os membros centrais ou protótipos (melhores exemplos), em torno dos quais os demais se agrupam, são os membros mais representativos, ou seja, aqueles que os falantes evocam pela primeira vez ao ouvir ou ver o nome de uma categoria. Por exemplo, o “caderno” da categoria “material escolar” é uma boa ilustração de um membro protótipo.

¹ O conceito de que a regularidade universal deveria corresponder à regularidade linguística e que desvios e irregularidades deveriam ser eliminados como anomalias foi desenvolvido pelos filósofos estoicos no século III aC. Esses filósofos acreditavam que as formas lexicais e os conceitos devem estar relacionados. Analogistas, aqueles que “se empenharam em estabelecer modelos ('paradigmas') segundo os quais as palavras (então chamadas de 'regulares') poderiam, em sua maior parte, ser classificadas”, foram os primeiros proponentes dessa teoria. A eles se opunham os estoicos, também conhecidos como anomalistas, que, embora reconhecessem o valor da analogia, “destacavam o grande número de irregularidades que o raciocínio não conseguia explicar” e as “distorções que existiam na linguagem entre número, ou gênero gramatical, e realidade” (DUBOIS et al., 2004, p. 54).

A semântica dos protótipos reutilizou a noção de traço ou componente para a de atributo, a fim de se diferenciar do foco tradicional na categorização e no significado. Enquanto os atributos têm impacto, os traços são marcados por serem binários e, por isso, compartilham o mesmo status analítico. Deve haver características mais centrais (prototípicas) do que outras se houver indivíduos mais representativos (DUQUE, 2001).

Em detrimento disso, realizarmos mais um estudo sobre a alternância de formas linguísticas nessa posição, admitindo que o *te* é o protótipo, desejamos investigar os ambientes de resistência, considerando que o *te* resiste como protótipo e resiste em ambientes em que atua com menos força ou precisa concorrer. São estes os dois sentidos de resistência observados.

Assim contextualizado, este trabalho teve como objeto de estudo o clítico *te* em ambientes de resistência com o objetivo geral de identificar os ambientes de resistência do *te* como clítico prototípico para expressão da 2SG na função de objeto no português do Brasil sob a perspectiva da linguística funcional clássica. Nossos objetivos específicos foram: Examinar a que outras formas o clítico *te* resiste entre os clíticos de 2SG na função de objeto; Identificar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado; Caracterizar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado; Investigar os fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*; Analisar a ordenação em que o clítico *te* se mostra mais resistente; Identificar a colocação pronominal em que o *te* se mostra mais resistente; Propor uma quantificação de níveis de resistência do *te*.

Enquanto problemática, salientamos que as gramáticas tradicionais que investigam a complementação de 2SG tratam da alternância de formas linguísticas que figuram nesta posição e indicam a regularidade do clítico *te* em relação às demais. Notamos, porém, que, mesmo diante de uma regularidade comprovada em várias pesquisas, o *te* enquanto protótipo encontra ambientes pontuais nos quais a sua resistência sofre variação. A partir desta problemática, fazemos os seguintes questionamentos: A que outras formas linguísticas o clítico *te* resiste na função de objeto de 2SG? Que ambientes de resistência identifica-se para o clítico *te*? Como se caracterizam os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado? Que fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*? Em que ordenação o clítico *te* se mostra mais resistente na função de objeto no PB? Em que colocação pronominal o *te* é mais resistente? Como quantificar os níveis de resistência de *te* em cada ambiente de resistência identificado?

Com esses questionamentos em mente, consideramos as seguintes hipóteses para respondê-los: O pronome *te* representa o clítico prototípico de 2SG na função de objeto direto no PB, mas se encontra em ambientes de resistência; O clítico *lhe* e o pronome lexical *você* são

as formas principais às quais o *te* resiste como protótipo. A resistência do clítico *te* é variável diante de formas linguísticas que funcionam no mesmo contexto sintático, diante do conjunto de verbos com os quais ocorre, quanto ao tipo semântico do verbo, em relação à ordenação e à estrutura da oração em que está envolvido. A função não prototípica do *te* é a de OI, segundo Lemos e Matos (2017). Logo, do ponto de vista sintático, a resistência de *te* é dificultada em ambiente acusativo e os papéis semânticos que desempenha não são alterados mesmo em ambientes de resistência. A colocação pronominal em PB pretere a mesóclise tradicional e a ênclise, em prol da próclise, e é nesta colocação que o *te* mais resiste. A alta resistência de *te*, pautada em frequência, admite ambientes de variação da resistência.

Justificamos a relevância de investigar esta temática no contexto das demais pesquisas, por não continuarmos somente no viés da alternância das formas de complementação de 2ª pessoa, mas observarmos o pronome *te*, buscando descrever os ambientes nos quais se tornou prototípico e como o clítico se relaciona com estes. Acresce a utilização do aporte teórico da Linguística Funcional Clássica, no que se refere à regularidade e à prototipicidade. Em alguns momentos observamos a gramaticalização segundo o parâmetro extensão pragmática.

Neste embasamento teórico, os seguintes autores se destacam: Martelotta e Kenedy (2003), Furtado da Cunha e Tavares (2016), Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015), Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Bybee (2016), Givón (1995), Lakoff (1987) e Hopper e Thompson (1980). Para a complementação de 2ª pessoa, destacam-se: Souza (2014); Oliveira (2014), Almeida (2009) e Oliveira (2018).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa. No sentido de atingir aos objetivos específicos de: Analisar a ordenação em que o clítico *te* se mostra mais resistente; Identificar a colocação pronominal em que o *te* se mostra mais resistente; Propor uma quantificação de níveis de resistência do *te*, predomina-se a análise quantitativa, enquanto para os demais: Examinar a que outras formas o clítico *te* resiste entre os clíticos de 2SG na função de objeto; Identificar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado; Caracterizar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado; Investigar os fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*, predomina-se a análise qualitativa.

O texto encontra-se dividido em 5 capítulos: O primeiro refere-se à introdução, na qual ainda discorrem-se os objetivos, as questões de pesquisa, hipóteses, problemática e justificativa. O segundo capítulo traz uma discussão sobre os pronomes no português Brasileiro. O terceiro apresenta a Fundamentação teórica, o quarto o método e os procedimentos metodológicos e, por fim, o quinto apresenta a análise de dados.

1.1 OBJETIVO GERAL

Identificar os ambientes de resistência do *te* como clítico prototípico para expressão da 2SG na função de objeto no português do Brasil sob a perspectiva da linguística funcional clássica.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Examinar a que outras formas o clítico *te* resiste entre os clíticos de 2SG na função de objeto;
- Identificar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado;
- Caracterizar os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado;
- Investigar os fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos que estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*;
- Analisar a ordenação em que o clítico *te* se mostra mais resistente;
- Identificar a colocação pronominal em que o *te* se mostra mais resistente;
- Propor uma quantificação de níveis de resistência do *te*.

1.3 QUESTÕES DE PESQUISA

- A que outras formas linguísticas o clítico *te* resiste na função de objeto de 2SG?
- Que ambientes de resistência se identifica para o clítico *te*?
- Como se caracterizam os ambientes de resistência em que o *te* é utilizado?
- Que fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos estão envolvidos na resistência do clítico prototípico *te*?
- Em que ordenação o clítico *te* se mostra mais resistente na função de objeto no PB?
- Em que colocação pronominal o *te* é mais resistente?
- Como quantificar os níveis de resistência de *te* em cada ambiente de resistência identificado?

1.4 HIPÓTESES

- O pronome *te* representa o clítico prototípico de 2SG na função de objeto no PB, mas se encontra em ambientes de resistência;
- O clítico *lhe* e o pronome lexical “você” são as formas principais às quais o *te* resiste como protótipo.
- A resistência do clítico *te* é variável diante de formas linguísticas que funcionam no mesmo contexto sintático, diante do conjunto de verbos com os quais ocorre, quanto ao tipo semântico verbo, em relação à ordenação e à estrutura da oração em que está envolvido;
- A função não prototípica do *te* é a de OI, segundo Lemos e Matos (2017). Logo, do ponto de vista sintático, a resistência de *te* é dificultada em ambiente acusativo. Os papéis semânticos que desempenha não são alterados mesmo em ambientes de resistência; do ponto de vista discursivo-pragmático, o menor grau de formalidade do discurso, assim como seu status informacional, favorecem a alta resistência de uso do *te*, frente ao clítico *lhe* e ao pronome lexical *você*.
- A colocação pronominal em português brasileiro pretere a mesóclise tradicional e a ênclise, em prol da próclise, e é nesta colocação que o *te* mais resiste.
- A alta resistência de *te*, pautada em frequência, admite ambientes pontuais de resistência baixa.

1.5 PROBLEMÁTICA

As gramáticas tradicionais que investigam a complementação de 2SG tratam da alternância de formas linguísticas que figuram nesta posição e indicam a regularidade do clítico *te* em relação às demais. Notamos, porém, que, mesmo diante de uma regularidade comprovada em várias pesquisas, o *te*, enquanto protótipo, encontra ambientes pontuais de alta resistência.

1.6 JUSTIFICATIVA

A literatura linguística referente à complementação de 2SG tem comprovado a regularidade e/ou prototipicidade de *te* nessa posição e até mesmo explica fenômenos desse entorno em termos de gramaticalização em direção à afixação do clítico. Por esse motivo, ao observarmos a complementação de 2SG, em detrimento de fazer um trabalho que observasse

formas pronominais em concorrência. Acreditamos que esta proposta se torna mais relevante, partindo do que já está estabelecido, isto é, o *te* é um protótipo para a representação de 2SG na posição de complemento, direcionando para os ambientes linguísticos que questionam essa realidade.

Justificamos a escolha dos estudos apresentados para revisão teórica pelo fato de buscarmos mostrar as principais pesquisas, abordando regiões diferentes e metodologias diferentes de observação de dados.

Os corpora escolhidos também priorizaram abordar as regiões Nordeste e Sudeste para mostrar como o Nordeste poderia ou não mostrar o *te* em ambientes de maior resistência em relação ao padrão de utilização do *te*, refletido com regularidade comprovada em dados do sudeste. Além disso, cada um deles reflete particularidades que são úteis à investigação de ambientes de resistência: o C-Oral-Brasil exemplifica um ambiente de alta resistência do *te* em dados de oralidade. O Web-dialetos permite a observação do *te* em uma modalidade de certa forma híbrida (escrita com informalidade da oralidade) que seria a linguagem utilizada na rede mundial de computadores, além de permitir que vejamos dados mais recentes de utilização do *te*; o VALPB apresenta-se como um polo em relação ao C-Oral-Brasil, mostrando um ambiente de baixa resistência de *te* no Nordeste. O D&G Natal, com dados nordestinos, permite observar a resistência do *te*, num conjunto de dados diferente, possibilitando a comparação com os dados do C-Oral-Brasil, além de mostrar dados de outra região para o caso de o fator extralinguístico se tornar relevante em relação aos dados do VALPB, à escolaridade, às modalidades oral e escrita, caso estas interferissem de modo relevante em nossas observações.

O aporte teórico de Linguística Funcional Clássica, além de se tornar importante diante de trabalhos que foram embasados, em sua maioria, na Sociolinguística, foi relevante por trabalharmos os conceitos de prototipicidade e regularidade, denotando que ambientes de resistência são regulares ou prototípicos para o *te* ou em escala mais interna, como fatores do ambiente de resistência são mais ou menos regulares ou prototípicos.

2 OS PRONOMES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, apresentamos a categoria gramatical *pronome*, destacando a representação átona de 2ª pessoa do singular (doravante 2SG). Partimos de informações históricas e/ou de Gramática latina sobre o quadro pronominal do português brasileiro, indicamos os conceitos da gramática normativa sobre a categoria, destacamos as funções sintáticas, semânticas e pragmáticas no que concerne à 2SG, além de discutirmos sua função dêitica. Ademais, destaca-se a presença do clítico a partir das discussões sobre o PB.

2.1 PRONOMES NO PORTUGUÊS E NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Iniciaremos com as discussões colocadas por Raúl Machado, em *Questões de Gramática Latina* (1941), visto que, considerando o Português Europeu, outros autores puderam debruçar-se sobre a discussão pronominal no PB anos mais tarde. Diferentemente dos compêndios gramaticais ou obras que discutem conteúdo gramatical referente à categoria presente nesta discussão, Machado (1941) não começa por conceituar os pronomes, propondo-se a discutir a formação e flexão dos pronomes, distribuindo-os em três grandes classes (pronomes demonstrativo e relativo; pronomes interrogativo e indefinido e pronomes pessoais), as quais discute nesta ordem, sem colocar em primeiro lugar os pronomes pessoais, como comumente se dá em outros compêndios.

Sobre os pronomes pessoais, Machado (1941) coloca os seguintes quadros de flexão para singular e plural, tal como transcrito abaixo (Quadro 1):

Quadro 1- Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Machado (1941).

SINGULAR						
PESSOAIS				REFLEXOS		
	1ª	2ª	3ª	1ª	2ª	3ª
Nom.	<i>ego</i>	<i>tu</i>				
Gen.	<i>mei</i>	<i>tui</i>		<i>(mei)</i>	<i>(tui)</i>	<i>sui</i>
Dat.	<i>mihi</i>	<i>tibi</i>		<i>(mihi)</i>	<i>(tibi)</i>	<i>sibi</i>
Acus.	<i>me</i>	<i>te</i>		<i>(me)</i>	<i>(te)</i>	<i>se</i>
Abl.	<i>me</i>	<i>te</i>		<i>(me)</i>	<i>(te)</i>	<i>se</i>
PLURAL						
Nom.	<i>nos</i>	<i>vos</i>				
Gen.	<i>Nostrum (nostri)</i>	<i>Uestrum (uestri)</i>	—	—	—	<i>sui</i>
Dat.	<i>nobis</i>	<i>uobis</i>				<i>sibi</i>
Acus.	<i>nos</i>	<i>uos</i>				<i>se</i>
Abl.	<i>nobis</i>	<i>uobis</i>				<i>se</i>

Fonte: Machado (1941, p.132)

De acordo com o Quadro 1, Machado (1941) mostra quatro pronomes pessoais: *ego*, para a 1ª pessoa do singular; *tu*, para a 2ª pessoa do singular; *nos*, para a 1ª pessoa do plural e *vos* para a 2ª pessoa do plural. Vale ressaltar que *nos* e *vos* não são plurais para *ego* e *tu*, uma vez que *nos* implica *eu* e *tu*, *eu* e *vos* e *eu* e outros. Já *vos* indica *tu* e *ele* e *tu* e outros.

Não existe pronome pessoal de 3ª pessoa em latim, de modo que os pronomes demonstrativos exercem essa função. Machado (1941) salienta que *ego*, *tu*, *nos* e *vos* são empregados para os três gêneros, assim como o *se* reflexivo. Machado (1941) segue com explicações detalhadas sobre a formação de cada pronome em cada caso latino e destaca sobre as formas de acusativo, *me*, *te* e *se*, a perda da desinência *-m*, própria deste caso. Acrescenta também a utilização de formas diferentes para nominativo e acusativo para 1ª e para 2ª pessoas, isto é, *ego* e *me* e *tu* e *te*.

Assim como Machado (1941), a *Gramática do Latim Vulgar* de Maurer Junior (1959) assinala como inovação na língua vulgar a criação de formas pronominais de 3ª pessoa, a partir do demonstrativo *ille* e também de *ipse*, já que, a princípio, mais de um demonstrativo concorreu para ocupar essa posição pronominal de 3ª pessoa. Segundo Maurer Junior (1959), os pronomes conservam maior distinção entre os casos latinos nominativo, dativo e acusativo, os quais vemos que o estudioso resalta em seu quadro pronominal (Quadro 2):

Quadro 2 - Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Maurer Junior (1959).

Quadro 2 Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Maurot Junior (1999).

1ª pessoa				
	singular		plural	
nom.	eo		nos	
dat.	mi (e mihi)		nos (e nobis)	
acus.	me		nos	
2ª pessoa				
	Singular		Plural	
nom.	tu		vos	
dat.	ti (e tibi)		vos (e vobis)	
acus.	te		vos	
3ª pessoa				
	singular			
	masc.	fem.	neutro	reflexivo
nom.	ille e illi	illa	illud	si (sibi)
dat.	(il)lui e (il)li	(il)laei e (il)li		Si (sibi)
acus.	(il)lum	(il)lam	(il)lud	se
	plural			
	masc.	fem.	neutro	reflexivo
nom.	illi	illae	illa	(como no singular)
dat.	(il)lis e (il)lorum (para os três gêneros)			
acus.	(il)los	(il)las	(il)la	

Fonte: Maurer Junior (1959, p. 106-107)

Maurer Junior (1959) comenta que a distinção entre nominativo e acusativo não é clara na România, exceto no romeno e no sardo. No português antigo, a distinção existia, de modo que se identificava os dativos *mi*, *ti*, *si* e os acusativos *me*, *te*, *se*.

Lições de Filologia Portuguesa (1959), de J. Leite de Vasconcelos, trata de pronomes e artigos conjuntamente. Após citar a classificação dos pronomes e colocar a origem de cada um dos pronomes pessoais, Vasconcelos (1959, p. 48) destaca as funções de sujeito e complemento e lista os átonos para 1ª, 2ª e 3ª pessoas, indicando as respectivas formas de origem, como se vê abaixo:

arc. *mi* < *mi* = *mihi*;
me < *mi*, e < *me*;
mim: de *mi*, com nasalamento do *i*, por influência do *m* inicial, como em *m-uito* < *muito* < *multu*;
ti < *tibi* por influência de *mi*;
te < *te*
 arc. *li* ou *lhi* < (il) *li*;
lhe < (il)*li*, tendo-se o *l* palatalizado ao contacto de uma vogal seguinte, por ex.: *lio* < *lhio* < *lh'o* [...]
o, *os*, *a*, *as* (tem a mesma origem que o artigo, de que se falará depois);
nos (*nus*) < *nos*;
lis ou *lhis* e *lhes*: formados de *li* ou *lhi* ou *lhe*, por analogia com os nomes que formam o plural em *-s*;
se < *se*;
si < *sibi* (*sibi* transformou-se analogamente a *tibi*).

Vasconcelos (1959) resume, então, as formas átonas em *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos* para o PE e *o*, e segue detalhando as formações como *comigo*, *contigo* etc. Em Said Ali, na *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964), há a conceituação da categoria pronome: “é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso” (SAID ALI, 1964, p.61). Em acréscimo, indica que pessoas do discurso são designações para o indivíduo que fala, para aquele com quem se fala e para outro indivíduo ou coisa de que se fala. Said Ali (1964) explica também a existência de pronomes considerados nomes substantivos, os quais chama de absolutos, e outros que se juntam ao nome, motivo pelo qual são pronomes adjuntos ou pronomes adjetivos.

Quanto ao aspecto gramatical, esses dois pronomes também têm as qualidades distintivas de não funcionarem como objeto direto e não sustentarem preposições, neste exemplo, para *eu*, para *tu*. Os pronomes que correspondem aos demais casos são utilizados como complementos verbais, enquanto os casos nominativos latinos são usados sintaticamente como sujeito oracional.

As aplicações dos pronomes que aparecem nessas configurações não são apropriadas para o PB, pois as formas *você* e *a gente*, que são usadas para a 2ª e a 1ª do plural, respectivamente, co-ocorrem. Além disso, a 2ª pessoa do plural (*vós*) não é mais usada nessas circunstâncias. O uso de pronomes pessoais é permitido no português popular brasileiro, europeu e africano. Embora coexistam, os pronomes *tu* e *nós* são frequentemente substituídos no PB por *você* e *a gente*, respectivamente, assim como o pronome *vós* para *vocês* (FERREIRA, 2020).

Após indicar a classificação dos pronomes em pessoais (no que inclui reflexivos e recíprocos), possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos, o gramático explica os primeiros, enfatizando a referência citada das pessoas do discurso. Não diz que *nós* não é plural da 1ª pessoa do singular *eu*, mas ressalta o que *nós* significa, a saber: eu e tu, eu e êle (ela), eu e vós, eu e eles (elas). Said Ali (1964) já usa as expressões *formas retas* e *oblíquas*, referindo-se, respectivamente, às funções sintáticas de sujeito e complemento exercidas pelos pronomes. Tendo em vista nosso foco nos pronomes oblíquos, ressaltamos a divisão em átonos e tônicos, assim exemplificada pelo gramático: “Visitaste-me, Espero-te, Tudo depende de mim, Não partirei sem ti”. (SAID ALI, 1964, p. 61). Note-se que as duas últimas orações exemplificam oblíquos tônicos, precedidos pelas preposições *de* e *sem*.

O quadro pronominal configurado por Said Ali (1964) é o seguinte (Quadro 3):

Quadro 3 - Flexão de pronomes no singular e no plural segundo Said Ali (1964).

	FORMAS DE SUJEITO	FORMAS OBLÍQUAS	
		Não preposicionadas	Preposicionadas
Singular: 1ª pessoa	Eu	me	mim
2ª pessoa	Tu	te	ti
3ª pessoa	êle, ela	lhe, o, a	Êle, ela
Plural: 1ª pessoa	nós	nos	nós
2ª pessoa	vós	vos	vós
3ª pessoa	Eles, elas	lhes, os, as	êles, elas

Fonte: Said Ali (1964, p. 62)

Said Ali (1964) acrescenta que as formas oblíquas, seguidas da preposição *com*, são ditas *comigo*, *contigo*, *conosco* e *convosco*, em detrimento de *com mim*, por exemplo. Sobre os oblíquos de 1ª e 2ª pessoas, assevera que servem tanto como pronomes pessoais como reflexivos, enquanto a 3ª pessoa, no singular ou no plural, é representada pelas formas *se*, *si*, *consigo*.

Ainda sobre a 2ª pessoa, Said Ali (1964) comenta a aplicação limitada *tu*, em decorrência do uso do termo *você*, destacando que o plural é *vocês* e não *vós* sobre o qual notificou o desuso. Em situações que exigem polidez maior, as formas *tu* e *vós* são preteridas

em favor de *Senhor* e *Senhora*, com verbos conjugados na 3ª pessoa e a utilização dos átonos *lhe*, *o*, *a*, *lhes*, *os* e *as*.

A partir da *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* (1964), também de autoria de Said Ali, algumas informações podem ser acrescentadas. Em *Pronomes: espécies, formas e significação*, Said Ali (1964) questiona a costumeira definição de pronomes como palavras que valem em lugar dos nomes, o que se direciona para os pronomes classificados como substantivos. A questão colocada refere-se a autorizar que, uma vez designados os seres, fossem criadas, ao mesmo tempo, formas de substituir os mesmos nomes. Said Ali (1964) afirma como correto o ponto de vista de Henry Sweet em sua definição de pronomes como nomes e adjetivos gerais que se opõem aos nomes e adjetivos especiais.

Said Ali (1964) retoma as informações já colocadas na *Gramática Secundária da Língua Portuguesa* (1964) e acrescenta que, para a 2ª pessoa, quando *tu* deixou de imprimir o sentimento de humildade e respeito necessário a dadas situações mais polidas, recorreu-se às formas indiretas de tratamento, no que *vós* se fez útil. O autor ainda salienta que:

Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim, aproximavam-se os vassalos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituído depois por *vossa alteza* (SAID ALI, 1964, p. 93).

Vossa mercê chegou à variante *você*, com antigo prestígio perdido, aplicando-se aos indivíduos de condição igual, além de servir como plural semântico de *Tu*. Retoma-se *Senhor* e *Senhora* para o tratamento com maior respeito e polidez.

No que concerne aos pronomes átonos, os comentários seguem o que foi citado no quadro pronominal da Gramática Secundária. Sobre as funções sintáticas dos oblíquos átonos, Said Ali (1964) explica que *lhe* é uma forma de objeto indireto (OI) e *o* é objeto direto (OD), na 3ª pessoa. Afirma por último que as demais formas, o que inclui o *te* da 2SG, servem indiferentemente como OD e OI.

Coutinho (1976), por sua vez, em *Pontos de Gramática Histórica*, coloca que os pronomes pessoais eram mais empregados no latim vulgar do que no clássico. Enquanto os pronomes de 1ª e 2ª pessoas são provenientes de iguais pessoas no latim, os de 3ª pessoa decorrem do demonstrativo, tal como citado por Machado (1941) anteriormente. Lista também os pronomes pessoais como “tônicos, isto é, acentuados: *eu*, *mim*, *tu*, *ti*, *nós*, *vós*; ou átonos: *me*, *te*, *se*, *lhe*, *o*, *a*, *nos*, *vos*, *lhes*, *os*, *as*.” (COUTINHO, 1976, p. 253).

O gramático explica com vagar a estrutura de origem de cada forma pronominal nas diferentes pessoas. Em virtude do nosso objeto de estudo, destacaremos suas colocações sobre a 2ª pessoa. Mencionando os casos latinos, o autor indica primeiramente o nominativo *tu* e o dativo *ti* por *tibi* > *ti*, formado a partir de processo analógico com *mi*. Segundo Coutinho (1976) a forma arcaica *ti* deu origem a *te*, explicando a variação de tal forma como OI em português, embora o acusativo também seja *te*.

Cart et al. (1979), em *Gramática Latina*, apresentam informações bastante resumidas sobre os pronomes pessoais. Sobre a 1ª e a 2ª pessoas, expõem o quadro pronominal, sem especificações a respeito de singular, plural ou formas referentes ao sujeito ou ao complemento. As formas são apenas expostas, como segue (Quadro 4):

Quadro 4- Flexão de pronomes, segundo Cart et al. (1979).

1ª pessoa		2ª pessoa	
Nom. ego, <i>eu</i>	nos, <i>nós</i>	tu, <i>tu</i>	vos, <i>vós</i>
Acus. me, <i>me</i>	nos, <i>nos</i>	te, <i>te</i>	vos, <i>vos</i>
Gen. mei, <i>de mim</i>	nostri, <i>de nós</i> nostrum	Tui, <i>de ti</i>	vestri, <i>de vós</i> vestrum
Dat. Mihi (mi), <i>me</i> , a <i>mim</i>	nobis, <i>nos</i> , a <i>nós</i>		Vobis, <i>vos</i> , a <i>vós</i>
Abl. Me (por) <i>mim</i>	Nobis, (por) <i>nós</i>		vobis (por) <i>vós</i>

Fonte: Cart et al. (1979, p. 32)

Resumidamente, Cart et al. (1979) indicam que, quando o pronome pessoal não representa a mesma pessoa que o sujeito, recorre-se ao pronome demonstrativo *is*, *ea*, *id*. Quando o pronome pessoal representa a mesma pessoa que o sujeito, emprega-se o pronome reflexivo, o qual é apresentado pelos autores segundo os casos latinos.

Almeida (1994) define o pronome como a palavra que substitui o nome ou que tem esse potencial, acrescentando que os do tipo pessoal colocam o ser em relação à pessoa gramatical. O gramático os divide sintaticamente em retos e oblíquos, segundo as funções de sujeito e complemento do verbo. O quadro pronominal que o autor escreve configura-se assim (Quadro 5):

Quadro 5 - Flexão de pronomes, segundo Almeida (1994).

PRONOMES PESSOAIS		
Pessoa gramatical	Caso reto	Caso oblíquo
Singular 1ª	eu	me, mim, migo
2ª	tu	te, ti, tigo
3ª	ele, ela	o, a, lhe, se, si, sigo
Plural 1ª	nós	nos, nosco
2ª	vós	vos, vosco
3ª	eles, elas	os, as, lhes, se, si, sigo

Fonte: Almeida (1994, p. 135)

Por sua vez, Williams (1994), em *Do latim ao português*, trata da temática sob o viés de formas acentuadas ou não acentuadas dos pronomes pessoais. Os pronomes átonos aparecem como formas não acentuadas, não influenciadas por sons adjacentes, tal como se dá com -lo e -no, por exemplo. Williams (1994, p. 153) distingue os pronomes átonos no latim clássico e no português, sobre o qual cita as formas *me*, *te*, *se*, *nos* e *vos* como aquelas não acentuadas e não influenciadas por sons adjacentes.

Mateus *et al.* (2003) explicam os pronomes clíticos no contexto das palavras que servem à referência. Os autores distribuem as informações sobre os pronomes de acordo com a acentuação. Diante disso, apresentam um quadro de pronomes pessoais retos e oblíquos tônicos, que chamam de pronomes fortes. Em seção separada, destacam os clíticos dentre os pronomes pessoais. Estes salientam, tal como outros gramáticos já citados, que os pronomes pessoais referenciam o falante, o locutor e aquela pessoa ou coisa de que se fala. Quanto aos clíticos, são definidos como aqueles que correspondem prototipicamente às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associadas à posição de complementos dos verbos. O quadro pronominal apresentado pelos autores, mostra clíticos não reflexos e reflexos, referências à pessoa gramatical e ao caso. Vejamos no Quadro 6:

Quadro 6 - Flexão de pronomes átonos, segundo Mateus et al. (2003).

Pessoas gramaticais	Clíticos não reflexos		Reflexos
	Acusativo	Dativo	Acusativo/Dativo
1ª singular	me	me	me
2ª singular	te	te	te
3ª singular	o,a	lhe	se
1ª plural	nos	nos	nos
2ª plural	vos	vos	vos
3ª plural	Os, as	lhes	se

Fonte: Mateus *et al.* (2003, p. 827)

Mateus *et al.* (2003) seguem com explicações detalhadas sobre a tipologia dos clíticos, explicando, por exemplo, clíticos com conteúdo argumental, clíticos inerentes, clíticos e o processo de gramaticalização em direção aos afixos, e outros temas na mesma ambiência dos átonos pronominais. Para manutenção do que escolhemos destacar em cada compêndio gramatical, não vamos apresentar aqui este detalhamento feito pelos autores.

Para Celso Cunha e Lindley Cintra (2008), três características podem ser listadas para os pronomes pessoais: denotam três pessoas gramaticais (1ª pessoa, a que fala; 2ª pessoa: para quem se fala; 3ª pessoa, de quem se fala); na 3ª pessoa, podem representar formas nominais que

tenham sido expressas anteriormente, e por apresentarem variação formal em termos de função e acentuação na oração. Sobre tal variação formal, assinala-se que, quanto à função, os pronomes pessoais são retos (função sintática de sujeito) e oblíquos (função sintática de objetos do verbo). Quanto à acentuação, tem-se as formas átonas e tônicas. No Quadro 7, Cunha e Cintra (2008, p. 291) reúnem pronomes átonos e tônicos.

Quadro 7 - Flexão de pronomes átonos, segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2008).

		Pronomes Pessoais Retos	Pronomes Pessoais Oblíquos Não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Fonte: Cunha e Cintra (2008, p. 291)

A respeito das funções sintáticas dos pronomes átonos, Cunha e Cintra (2008) indicam como formas próprias do OD *o, a, os, as; lhe, lhes* como próprias do OI e *me, te, nos, e vos* como passíveis de emprego em ambas as funções sintáticas.

Para Bechara (2009, p. 112), os pronomes fazem parte do conjunto de palavras da língua tidas como categoremáticas, pois são formas sem substância, “isto porque apresentam apenas, ou em primeiro lugar um significado categorial, sem representar nenhuma matéria extralinguística.”. Trata-se de uma categoria com componentes limitados que se referem a um significado léxico através da situação ou palavras do contexto.

Bechara (2009) indica duas pessoas do discurso que classifica como determinadas, a saber, falante e ouvinte, os quais correspondem respectivamente a 1ª e 2ª pessoas gramaticais. A 3ª pessoa é indeterminada e aponta para outra pessoa em relação aos participantes da relação de comunicação. Bechara (2009) indica um caráter semântico dos pronomes por meio da *dêixis*, já que compõem uma categoria que aponta para algo. Voltaremos a este assunto posteriormente (vide item 2.2). Antes de tratar de tipologia pronominal, Bechara (2009) salienta que os pronomes podem ser absolutos, quando são núcleos de sintagma nominal, à maneira dos substantivos, ou adjuntos do núcleo, à maneira de adjetivos, artigos e numerais.

Ao tratar dos pronomes pessoais, o gramático acrescenta que estes indicam 1ª e 2ª pessoas do discurso, além da 3ª pessoa do discurso, referida em relação às outras como não *eu* e não *tu*, correspondente a *ele* e *ela*. Sobre a pluralização destas pessoas, Bechara (2009) acentua que o fato de formas linguísticas diferentes serem empregadas para singular e plural já indica

que os pronomes não estão submetidos aos processos habituais de pluralização. Assim, “*nós*” não significa *eu + eu*, mas *eu* e outra pessoa ou ainda *eu* e outras pessoas.

Sobre as variações em termos de função sintática e acentuação, Bechara (2009) destaca as formas retas (função sujeito) e as oblíquas (função complemento). Os oblíquos átonos e tônicos são classificados em virtude de estes últimos estarem presos às preposições. No Quadro 8, Bechara (2009, p. 164) mostra a correspondência entre os pronomes pessoais retos e os pronomes pessoais oblíquos átonos e tônicos.

Quadro 8 - Flexão de pronomes átonos, segundo Bechara (2009).

PRONOMES PESSOAIS RETOS		PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
		átonos (sem prep..)	tônicos (c/prep.)
Singular	1ª pessoa: eu	me	mim
	2ª pessoa: tu	te	ti
	3ª pessoa: ele, ela	lhe, o, a, se	ele, ela, si
Plural	1ª pessoa: nós	nos	nós
	2ª pessoa: vós	vos	vós
	3ª pessoa: ele, ela	lhes, os, as, se	eles, elas, si

Fonte: Bechara (2009, p. 164)

Rocha Lima (2011) retoma Said Ali (1964) para definir o pronome como a palavra que denota o ente ou se refere a ele, considerando as pessoas do discurso. Diferencia sintaticamente os pronomes em subjetivos ou retos e objetivos ou oblíquos, conforme as respectivas funções sintáticas de sujeito e de complementos verbais. Sobre os pronomes oblíquos, Rocha Lima (2011, 157) apresenta as seguintes informações que abarcam oblíquos átonos e tônicos:

1ª PESSOA:

singular: *me* (forma átona); *mim* (forma tônica)

plural: *nos* (forma átona); *nós* (forma tônica)

2ª PESSOA:

singular: *te* (forma átona); *ti* (forma tônica)

plural: *vos* (forma átona); *vós* (forma tônica)

3ª PESSOA:

singular: *o, a, lhe, se* (formas átonas); *ele, ela, si* (formas tônicas)

plural: *os, as, lhes, se* (formas átonas); *eles, elas, si* (formas tônicas)

Rocha Lima (2011) diferencia as formas de 3ª pessoa, indicando *o, a, os, as* como aquelas que são empregadas em substituição a um substantivo que sem o intermédio de uma preposição complementa o verbo. Por outro lado, *lhe, lhes* representam substantivos regidos pelas preposições *a* ou *para*. Vale ressaltar, diante das formas de 2ª pessoa destacadas nesta

pesquisa, que o gramático ressalta *você/vocês* e *senhor/senhora* como formas pronominais de 2ª pessoa que exigem do verbo as terminações referentes à 3ª pessoa.

Note-se que apresentamos, até aqui, uma sucessão de compêndios gramaticais, destacando a categoria pronome, os pronomes pessoais, e, nestes, os pronomes átonos, tendo em vista que nesta ambiência reflexiva estão os oblíquos átonos de 2ª pessoa, visto que objetivamos observar o clítico *te* na complementação verbal de 2ª pessoa em português brasileiro. Das gramáticas que abarcaram estas informações na língua latina ou historicamente, passamos às edições do século XX, isto é, as quatro últimas obras citadas. Os compêndios citados aqui estão no contexto das gramáticas de cunho mais normativo.

Vejamos, portanto, como os pronomes átonos são abordados em gramáticas descritivas. Salientamos ainda que esta seção reúne informações mais básicas sobre a categoria *e*, mais especificamente sobre oblíquos átonos, também nomeados clíticos. Logo, ao tratarmos de gramáticas descritivas neste momento, não abordaremos os detalhamentos que fazem sobre o comportamento sintático ou semântico destes pronomes, já que faremos isso posteriormente (vide seção 2.2).

Ao abordar a delimitação de classes de palavras, Perini (2005), em *Gramática descritiva do português*, aponta para a relação, correta na visão do autor, que a gramática tradicional faz entre substantivos e pronomes. Propor-se a afirmar isso parece não trazer informação nova, mas se justifica por oposição às outras classificações que o estudioso questiona sobre as colocações da gramática tradicional a respeito da classe pronominal, o que pode ser exemplificado pelo que afere acerca de pronomes classificados como adjetivos sob a explicação de acompanharem nomes ou substantivos.

Sem adentrar nesse mérito, acrescentamos as suas considerações sobre traços compartilhados entre substantivos e pronomes (como *eu, você, ele, nós*) ou funções não exercidas por estes últimos, a saber, o fato de pronomes poderem ocorrer como núcleos de sintagma nominal (SN), o que lhes confere o traço (+NSN). Por outro lado, não podem ocorrer com outros elementos do sintagma nominal (*O ele e *nosso ele, por exemplo), uma vez que, por si, formam necessariamente um SN, como salienta Perini (2005).

As formas clíticas são correspondências átonas de pronomes pessoais retos como os citados. Esse raciocínio de correspondência pode ser observado no capítulo de Elementos Anafóricos, no qual os pronomes são os primeiros mencionados, com referência ao capítulo 13, no qual são tidos não só como relacionados à classe dos substantivos, mas uma subclasse destes. É possível perceber os clíticos em Perini (2005, p. 229), quando trata do posicionamento dos clíticos no capítulo de Estruturas Sintáticas do Português:

Um caso especial é constituído pelos clíticos (tradicionalmente chamados “pronomes Oblíquos”), ou seja, as formas *me*, *o*, *se*, *lhe*, *nos* (além das pouco usadas *te*, *vos*). Essas formas são flexões dos itens *eu*, *ele*, *nós*, *(tu, vós)* e se posicionam dentro da oração segundo princípios próprios.

Tendo em vista o contexto do nível sintático em que está a apresentação dos clíticos acima, outras informações sobre a classe pronominal e seus constituintes não são dadas, e se acresce o fato de que a discussão sobre classes se trata de uma interação com a gramática tradicional, mais do que uma apresentação de constituintes pronominais. Ainda assim, nota-se uma apresentação dos clíticos átonos na citação acima, além de uma informação interessante sobre a 2SG (*te*, *vos* e *tu*), isto é, seriam formas pouco usadas. Acreditamos que isso realmente é comprovado para 2ª pessoa do plural, tanto para a forma reta *vós*, quanto para a forma oblíqua *vos*.

No entanto, questionamos a mesma validade para 2ª pessoa do singular, por ainda existir em português brasileiro a concorrência *tu/você* indicada por Almeida (2009), e, principalmente, tendo em consideração os nossos objetivos, a concorrência de formas átonas para representação da 2SG, com persistência de *te*, mesmo quando o pronome reto *tu*, ao qual corresponde, se enfraquece diante da concorrência com *você* no sistema pronominal brasileiro, como notamos nas formulações de Lopes, Souza e Oliveira (2013) e Oliveira, Lopes e Kenedy (2017).

Neves (2011, p. 449), em *Gramática de usos do Português*, explica que “o pronome pessoal tem natureza fórica, isto é, ele é um elemento que tem como traço categorial a capacidade de fazer referência pessoal”. Tal referência pode ser anafórica, retomando um termo já mencionado; catafórica, por indicar referente que ainda aparecerá no texto, ou indicar (apontar) interlocutores em função exofórica ou dêitica, isto é, uma pessoa pertencente ao circuito de comunicação como se dá com 1ª e 2ª pessoas.

Para Neves (2011), um traço que define os pronomes pessoais é sua capacidade de identificar de forma pura a pessoa gramatical, uma vez que outros pronomes que têm relação com a pessoa gramatical, como pronomes possessivos e demonstrativos, que também indicam outras relações. No caso dos possessivos, relacionam duas pessoas gramaticais. No caso dos demonstrativos, propõem relações de localização de algo em relação às pessoas do discurso.

Quanto às formas dos pronomes pessoais, as três pessoas gramaticais são observadas no quadro abaixo, no qual Neves (2011, p. 450) apresenta pronomes pessoais retos (Quadro 9).

Quadro 9 - Flexão de pronomes, segundo Neves (2011).

	SINGULAR	PLURAL
1ª pessoa	eu	nós
2ª pessoa	tu, você	vós, vocês
3ª pessoa	ele, ela	eles, elas

Fonte: Neves (2011, p. 450)

Neves (2011) acrescenta o fato de os pronomes pessoais de 3ª pessoa mostrarem flexão de gênero, além da flexão de número. Note-se ainda que a autora coloca a forma *você* como representação reta de 2SG. Além destas formas tônicas que podem ser sujeitos de verbos nas formas finitas, a autora elenca as formas oblíquas dos pronomes pessoais que exercem a função de complementação verbal. Estas são diferenciadas pela tonicidade. Vejamos os quadros que Neves (2011, p. 451) configurou para os pronomes átonos (Quadro 10):

Quadro 10 - Flexão de formas átonas, segundo Neves (2011).

	SINGULAR		PLURAL	
1ª pessoa	me*		nos*	
2ª pessoa	te*		Vos*	
3ª pessoa	o, a, lhe***	se**	Os, as, lhes***	Se**

Fonte: Neves (2011, p. 451)

* formas reflexivas ou não reflexivas

**formas reflexivas

***formas não reflexivas

Neves (2011) dedica explicações para os pronomes quanto à forma, e, posteriormente, quanto à função. Optamos por elencar estas explicações quando abordarmos com as funções sintáticas dos oblíquos átonos em específico.

Castilho (2014), em *Gramática do Português Brasileiro*, começa por fazer uma revisão histórica sobre o estatuto categorial do pronome, entendendo que, para defini-lo, é necessário abordar questões discursivas, semânticas, gramaticais, bem como a gramaticalização de pronomes. Para o autor, do ponto de vista semântico-discursivo, os pronomes representam as pessoas do discurso pelo caminho da dêixis, permitem que participantes da interação sejam retomados através menção antecipada por processos de anáfora e catáfora. Aliás, vimos que a referenciação é um viés relevante sob o qual os pronomes vêm sendo tratados em gramáticas descritivas.

Quanto às propriedades morfológicas, Castilho (2014) ressalta caso, pessoa, número e gênero, expressos, por sua vez por morfemas afixais e lexemas distintos. Vale salientar a classe pronominal como aquela que preservou a distinção de casos herdada pelo latim vulgar. Destaquemos os casos nominativo, acusativo e dativo. Assim, para caso nominativo, as

seguintes formas são elencadas: *eu, tu, ele* e *nós*. Para acusativo: *o*; para acusativos/ dativos: *me, te, se, nos* e, finalmente, para dativo: *mim, te, se* e *lhe*.

Castilho (2014) destaca também duas relações enfatizadas pela Gramática greco-latina, a saber, proximidade ou adjacência, para os casos em que o pronome acompanha o substantivo, e substituição para os casos em que a forma pronominal substitui um substantivo. Segue-se uma discussão sobre as formas pronominais que exibem ou não estas relações. Para caracterização final da classe, Castilho elenca três fatores: dêixis, foricidade e caso.

O quadro que Castilho (2014, p. 477) configura mostra os pronomes retos, oblíquos, tônicos e átonos, bem como formas nominais que estão em variação com outras que habitualmente encontramos no quadro pronominal do português brasileiro. Acresce também a presença da divisão do quadro pronominal, considerando como parâmetros o português formal e o informal. Vejamos no Quadro 11:

Quadro 11 - Flexão de pronomes, segundo Castilho (2014).

PESSOA	PB FORMAL		PB INFORMAL	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa sg.	eu	me, mim, comigo	eu, a gente	eu, me, mim, prep.+ eu, mim
2ª pessoa sg.	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, Prep. + o Senhor, com a senhora	você/ ocê/ tu	você/ ocê/ cê, te, ti, Prep. + você/ ocê (= docê, cocê)
3ª pessoa sg.	ele, ela	o, a, lhe, se, si, consigo	ele, ei, ela	ele, ela, lhe, Prep. + ele, ela
1ª pessoa pl.	nós	nos, conosco	a gente	a gente, Prep. + a gente
2ª pessoa pl.	vós, os senhores, as senhoras	vos, convosco, Prep. +os senhores, as senhoras	vocês/ ocês/ cês	vocês/ ocês/ cês, Prep. + vocês/ocês
3ª pessoa pl.	eles, elas	Os, as, lhes, se, si, consigo	eles, eis, elas	eles/eis, elas, Prep. + eles/eis/, elas

Fonte: Castilho (2014, p.477)

Por destacarmos a 2SG nesta pesquisa, ressaltamos o fato de Castilho (2014) assinalar informações específicas para 1ª, 2ª e 3ª pessoas. Resumidamente, falaremos o que o autor nos mostra sobre os desenvolvimentos relativos à 2ª pessoa no português do Brasil.

Na segunda pessoa do singular, *tu* tem sido substituído por *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo então para *ocê* > *cê*. A gramaticalização desse sintagma se produziu simultaneamente nos seguintes campos: (1) alterações fonológicas bilineares (= fonologização) de *Vossa Mercê*: numa linha, tivemos as derivações *Vossa Mercê* > *vosmecê* > *você* > *ocê* > *cê*; em outra linha, tivemos *Vossa Mercê* > *vosmicê* > *vassuncê*; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) Alterações pragmáticas: *Vossa mercê* era um

tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar Vossa Magestade para ele [...].

Castilho (2014) comenta a virada pragmática desse percurso do *você* em português brasileiro, pois tal forma passou a ser usada no tratamento de igual para igual, enquanto o tratamento cerimonioso passou a ser expresso por *Senhor (a)*. Nas regiões do Brasil onde a forma *tu* continua vigente, é verdade que *você* ainda guarda certo grau de distanciamento. É interessante notar que no exemplo “*Olhe aí o que teu filho aprontou! Eu te falei para vigiar esse menino*”, citado por Castilho (2014, p. 479), nota-se a persistência do átono *te*, mesmo diante de todas as repercussões causadas pela entrada de *você* no sistema pronominal, a exemplo da queda do *tu* frente ao *você*.

Feitas essas considerações sobre as gramáticas descritivas, encerramos as colocações mais gerais sobre a classe dos pronomes, sobre os pronomes pessoais, e, especialmente, sobre os oblíquos átonos, os quais nos interessavam primordialmente. A partir de agora, focamos nas funções sintáticas das formas pronominais átonas de 2SG, com foco na forma *te* que tem se mostrado prototípica neste cenário, mesmo diante da queda de *tu*.

2.2 PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: FUNÇÕES SINTÁTICAS DO PRONOME *TE*

Nicola e Infante (1996) asseveram que os pronomes oblíquos átonos nunca vêm precedidos por preposição, assim como colocam o *te* como átono de 2SG.

Mateus et al. (2003) indica a posição sintática de complementação verbal para pronomes átonos e os divide em reflexos e não reflexos. Além de mostrar a pessoa gramatical à qual o pronome pertence, indica também o caso latino, de modo que podemos observar no seu quadro pronominal que o pronome *te* se destaca em dois casos, a saber, acusativo e dativo, a partir dos quais podemos inferir as posições sintáticas respectivas de OD e OI.

Cunha e Cintra (2008) citam um conjunto de formas pronominais e as funções que costumam assumir enquanto complementos do verbo. Dividem as formas pronominais entre aquelas que podem funcionar como OD, as que funcionam como OI e aquelas que ocupam ambas as funções. Neste 3^a grupo, estão indicados os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos* que ocupam ambas as funções sintáticas. Cunha e Cintra (2008, p. 315) afirmam nos exemplos a seguir a possibilidade de duplo funcionamento: “Queria-te ver lá em cima (OD)” e “Ninguém *te* vai agradecer (OI)”. Nicola e Infante (2008, p. 281) também elencam as mesmas funções sintáticas

para *me*, *te*, *nos*, *vos* para a função de complemento verbal, acrescentando que os clíticos podem complementar verbos transitivos diretos e indiretos. O pronome *te*, “Eu *te* convido”, em Cegalla (2009, p. 180), exemplifica a função de complemento átono de 2SG.

Raciocínio semelhante provém de Bechara (2009) ao tratar das correspondências átonas dos pronomes pessoais retos, isto é, as formas que exercem a função de outro tipo de argumento do verbo, os objetos. Oblíquos átonos não serão precedidos por preposições, enquanto oblíquos tônicos sempre serão precedidos por elas. Neste ambiente sintático, o pronome *te* é colocado como representação átona de 2SG.

Rocha Lima (2011) não mostra essa divisão segundo o caso, mas ressalta para os clíticos, de modo geral, a função de complemento não precedido por preposição, posto que estas acompanham as formas oblíquas tônicas. Neste contexto sintático o pronome *te* está inserido.

Vejamos o conjunto destas funções sintáticas do pronome *te*, tal como é possível resumir a partir de cada gramática (Quadro 12):

Quadro 12 - Funções sintáticas do pronome *te* em gramáticas normativas

Gramáticos	Funções Sintáticas para o pronome <i>te</i>
Nicola e Infante (1996)	Complemento não precedido por preposição
Mateus (2003)	Complemento de 2SG que figura nos casos acusativo e dativo
Cunha e Cintra (2008)	Complemento verbal, objeto direto ou indireto
Cegalla (2008)	Complemento verbal átono de 2SG
Bechara (2009)	Correspondência átona de 2SG que exerce função de complemento não precedido por preposição
Rocha Lima (2011)	Complemento não precedido por preposição

Fonte: Autoria própria.

Nas gramáticas descritivas que citamos anteriormente, também encontramos a perspectiva sintática dos autores sobre os pronomes átonos. Começamos por Perini (2005), seguindo o raciocínio de que o autor define os pronomes em suas relações com os substantivos. Daí, considerando os átonos como correspondências do tipo de formas que o autor considera genuinamente pronominais, chegaremos ao pronome *te*.

Nesse contexto, salientamos que Perini (2005) coloca os pronomes no grupo de itens referentes aos substantivos do tipo 1. Devemos explicar que Perini (1996) propõe uma nova classificação para os pronomes, frente à visão da gramática tradicional, e o faz partindo do questionamento à caracterização de pronomes como substantivos ou adjetivos. Em sua nova classificação, coloca os seguintes traços para os substantivos do tipo 1: tendem a ser mais complementos do predicado (+CP), menos modificadores (-Mod), menos predicativos (-Pv), menos passíveis de ocorrer com outro termo dentro do sintagma nominal (-T, SN), mais núcleo

do sintagma nominal (+NSN), menos intensificadores (-Int), ocorrem menos em posição pré-núcleo (-PN) e têm menos a propriedade de coocorrer com sufixo de superlativo –íssimo e variantes (- íssimo).

Os pronomes pessoais estão sob a égide desse conjunto de traços e os pronomes oblíquos átonos são sua correspondência, de modo que poderíamos supor que tais traços também se apliquem a eles, o que cabe comprovar em relações específicas com a 2SG e com o pronome *te* em especial. Note-se que, ao tratar dos oblíquos, Perini (2005) mencionou desuso em relação ao *te* que colocou em associação com o desuso da forma *vós*.

Na gramática de usos de Neves (2011, p. 453), as formas oblíquas átonas são colocadas como restritas às funções completivas, tal como exemplifica em “[...] não gosto de *te* ver triste e não quis *te* magoar.”.

Castilho (2017), por seu turno, ao tratar da sintaxe dos pronomes pessoais, explica relações de substituição e adjacência que estão nas reflexões sobre pronomes substantivos e adjetivos. Escolhemos destacar seus apontamentos sobre as formas *me*, *te*, *se*, *nos*, que podem figurar como acusativo ou dativo, de modo que podemos referi-las como objetos diretos ou indiretos. É válido notar também que Castilho (2017) mostra o *te* como representação oblíqua átona de 2SG em português brasileiro formal, mas cita também *você/ocê/cê*, *te* na posição de complementos no português informal.

2.2.1 Transitividade verbal e funcional

Trataremos do tema transitividade sob dois parâmetros: um formal e um funcional. Para isto, retomaremos as reflexões de Matos (2010). Após estas colocações, indicaremos como o pronome átono *te* pode ser observado nessa ambiência reflexiva. Propõe-se outro olhar para as funções sintáticas tradicionalmente consideradas, fazendo-o a partir da observação do fenômeno da transitividade, direcionada à análise discursiva. Matos (2010) descreve uma análise do fenômeno transitivo em bases gramaticais normativas e da Linguística Funcional Clássica. Essa explanação desenvolve-se ao longo de 6 tópicos. Primeiramente, no tópico “Motivações”, o autor indica a problemática de um ensino de língua baseado somente em categorias e não no texto. Demonstra outra perspectiva de análise através da transitividade oracional, enquanto modo de transcender a predicação polarizada enquanto fenômeno com centralidade verbal absoluta.

O tópico seguinte, “A transitividade verbal”, segue a metodologia de apresentar o estudo de 26 compêndios gramaticais, separados os períodos Antes da Nomenclatura Gramatical

Brasileira (ANGB) e Depois da Nomenclatura Global Brasileira (DNGB). Para ANGB, são apresentados: a) Almeida (1950), que indica grupos de verbos como transitivos ou intransitivos através da presença ou ausência de preposição e estende a classificação transitiva, indicando os verbos relativos e transitivos relativos; b) Oiticica (1958), que aponta verbos de dois tipos, notando o fato de haver predicação completa ou incompleta, além de acrescentar que o complemento verbal indireto exige que se faça referência à pessoa ou item personificado; c) Góis (1945), que, além de considerar o complemento direto como preposicionado, salienta a existência de verbos bitransitivos, nos quais o OI tem colocação posterior ao OD; d) Tal como Oiticica (1958), Pereira (1955) atenta para verbos de predicação completa e incompleta, adicionando à oposição mais comum, as alcunhas de objetivo e subjetivo, respectivamente remetidas ao transitivo e ao intransitivo. Nota também os verbos relativos e o transitivo-relativo com predicação duas vezes incompleta, numa formação semelhante ao que se nomeia bitransitividade.

Para DNGB, são citados: e) Said Ali (1964) e sua classificação de verbos transitivos puros e transitivos relativos; f) Bechara (2000) e sua concepção de que a transitividade está orientada no conteúdo lexical do verbo. Ainda que não divida os verbos classificados como transitivos, diferencia os complementos e lista OD, OI e complemento relativo; g) Ferreira (1961) também inventaria OD e OI, diferenciados pela presença de preposição. Neste estudioso, ressalte-se a afirmação de existência de transitividade para os nomes e a ideia de um predicativo do objeto, apontando para outra classificação verbal, a saber, os verbos transobjetivos.

A transitividade dos nomes citada por Ferreira (1961) fica também evidenciada em h) Nascentes (1967), no que respeita às palavras que admitem regência, dentre as quais são citadas substantivo, adjetivo e advérbio, para além da classe verbal; i) Em Kury (1968) e Cunha e Cintra (1985) nota-se a noção de predicação como atinente à conexão entre sujeito e verbo e verbo e complemento, de modo que os autores são diferenciados pela presença do tipo verbo transitivo adverbial, citado por estes últimos. A reflexão de Kury (1968) sobre as análises transitivas necessitarem de pesquisa no texto, e não isolada, faz a transição para as noções gramaticais de Azeredo (2000), Perini (2003) e Zavaglia (2002J); j) Azeredo questiona o conceito de transitividade, pelo fato de que a noção de uma ação que passa de um sujeito para um objeto pode não corresponder à homogeneidade encontrada nos papéis temáticos de agente e paciente. Nesse ambiente l) Perini (2003) insere as ideias de verbos que exigem, recusam ou aceitam livremente os complementos. Desta forma, um conjunto de peculiaridades sintáticas configuraria a predicação, de modo que houvesse alguma especificação entre os níveis semântico e sintático quanto à transitividade.

Assim, pretere-se o atomismo verbal em prol do entendimento de que a transitividade não decorre da palavra em si, verbo ou nome, mas do que surge da combinação das palavras, isto é, o significado que, portanto, é não atômico. Assim, os procedimentos de trabalho com a transitividade incluem entender os sentidos suscitados por uma palavra base, pois dela o sentido começa a ser produzido para que ocorram as respostas suscitadas como objetos direto, indireto e complemento nominal.

Enquanto os níveis semântico e sintático permeiam os estudos gramaticais formais que Matos (2010) pesquisou, a transitividade em nível funcional delineia outros termos que permitem abrangência pragmática e oracional. Vejamos o que dizem Hopper e Thompson (1980, p.251):

A transitividade envolve vários componentes, dentre eles, a presença de um objeto para o verbo. Esses componentes estão relacionados à eficácia de uma ação, por exemplo, a pontualidade e finalidade do verbo, a atividade consciente do agente e a referencialidade e grau de afetividade do objeto. Esses componentes co-variam entre si de língua para língua, o que sugere que a transitividade é um processo central do uso da língua. A proeminência da transitividade parece vir de sua função discursiva característica: a alta transitividade se relaciona ao que está em primeiro plano e a baixa transitividade ao que está em segundo plano.

Em “Uma proposta mais funcional”, fundado na corrente linguística funcionalista moderada, por conseguinte sob o pensamento de concomitância entre o estudo de categorias sintáticas e os planos do discurso, Matos (2010) transcende o foco verbal e observa, segundo Hopper e Thompson (1980), que a transitividade é um processo não absoluto, que coloca gradiência no binômio transitivo e intransitivo, preferindo que uma oração seja mais transitiva ou menos transitiva, após a consideração de dez critérios de transitividade relativos aos níveis sintático, semântico e pragmático. Os critérios são: 1. Participantes; 2. Cinese; 3. Aspecto do verbo; 4. Pontualidade do verbo. 5. Intencionalidade do sujeito; 6. Polaridade da oração; 7. Modalidade da oração; 8. Agentividade do sujeito; 9. Afetamento do objeto e 10. Individuação do objeto. Explicados os dez parâmetros, segue-se a colocação de texto no sentido amplo, um enunciado falado ou escrito, velho ou novo e curto ou longo, frente ao discurso tido como relacionado às estratégias criativas realizadas pelo falante para organizar seu texto.

Em tal ambiência encontram-se os planos discursivos e a transitividade oracional. A figura, como referente às porções mais salientes do texto, também mais transitivas, ou seja, eventos concluídos, pontuais, afirmativos, com agentes intencionados, etc., e o fundo com partes periféricas do texto, como aquelas que contextualizam a narrativa exposta na figura.

Essas porções terão os mesmos indicadores de transitividade citados ausentes, ratificando o menor nível deste fenômeno oracional.

Matos (2010) direciona seu texto para a seção “Algumas aplicações”, na qual, apresenta uma tabela de gradiência para a transitividade, indicando os níveis de transitividade diante da quantidade de critérios presentes em determinado texto e faz testes de transitividade, cruzando resultados para apresentar simultaneamente critérios de transitividade presentes ou ausentes e os níveis de transitividade que configuravam. Por último, retoma o fato de apresentar uma perspectiva oracional/funcional diante de um estudo categorial/formal, afirmando a importância dessa proposta, ainda que a gramática tradicional não seja o espaço para embates.

No caso do pronome *te*, não focaremos a investigação na transitividade do tipo oracional, segundo a proposição funcionalista. Por outro lado, confirmamos as reflexões anteriores, normativas e descritivas, sobre o pronome *te* que, enquanto argumento do verbo, pode ser OD ou OI funcionando, portanto, com verbos transitivos diretos ou indiretos que potencializam como argumentos o sujeito e um complemento direto ou o sujeito e dois complementos, isto é, um direto e um indireto.

Retomamos Lemos e Matos (2017) para afirmar que as funções sintáticas indicadas para o pronome *te* na gramática normativa são confirmadas por seu estudo em dados de uso. Assim, as funções de OD e OI são as predominantes, com destaque de 73 % de ocorrências de *te* como OI e 26 % como OD. Lemos e Matos (2017) mencionam ainda 1% de ocorrências de *te* como OD pleonástico e 0% de OI pleonástico.

Feitas estas reflexões sobre as funções sintáticas do pronome *te*, vejamos algumas questões semânticas.

2.3 PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: ASPECTOS DISCURSIVOS REFERENTES O PRONOME *TE*

Começamos por ressaltar que Lopes, Souza e Oliveira (2013, p. 393) assinalam que “diferentemente dos clíticos de 3ª pessoa (a ‘não-pessoa’ anafórica), que sofreram desuso generalizado no PB, os clíticos de 1ª e 2ª pessoas mantiveram-se por carregarem necessariamente o traço de [falante] e [destinatário]”. Como destacamos a 2SG, assinalamos desde já + destinatário como um traço do *tu*, e, conseqüentemente do *te*, sua correspondência átona.

Ademais, semanticamente, o *te* acaba por ser um invólucro que arranja conteúdo como o traço + destinatário na instância do discurso, já que é a contraparte do invólucro *me*, forma

preenchida pelo traço + falante. Para Benveniste (1976, p. 279), cada instância de emprego de um nome faz referência a uma realidade única e objetiva apta a permanecer virtual ou a realizar-se num objeto real. No caso da 1ª e 2ª pessoas, sua realidade é o discurso, de modo que só podem ser definidas em termos de locução. Assim, “*Eu* é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”.

Por definição simétrica, *tu* é o indivíduo alocutado na presente instância de discurso, contendo a instância linguística *tu*.” Benveniste (1976) enfatiza que é fundamental caracterizar as formas pronominais não com referência a posições objetivas no espaço tempo, mas com referência à enunciação. Segundo Benveniste (1976), é com este ajuste estabelecido que vale tratar as formas pronominais no contexto da dêixis. Assim, a 1ª e a 2ª pessoas apontam ou mostram fatores atinentes à elocução.

Feito este alinhamento, no nível semântico os fenômenos dêixis e foricidade costumam ser associados aos pronomes. Em Rocha Lima (2008, p. 156), por exemplo, podemos inferir esses fenômenos semânticos quando o gramático escreve que “os pronomes, vazios de conteúdo semântico, têm significação ocasional, determinada pelo conjunto da situação: eu, situação da pessoa que fala;”. É possível relacionar o vazio que Rocha Lima (2008) citou ao que Benveniste elencou como algo que não faz referência a um objeto real, mas ganha significação na instância discursiva. Ainda assim, notamos a indicação de Rocha Lima de um item linguístico que ganha conteúdo na relação com uma situação, o que nos remete à dêixis.

Bechara (2009, p. 162) trata diretamente da dêixis para abordar a face semântica dos pronomes.

Do ponto de vista semântico, os pronomes estão caracterizados porque indicam *dêixis* (“o apontar para”), isto é, estão habilitados, como verdadeiros gestos verbais, como indicadores, determinados ou indeterminados, ou de uma dêixis contextual a um elemento inserido no contexto, como é o caso, por exemplo, dos pronomes relativos, ou de uma dêixis *ad oculos*, que aponta ou indica um elemento presente ao falante. A dêixis será *anáforica* se aponta para um elemento já enunciado ou concebido, ou *catáforica*, se o elemento ainda não foi anunciado ou não está presente no discurso.

Note-se que Bechara (2009) enfatiza a função indicativa dos pronomes e a relaciona à foricidade ao tratar de elementos que são apontados no texto, sejam estes já indicados e retomados, como na anáfora, ou aqueles nos quais se aponta para uma entidade que ainda não apareceu no enunciado. Neves (2011, p. 449) também ressalta a foricidade, já que considera que os pronomes pessoais têm natureza fórica pelo potencial de fazer referência pessoal por anáfora e catáfora ou fazer referência aos interlocutores, isto é, “a uma pessoa que pertence ao circuito de comunicação; é o caso da **primeira** e da **segunda** pessoas”.

De acordo com Castilho (2014), faremos dois detalhamentos: o primeiro diz respeito à indicação de que só a 1ª e a 2ª pessoas são dêíticas, e nunca anafóricas; e o segundo diz respeito à reflexão de que dêixis e foricidade não são os mesmos fenômenos. Destaca-se nessa reflexão o fato de que a 3ª pessoa é tanto dêítica quanto anafórica.

Sobre dêixis e foricidade, Castilho (2014, p. 123) afirma que se entende “por *dêixis* uma categoria que depende crucialmente da situação discursiva, e não das propriedades intencionais necessárias à configuração das categorias de referenciação e predicação”. Por foricidade, compreende-se “a operação desencadeada, sobretudo, por itens lexicais que trazem de novo à consideração noções já identificadas anteriormente (anáfora), ou a serem veiculadas posteriormente (catáfora) no texto” (CASTILHO, 2014, p. 125). A dêixis aponta para um lugar físico, enquanto a foricidade aponta para um lugar abstratizado. Trata-se de um lugar no texto. Destas considerações, apreendemos que o pronome *te*, por representar a 2ª pessoa, pode ser considerado dêítico.

Por último, acrescentamos também dois traços semânticos atinentes às funções sintáticas do pronome átono *te*: segundo Castilho (2014), a função sintática de OD tende ao traço semântico de paciente, como aquele que está em determinado estado ou sofre mudança de estado. Por outro lado, o traço relativo à função de OI tende ao beneficiário, a saber, aquele que se beneficia da ação expressa.

Conforme demonstrado por Said Ali (1971, p. 164), “muitos verbos requerem a adição de um termo que complete seu significado”. Por integrar o significado do verbo transitivo, o OD é referido como um “termo integral” nesse sentido. A pessoa ou objeto que recebe a ação, seu resultado ou o ponto para o qual se dirige um sentimento são exemplos do papel temático do OD, segundo este autor.

A transitividade não é uma propriedade intrínseca de um verbo específico, mas um fator variável e dependente do contexto discursivo, o que se confirma como um problema na investigação desses fenômenos. Em geral, as gramáticas apontam apenas critérios sintático-semânticos para a caracterização da transitividade e, consequentemente, da categoria OD. O OD pode assumir diversos papéis temáticos; como resultado, esse elemento nem sempre perdoa as ações linguísticas. Além disso, como essas frases são instâncias compostas, as análises não incluem o ambiente discursivo potencial em que as frases poderiam aparecer.

2.4 PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS ÁTONOS: QUESTÕES DISCURSIVAS REFERENTES AO PRONOME *TE*

Para falar de questões discursivas referentes ao pronome *te*, assinalamos o caráter discursivo da dêixis, da qual tratamos em seção anterior, como também pertinente a este tópico tendo em vista que, tal como menciona Castilho (2014), a referência de elementos pronominais está no discurso, na situação concreta na qual estão os participantes da interação. Logo, as expressões dêiticas envolvem o componente discursivo. Isto posto, para abordarmos questões discursivas sobre o pronome *te*, destacaremos o fenômeno da topicalização.

Pontes (1983) salienta que o fenômeno da topicalização envolve o destaque e deslocamento de um termo, invertendo a ordem prototípica dos constituintes. Os enunciados formados são chamados construções de tópico como “Eu não gosto de arroz. Feijão eu comia todo dia. É mais gostoso.” Pontes (1983, p. 135) entende o fenômeno da topicalização com tendências para construções com ou sem pausa ou com pausas breves, sem pronome, com continuidade tópica, são também contrastivas e com sintagmas nominais definidos ou não.

Castilho (2014) explica que as construções de tópico, do ponto de vista gramatical, podem ser (i) sintagmas nominais anacolúuticos, ou seja, fragmentos soltos, sem conectividade sintática com as demais porções do enunciado, como em “bem, eu...eu...mas o que aquela almofada está fazendo no chão” (CASTILHO, 2014, p. 279); (ii) até sintagmas nominais que funcionam como constituintes sentenciais que sofrem deslocamento em relação à estrutura canônica Sujeito, verbo e complemento (SVO). Isso ocorre em “O prefeito, ele hoje está inaugurando umas obras”. (CASTILHO, 2014, p. 279).

Quanto ao aspecto discursivo, Castilho (2014, p. 279) diz que “as construções de tópico fornecem um quadro de referências para o que vai ser elaborado no texto, atuando na hierarquização tópica”. Para Castilho (2014), o tópico discursivo é um conjunto de referentes concernentes entre si e em relevância quanto a determinado ponto da mensagem. São concernentes pela relação de interdependência semântica entre os enunciados que constituem dado segmento verbal. A relevância, por outro lado, refere-se à proeminência desse conjunto, a qual será decorrente da posição focal assumida por seus elementos. Semanticamente, as informações contidas na construção de tópico ainda não estão integradas à memória de curto prazo, já que se integrará à consciência à proporção que o texto avança.

É comum que tópico e foco sejam mencionados na diferenciação entre os fenômenos de topicalização e focalização. Para a nossa pesquisa sobre as questões discursivas relacionadas ao pronome *te*, entenderemos tópico como relacionado ao foco.

Lemos e Matos (2017), entendendo que a prototípica ordem SVO configura-se como em variação em português brasileiro, substituindo o habitual movimento de colocação pronominal enclítica pela próclise ao verbo, ou ao verbo principal, no caso das locuções verbais, assinalam que o sujeito sintático, convergente com o papel de tópico nos dados analisados, exerce atração sob o pronome *te* e normalmente converge com o sujeito discursivo. Segundo Lemos e Matos (2017) seus dados não mostram o pronome *te* em posição de tópico. Porém, asseveram que, nos dados de uso de língua, identificaram a ordem SOV, além da ordenação Sujeito + Verbo auxiliar + objeto + verbo nuclear (SVaOV), como em “A mamãe vai *te* gritar” (LEMOS, 2015, p. 35). Givón (2012, p. 392) explica a mudança de ordem como justificada por pressões do discurso:

Qualquer que seja a evidência que temos sobre os fatores que motivaram a mudança de SOV para VSO para SVO (Hyman, 1975; Venemann, 1973a; Stockwell, 1977; Givón, 1975e, 1977a;) ela sugere que os fatores são discursivo-pragmáticos por natureza, envolvendo várias regras de movimento de topicalização e focalização.

Lemos e Matos (2017) sinalizam que nenhuma das ocorrências que analisaram mostrou colocação pronominal diferente da proclítica, ainda que não considere os casos como topicalização do objeto e indique que a função sintática prototípica de OI se mantém mesmo em posição anterior ao verbo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A ENTRADA DE *VOCÊ* NO SISTEMA PRONOMINAL: IMPLICAÇÕES PARA A RESISTÊNCIA DO *TE*

Faraco (1996) menciona que várias abordagens linguísticas ainda fazem a separação entre as metodologias que abordam a história interna da língua, priorizando aspectos gramaticais, e a história externa, aquela que envolve condições socioculturais de desenvolvimento da língua no tempo. Esse raciocínio leva à necessidade de relativização das duas metodologias de estudo, quando o assunto é o sistema pronominal, uma vez que sua configuração é influenciada por fatores externos observados no pronome lexical “você” e decorrentes do processo de mudança dessa forma linguística. Nesse caso, observaremos repercussões de fatores socioculturais no sistema linguístico e as implicações desencadeadas gramaticalmente e mais gramaticalmente, tendo em vista a direção clítico-afixo que vem caracterizando o uso de *te* em português brasileiro.

O problema a ser encarado é que as formas pronominais que faziam referência ao interlocutor, antes combinadas com a 2ª pessoa, passaram a variar com outras novas que também faziam a referência ao interlocutor, mas levavam o verbo para a 3ª pessoa. A estabilidade do paradigma latino deu lugar ao quadro fluido do sistema pronominal. Qual o papel de “você” nesse quadro agora instável?

Neste momento, as questões externas, não gramaticais, se fazem pertinentes à explicação. Segundo Faraco (1996), no século XIV e mais especialmente no século XV, formas de tratamento com a estrutura “Vossa + N”, tais como Vossa Mercê, Vossa Majestade ou vossa Alteza, que eram usadas exclusivamente para fazer referência ao rei, entraram na língua.

Especificamente na Península Ibérica, a mais antiga destas formas, a que equivaleria a Vossa Mercê, mudou ao ponto de se tornar um pronome de 2ª pessoa. Entretanto, a concordância se manteve relacionada à sua origem como expressão de tratamento, levando o verbo para 3ª pessoa. A mistura dos paradigmas de 2ª e 3ª pessoas impactou o sistema pronominal de línguas como o português brasileiro.

Observamos uma conexão semântica entre *você* e *te*, pois ambos, na função de complementação, podem remeter ao OD que, semanticamente tende a ser paciente, estar em determinado estado ou sofrer uma mudança de estado. Em função de OI, podem ser beneficiários da ação expressa pelo verbo (CASTILHO, 2014).

No caso de *você*, existe uma conexão sintática entre *você* e conjugação de terceira pessoa, o que pode ocorrer pela sua origem como algo que o rei concedia a alguém, a sua *Mercê*. Neste contexto, é possível citar alguns pontos de resistência do pronome *te*: o átono resiste à força sintática de origem que leva o verbo para terceira pessoa, apoiando-se na semântica; resiste diante da força normativa de uniformidade sintática que favorece o uso de *o/a* e *lhe* junto ao *você*; a questão dêitica favorece o *te* para resistir como força contrária à uniformidade sintática diante dos clíticos que se referem a não pessoa do discurso, a terceira pessoa. Com a reestruturação do paradigma pronominal, o uso de clíticos decai em favor da utilização de terceira pessoa (*ele*) em posição de objeto ou objeto nulo, mas o *te* se mantém resistente mesmo neste contexto onde seria menos usado, acompanhando o movimento de mudança que atingiu os demais clíticos. Nos dados observados nessa pesquisa, essa relação entre *você* e *te* pode ser observada nos seguintes exemplos: “eu casei com *você* por causa que eu *te* engravidei” e “*Cê* viu que *ela te* fodeu, né”.

3.2 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS SOBRE CLÍTICOS DE 2ª PESSOA EM PB

Começamos elencando o trabalho de Oliveira (2018) que investigou as formas pronominais átonas que fazem referência à 2ª pessoa, destacando os clíticos *te*, *lhe* e *o/a*, relacionados a verbos transitivos que selecionam argumentos de caso acusativo e dativo. Utilizando uma perspectiva experimental, o principal objetivo do pesquisador foi observar como os falantes do português brasileiro processam a informação de 2ª pessoa, considerando a posição de complementação verbal, como em “A Maria disse que *te* encontrou ontem no mercado” (OLIVEIRA, 2018, p. 13).

Oliveira (2018) apresenta um conjunto de estudos sobre a representação de 2SG em português brasileiro, dividindo-os em estudos que trabalham com metodologia sincrônica e diacrônica, além de selecioná-los por região, diferenciando as regiões sudeste e nordeste.

Sobre os estudos em perspectiva diacrônica, Oliveira (2018) apresenta algumas conclusões: a implementação de *você* no PB não é regular, uma vez que há permanência de formas pronominais do paradigma de *tu*. Os contextos morfossintáticos de acusativo e dativo são ambientes de resistência à implementação da forma *você*, já que a forma *te*, pertencente ao paradigma de *tu*, se mantém forte ao figurar como OD e OI ao longo do tempo e em diversas áreas; variáveis extralinguísticas (área geográfica, período e escolarização) relativas aos usos atuam no condicionamento de uso das formas pronominais dos paradigmas de *tu* e *você*. Em

fins do século XIX e início do século XX, já era possível identificar uma frequência mínima de relações entre *você*-sujeito e *te*-complemento.

Quanto aos estudos em perspectiva sincrônica, Oliveira (2018) aponta que a alta produtividade de *te* e *lhe* mostra que, diferentemente do que ocorre com o 3SG, a representação de complemento 2SG ocorre principalmente através de clíticos. Em sincronia, a representação de 2SG ocorre por formas variadas como *te*, *lhe*, *o*, *a*, *você* o *senhor/a senhora* e formas preposicionadas como *a/para você* e *a/para ti* e objeto nulo, embora prevaleçam as duas primeiras. Por fim, a variante *lhe* parece estar suscetível a condicionamentos de ordem extralinguística e a forma *te* é variante mais preservada, apresentando em muitos casos a combinação com *você* sujeito.

Assinalada a alta produtividade do *te* diante das outras formas pronominais concorrentes, bem como o fato de isso ocorrer mesmo diante da perda de *tu* e junto com o sujeito *você*, Oliveira (2018) elabora hipóteses em busca de explicar a preservação deste clítico na complementação de 2ª pessoa. Por motivações sociopragmáticas, indica que o traço [+intimidade] pode ser parte da explicação, argumentando que a forma *você* pode herdar este traço da forma *tu*, motivo pelo qual o clítico *te*, pertencente ao paradigma deste, preserva-se mesmo associado ao *você* entendido como uma inovação no sistema pronominal. “Sabemos que, na realidade, a dita ‘mistura’ ocorre apenas do ponto de vista formal, visto que, semanticamente, ambas as formas se referem à 2SG.” (OLIVEIRA, 2018, p. 71). Dentro desta argumentação, o *te* não estaria necessariamente associado a algo tão diferente do seu paradigma de origem.

Note-se que a mistura de 3SG (*você*) e 2SG (*te*), questionando a uniformidade de tratamento defendida pela gramática normativa, neste contexto, ocorre no plano sintático, pois, semanticamente, a forma *te* estaria se direcionando para o que *lhe* é familiar. Essas conclusões são baseadas em apontamentos teóricos de Câmara Jr., (1970), Monteiro (1991), Menon (1995) e Neves (2011).

Quanto às motivações morfossintáticas, Oliveira (2018) retoma o posicionamento de Brito (2001) para explicar primeiramente instabilidade causada pela entrada de *você* no sistema pronominal, levando os verbos para a 3SG. No entanto, isso não ocorre, pois, do ponto de vista nocional, *você* é uma forma de 2SG, atraindo as formas do paradigma de *tu*. Acresce ainda uma mudança da direção da cliticização, uma vez que deixou de ser da esquerda para a direita em favorecimento de ênclise e passou a ser da direita para a esquerda favorecendo a próclise. Isso impacta diretamente o clítico acusativo o/a: “o *onset* da sílaba do clítico o/a deixa de ser licenciado” (BRITO, 2001, p. 170).

A possibilidade de ocorrência dos clíticos passa a ser determinada por traços semânticos. Formas + específicas / referenciais e - animadas cedem espaço para objeto nulo e as formas – específicas / referenciais e + animadas tendem a ser preenchidas por uma forma tônica lexical. Por isso, a posição de objeto pode ser preenchida pelo pronome lexical *você* ou pelo clítico *te*, que pode funcionar como afixo e refletir a concordância existente no sintagma objeto, isto é, a concordância com a pessoa com quem se fala representada pelo pronome lexical *você*.

Com base em fatores internos ao sistema pronominal, Oliveira (2018) explica também que as formas referentes a *tu* (*te* acusativo e dativo, e o genitivo *teu*) são mantidas diante de você-sujeito, no contexto da 2SG, em virtude da ausência do traço de pessoa nas formas de complemento referentes à 3SG (*o/a* para acusativo, *lhe* para dativo e *seu* para genitivo), ou seja, não têm especificação morfológica para 3SG.

Por último, Oliveira (2018, p. 75) menciona a ordem SVO em PB e ressalta a produtividade de sentenças como “Maria disse que *te* viu ontem” nas quais, tendo em vista a tendência à próclise no PB, não há a opção pelo clítico que viola a ordem canônica. Desta forma, menciona mais uma questão no ambiente morfossintático a ser registrada a respeito da utilização do clítico *te* em função de complemento. E vale notar que, sendo o *te* mais produtivo, outros enunciados como Maria disse que *tu/você...* são menos utilizados. Nesse caso, o uso de *te* se sobrepõe a uma restrição sintática constituída pela ordem dos constituintes.

Em relação às motivações cognitivo-funcionais, Castilho (2010) trata transformação de pronomes pessoais no que denomina morfemas gramaticais de pessoa num processo de gramaticalização. Oliveira (2018) realça o fato de que Castilho (2010), ao tratar da 2ª pessoa, coloca *você* não posição de sujeito, associado ao *te*, denotando a relação deste com o pronome lexical. Acresce ainda a informação de que Castilho (2010, p. 483) afirma que “o surgimento de prefixos pronominais agrega uma evidência a mais ao movimento de anteposição de formas gramaticais no PB”, o que concorre para a afirmação de que o *te* pode marcar a concordância em relação ao interlocutor se tornando mais gramatical no movimento clítico/afixo.

Oliveira (2018) assevera ainda esse movimento de afixação apresentando as pesquisas de Lopes, Souza e Oliveira (2013) que argumentaram que a frequência de uso do *te* na posição de objeto e também na posição proclítica, causa uma automação na estrutura como marca de 2ª pessoa do singular, e isso está diretamente relacionado ao seu processo de gramaticalização como afixo marcador morfológico da 2ª pessoa. Além disso, sua frequência na posição de complemento bloqueia a ocorrência de *você* no mesmo domínio funcional, ainda que esta forma possa ocorrer como objeto também.

Oliveira (2018) salienta que a alta frequência delineou o processamento cognitivo de *te* na mente dos falantes e essa parece ser a estratégia preferida para representar a 2ª pessoa. Contudo, assinala a importância de evitar a tautologia, enquanto explicação do fenômeno, isto é: “o clítico *te* se gramaticalizou porque era muito frequente e, é, hoje, muito frequente, porque se gramaticalizou.” (OLIVEIRA, 2016, p. 79). Desta maneira, a questão deve ser abordada de acordo com as faces gramatical, pragmática e cognitiva.

Baseado em Lehmann (1995), Kurylowicks (1965) e Hopper e Trougott (2003), Oliveira (2018) buscou defender o processo de afixação/morfologização de *te*, considerando o processo de gramaticalização, com ênfase na parte do conceito em que formas gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, tal como é proposta enquanto interpretação mais geral do que ocorre com o *te*.

No processo de gramaticalização, princípios, parâmetros e mecanismos são destacados. Primeiro, Oliveira (2018) indica o princípio de extensão que consiste no fato de formas linguísticas atuarem em novos contextos, o que provoca um aumento de suas funções gramaticais. O clítico *te*, oriundo do paradigma de *tu* e atinente às situações de maior intimidade, aparece em contextos dados como de maior formalidade. Assim, é possível ouvir um atendente de telemarketing mencionar “O senhor pode informar o melhor horário para eu estar *te* ligando?” (OLIVEIRA, 2018, p. 86). Esta extensão contextual não é recente, uma vez que usos de *te* em contexto de maior intimidade são registrados desde a segunda metade do século XX.

Retomando Hopper (1991), Oliveira (2018) trata da especialização como um estreitamento das opções para codificação de determinada função, uma vez que uma forma linguística começa a tomar mais espaço, pois é mais gramaticalizada, direcionando-se à obrigatoriedade de utilização. Visto que o *te* passa a figurar em contextos de maior e menor intimidade, entendendo que se torna menos opcional neste sentido e preferível em relação a outras formas linguísticas, Oliveira (2018) conclui que é uma estratégia mais especializada para codificar a informação de 2ª pessoa, assim como se dá com marcadores gramaticais de concordância.

Com base em Hopper (1991) e Heine (2003), Oliveira (2018) também ressalta a perda de marcadores opcionais de categorialidade e autonomia discursiva, relativa ao princípio de decategorização, que descreve a perda ou neutralização de marcas morfológicas ou sintáticas provenientes das formas das quais as expressões em processo de mudança se originaram, contexto-fonte, além de ganho de outras propriedades pertencentes ao contexto-alvo. As categorias envolvidas na decategorização são clíticos e afixos.

Como ambas as categorias citadas são bastante gramaticais, as diferenças entre elas podem ser tênues. Oliveira (2018) cita a mobilidade sintática, já que clíticos podem ocorrer em diferentes posições em relação ao verbo, enquanto afixos têm posicionamento específico. O indício de gramaticalização que materializa a decategorização é permanência do *te* em próclise em PB, bem como seu caráter dêitico. Estes fatores possibilitam a visualização do *te* como afixo marcador de 2ª pessoa. Oliveira (2018, p. 90) acrescenta que Machado (2011) investiga estruturas de redobro em PB, como *Eu vou te levar você lá*, e vê a argumentação da autora como comprovação da afixação que defende, assinalando que a coocorrência de *te* e *você* questiona o *te* como argumento. Na ocorrência de redobro (*Eu te amo você*), o *te* funciona como prefixo de concordância para o traço [+ destinatário].

Retomando Bybee (2003) para tratar de frequência de uso, Oliveira (2018) salienta que a frequência não é apenas um resultado da gramaticalização, mas que influencia para que ela ocorra, porque a repetição de uma construção pode causar enfraquecimento semântico, mudanças fonológicas, reduções e fusões fonéticas e aumento da autonomia. Além disso, a alta frequência de uso pode levar à convencionalização. Por outro lado, a baixa frequência pode levar uma construção a deixar de ser aceitável. A frequência é notável na argumentação de que o *te* se afixou em PB, tendo em vista a recorrência do padrão *te* + verbo, em relação a outras variantes como *lhe* e *o/a*.

Oliveira (2018) apresenta uma discussão teórica referente ao processo de gramaticalização de *te* e, em outra frente, mostra como ocorre o processamento de *te* pelo falante, por meio da metodologia experimental. Nas suas conclusões teórico-descritivas conclui que o *te* era uma forma proveniente de um histórico latino no qual tinha função acusativa, porém passa a representar também o caso dativo, marcando contextos de maior informalidade e intimidade. As formas pronominais *lhe* e *o/a*, representativas da 3ª pessoa, passam a funcionar como formas de 2ª pessoa, em virtude da gramaticalização que resultou em *você*. Como estas formas de 3ª pessoa são especificadas para caso (*o/a*, acusativo e *lhe*, dativo), têm menos campos de atuação, se comparadas ao *te* que pode assumir as diferentes funções sintáticas da posição de complemento verbal.

Quanto às conclusões de Oliveira (2018) após a aplicação de instrumentos de metodologia experimental, destacam-se as seguintes conclusões: os clíticos *te*, *lhe* e *o/a* não são processados da mesma forma, pois entre eles há diferenças que interferem no processamento; diferenças sociopragmáticas não interferem no processamento de *te*, mas parecem influenciar o processamento de *lhe* e *o/a*; dentre os clíticos analisados, a localidade de origem dos falantes

interfere apenas no processamento de *lhe*; e a forma *te* é a marca de 2ª pessoa por excelência com larga aceitação e baixo custo de processamento.

Revisamos este trabalho com maior vagar, pois consideramos um dos mais completos em relação à descrição da posição de complemento verbal de 2ª em PB. Os trabalhos sobre os quais falaremos a seguir mostram dados referentes aos estudos que mensuraram diacrônica e sincronicamente as formas de complemento de 2ª pessoa em diferentes regiões do país. Nessa amostragem, poderemos ver os ambientes em que *te* figura na 2ª pessoa, resistindo, na maioria dos casos, às demais variantes. Destacaremos *te* e *lhe*, por ser este o ambiente de resistência mais perceptível em que o clítico *te* figura.

Começamos pelos estudos diacrônicos que analisaram dados da região Sudeste. Primeiro, Machado (2011) investigou peças teatrais brasileiras e portuguesas, visto que há a oralização de textos escritos, estudando a 2ª pessoa com foco na posição de sujeito, observando formas de tratamento ao interlocutor. Os resultados se beneficiam da colocação desse gênero, visto que a corpora predominam as modalidades escritas e orais, com diferentes tipos de narrativas (recontada, por exemplo), dentre outros gêneros textuais. Divino (2018, p. 256), por sua vez, encontra em sua análise que: “em determinados eventos de fala, o *você* funciona de forma mais prototípica, tendo como referente a 2ª pessoa do discurso, o interlocutor. Já em outras situações de fala, presenciamos o pronome *você* menos protótipo, ou seja, periférico”. Isto posto, revela o caráter difuso da prototipicidade na língua falada.

Sabemos que estamos falando também do PE ao inserirmos essa investigação nesta observação de estado da arte que fazemos nesta seção, porém estamos considerando a mostra brasileira. Escolhemos utilizá-la uma vez que os dados da amostra de PB começam a se diferenciar em decorrência da proeminência de *você* no sistema pronominal do português do Brasil nos últimos anos do século XIX. Além disso, serve ao objetivo de indicar ambientes de resistência para o pronome *te*. Embora foque a posição sintática do sujeito, Machado (2011) controlou também a posição de complemento de 2ª pessoa. Seguem os dados obtidos pela autora (Tabela 1), comparando diversas referências ao objeto ao longo dos séculos XIX e XX:

Tabela 1 - A distribuição das formas pronominais exercendo a função de complemento na amostra brasileira

FT	TE		TI		O/A		LHE		SE/SI		VOCÊ		PREP.+ VOCÊ		VOS		TT
1846	39/64	61%	4/64	6%	3/64	5%	8/64	12%	5/64	8%	-	-	-	-	5/64	8%	64
1857	107/24	48%	12/224	5%	19/224	8%	65/224	29%	20/224	9%	1/224	0%	-	-	-	-	224
1870	7/23	30%	-	-	3/23	13%	13/23	57%	-	-	-	-	-	-	-	-	23
1870*	19/37	51%	-	-	3/37	8%	9/37	24%	4/37	11%	2/37	5%	-	-	-	-	37
1896	8/51	16%	3/51	6%	14/51	27%	18/51	35%	8/51	16%	-	-	-	-	-	-	51
1908	52/90	58%	9/90	10%	7/90	8%	16/90	18%	5/90	6%	-	-	1/90	1%	-	-	90
1918	23/153	15%	4/153	3%	29/153	19%	59/153	39%	20/153	13%	2/153	1%	12/153	8%	4/153	3%	153
1937	-	-	-	-	18/89	20%	42/89	57%	19/89	22%	-	-	10/89	11%	-	-	89
1952	4/31	13%	-	-	2/31	6%	7/31	23%	3/31	10%	7/31	23%	8/31	26%	-	-	31
1962	25/79	32%	-	-	3/79	4%	14/79	18%	2/79	3%	-	-	35/79	44%	-	-	79
1972	3/43	7%	-	-	12/43	28%	9/43	21%	12/43	28%	3/43	7%	3/43	7%	1/43	2%	43
1980	9/65	14%	-	-	10/65	15%	16/65	25%	9/65	14%	-	-	21/65	32%	-	-	65
1995	10/62	16%	-	-	2/62	3%	15/62	24%	6/62	10%	-	-	29/62	47%	-	-	62
2003	22/41	54%	2/41	5%	2/41	5%	6/41	15%	2/41	5%	6/41	15%	1/41	2%	-	-	41
TT	328	31%	34	3%	127	12%	297	28%	115	11%	21	2%	120	11%	10	1%	1052

Fonte: Machado (2011, p. 152)

Oliveira (2018) somou os dados apresentados por Machado (2011) e os dividiu entre a segunda metade do século XIX e a primeira e a segunda metade do século XX, permitindo uma visualização mais precisa do *te* e do ambiente de concorrência com outras formas que podem figurar na 2ª pessoa, mas principalmente com o clítico *lhe*. Vejamos a Tabela 2:

Tabela 2 – Distribuição das formas clíticas de 2SG ao longo do tempo em amostra de peças teatrais brasileiras

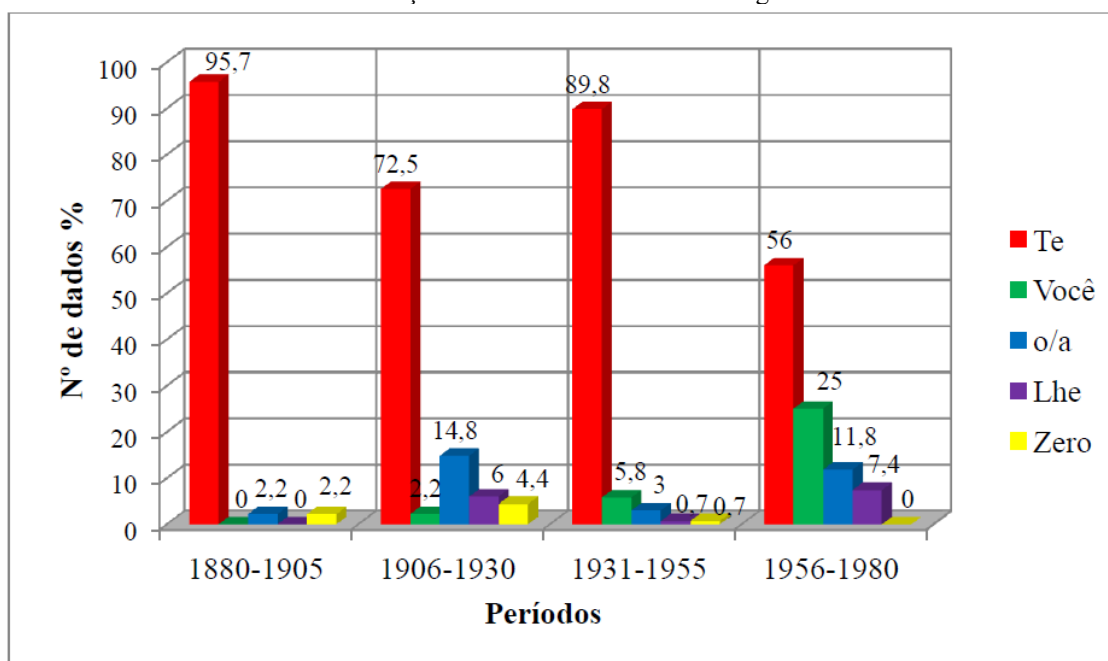
	TE	LHE	O/A	TOTAL
XIX/2	180/335	113/335	42/335	335
Frequência	54%	34%	12%	
XX/1	75/246	117/246	54/246	246
Frequência	30%	47%	23%	
XX/2	73/171	67/171	31/171	171
Frequência	43%	39%	18%	

Fonte: Adaptação de Oliveira (2018, p. 27) a partir dos dados de Machado, (2011, p.152)

Note-se que, na segunda metade do século XIX, enquanto o pronome *lhe* soma 34% dos dados, o clítico que prevalece é o *te* em 54% dos dados, o que provavelmente decorre da presença ainda forte do paradigma de *tu*. Na primeira metade do século XX, notamos um ambiente em que o *te* resiste (30%), mas diante da difusão de *você* no paradigma pronominal, na posição de sujeito, registra-se o pronome *lhe* em 47% dos dados. No entanto, na segunda metade do século XX, o *te* volta a figurar na maior parte dos dados (43%) diante de 39% referentes ao *lhe*.

Em Machado (2011) não há correlação detalhada entre a utilização de *você* como sujeito e o clítico *te*, mas a autora admite que um mesmo interlocutor pode ter sido referenciado por *você* e pelo clítico de 2ª pessoa. Por sua vez, Souza (2014) estudou cartas pessoais, mapeando todas as formas variantes de 2ª pessoa, na posição de OD, entre as décadas de 1880 e 1980. De 433 dados, foram 397 ocorrências de *te*, o que foi equivalente a 77,8% das ocorrências; o/a somaram 40 dados (9,2%); 29 dados de *você*, equivalentes a 6,7%; 17 dados de *lhe* (4%) e 10 de objeto nulo (2,3%). Vejamos como esses dados são colocados pela autora (Gráfico 1):

Gráfico 1-Distribuição das formas acusativas ao longo de um século



Fonte: Souza (2014, p. 110)

As cartas configuram-se como uma narrativa escrita, que podem relacionar-se com gêneros encontrados na corpora desse estudo. Devemos observar que as outras formas pronominais não chegaram a percentuais de concorrência próximos aos do pronome *te* como os que observamos no estudo de Machado (2011), principalmente na primeira metade do século XX. O *lhe* foi a penúltima forma com menor ocorrência, pois só o objeto nulo apresentou menor utilização. Logo, neste ambiente, as formas pronominais não configuraram resistência para o *te* que manteve índices superiores a 50% nos dados analisados. Vale salientar que Souza (2014) trabalhou as correlações os pronomes pessoas de 2ª pessoa nas posições de sujeito e OD. Os resultados são observados na Tabela 3:

Tabela 3 – Correlação entre o tratamento na posição de sujeito e as estratégias utilizadas como complemento acusativo na escrita epistolar carioca

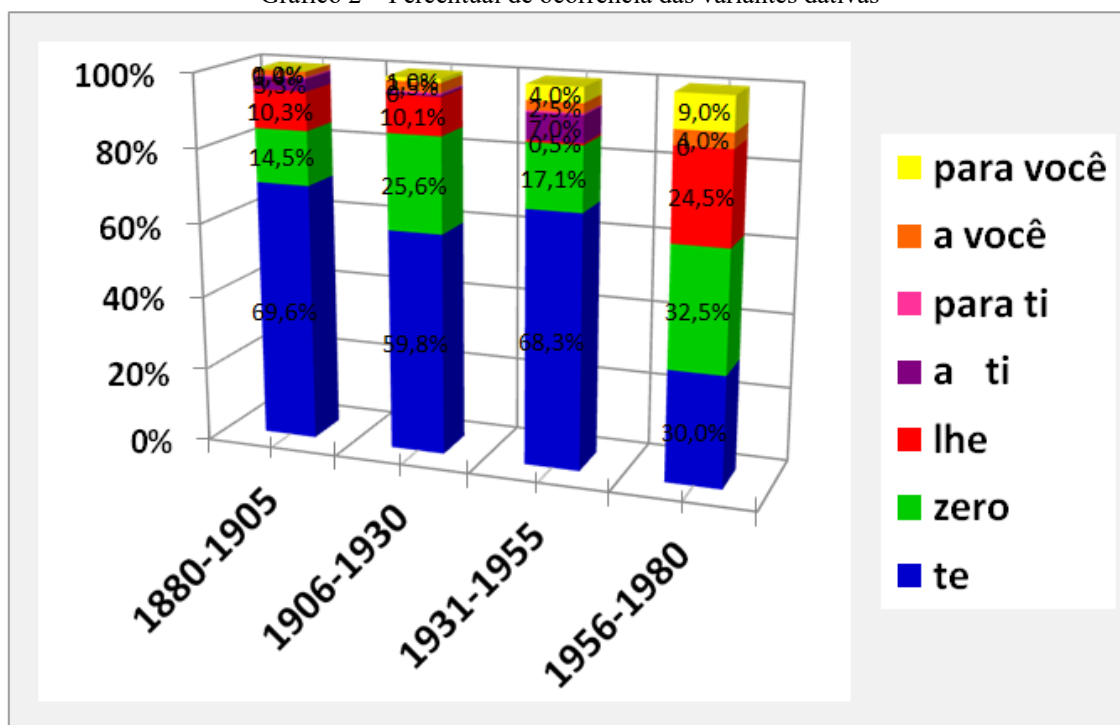
	TE	O/A	VOCÊ	LHE	NULO	TOTAL
TU	168/178	02/178	04/178	01/178	03/178	178/422
EXCLUSIVO	94,4%	1,1%	2,2%	0,6%	1,7%	42,2%
VOCÊ	60/118	26/118	19/118	10/118	03/118	118/422
EXCLUSIVO	50,8%	22%	16,1%	8,5%	2,5%	28%
ALTERNÂNCIA	103/126	07/126	06/126	06/126	04/126	126/422
TU~VOCÊ	81,7%	5,6%	4,8%	4,8%	3,2%	29,8%
TOTAL	331/422	35/422	29/422	17/422	10/422	422

Fonte: Adaptação de Oliveira (2016, p. 27) a partir dos dados de Souza (2014, p. 111).

Os dados acima mostram a resistência de *te*, mesmo diante de formas diversas nas posições de sujeito. Diante de *tu* exclusivo não é inesperado que o *te* resista (94,4%), uma vez que pertence ao paradigma deste pronome. Porém, é relevante registrar que o clítico resista diante do sujeito ocupado por *você* exclusivo (50,8%), bem como na alternância entre *tu* e *você* (81,7%). Observamos que, embora o *te* se mantenha com 50% de atuação mesmo diante de *você* exclusivo, vale assinalar o fato de que, por comparação, índices de 94,4% e 81,7% revelam uma queda relevante diante de um percentual de 50,8%. Ainda assim, é um percentual maior que as formas do paradigma de 3ª pessoa (*o/a, lhe, você*). Ressaltamos o baixo índice de *lhe*, uma vez que não chegou a 9% em nenhuma das correlações com os diferentes sujeitos.

Oliveira (2014) também trabalhou formas pronominais em posição de complemento, porém focou exclusivamente o caso dativo, isto é, OI, não analisado por Souza (2014). Analisou 318 cartas pessoais nas quais encontrou 811 ocorrências. As variantes pronominais de 2ª pessoa tiveram a seguinte distribuição em seus dados: 464 ocorrências de *te* (57,2%); 92 ocorrências de *lhe* (11,3%); 131 ocorrências de objeto nulo (22,3%); 25 sintagmas preposicionados *a/ para ti* (3,1%) e 49 ocorrências de sintagmas preposicionados *a/para você*. Seus dados mostram que também na posição sintática de OI o *te* é preferido para referenciar o interlocutor. As ocorrências têm a seguinte distribuição no Gráfico 2:

Gráfico 2 – Percentual de ocorrência das variantes dativas



Fonte: Oliveira (2014, p. 132)

Oliveira (2014) ressalta que, nos documentos mais recentes, há um declínio do clítico *te* em favor do clítico *lhe* e dos sintagmas preposicionados relacionados a *você*. Com Machado (2011), vimos que a primeira metade do século XX é marcada por um declínio na utilização de *te* frente à difusão de *você* no sistema pronominal, de modo que é plausível encontrar um declínio relativo ao uso de *te* no final do século XIX. Consideramos que estes períodos são indícios de ambientes de resistência em que o *te* figurou. Oliveira (2014) controlou a correlação sujeito e OI, buscando perceber se o sujeito influenciaria o dativo. Vejamos a Tabela 4:

Tabela 4 – Correlação entre o tratamento na posição de sujeito e as estratégias utilizadas como complemento dativo na escrita epistolar carioca

	TE	LHE	NULO	A/PARA TI	A/PARA VOCÊ	TOTAL
Tu	194/247	01/247	35/247	14/247	03/247	247/785
Exclusivo	78,5%	0,4%	14,2%	5,7%	1,2%	31,6%
Você	85/275	75/275	80/275	01/275	34/275	275/785
Exclusivo	30,9%	27,3%	29,1%	0,4%	12,3%	35%
Alternância	184/262	07/262	50/262	10/262	11/262	262/785
Tu~você	70,2%	2,8%	19%	3,8%	4,2%	33,4%
Total	463/784	83/784	165/784	25/784	48/784	784

Fonte: Adaptação de Oliveira (2016, p. 27) dos dados de Oliveira (2014, p.132)

Assinalamos que o *te* foi a forma pronominal preferida, quando *tu* teve uso exclusivo e quando *você* esteve em alternância com o *tu*. O único contexto em que *te* teve sua expressividade diminuída foi quando *você* sujeito foi exclusivo. Nesse momento, os índices de *te* (30, 9%) e *lhe* (27,3%) se aproximaram. Devemos mencionar também que o objeto nulo chegou a (29,1%). Então, podemos considerar que o *te* esteve inserido num ambiente de resistência diante de *você* como sujeito.

Os estudos diacrônicos que citamos até aqui consideram dados da região Sudeste. Vejamos agora duas pesquisas que usaram dados da região Nordeste, observando as possíveis diferenças quanto à resistência de *te* nessa região. Veremos Almeida (2009) e Araújo e Carvalho (2015).

Almeida (2009) estudou a alternância de formas para representação do OD de 2ª pessoa e observou que *te*, *lhe*, *você* e a estratégia de objeto nulo se alternam nessa posição. A autora analisou amostras de fala de 36 pessoas, distribuídas pelos dois sexos, em três grupos de faixas etárias (25-31; 45-55; 65-75), considerando os níveis escolaridade ensino fundamental e ensino superior. Seus resultados mostraram que existe um equilíbrio na utilização das formas pronominais clíticas *te* e *lhe*, e que se alterna entre dativo e acusativo, em oposição ao que

propõe a gramática normativa tradicional. A distribuição das formas pronominais para o caso acusativo, segundo Almeida (2009), é a seguinte (Tabela 5):

Tabela 5- Distribuição total das formas de referência de à segunda pessoa em posição acusativa no falar soteropolitano

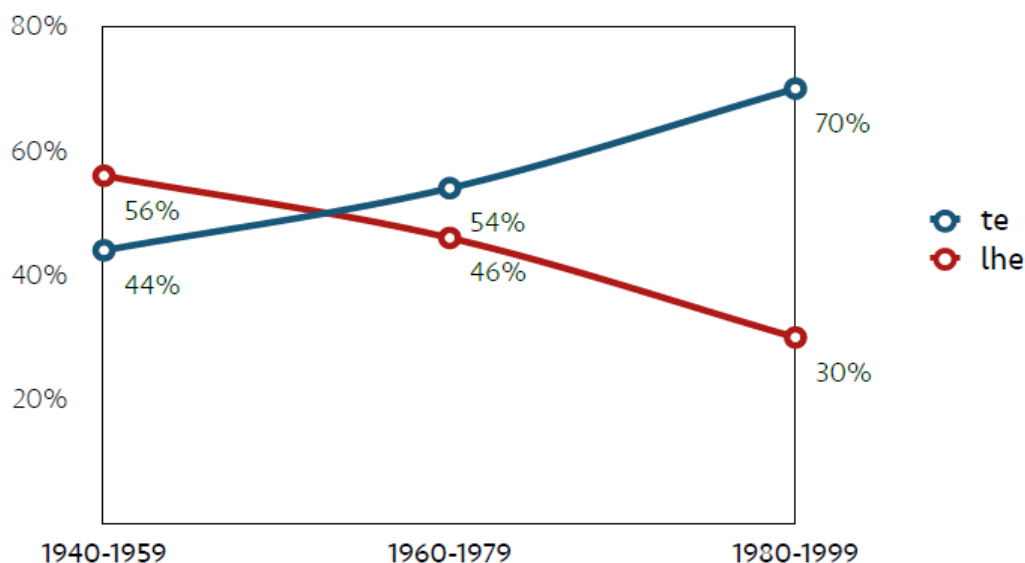
Variantes	Nº de ocorrências	%
Lhe	251	37
Te	247	36
Objeto nulo	141	21
Você	43	06
Total	682	100

Fonte: Almeida, (2009, p. 128)

Observa-se a concorrência principal entre as formas *lhe* (251/682 ocorrências equivalentes a 37%) e *te* (247/682 ocorrências equivalentes a 36 %), mostrando o equilíbrio na utilização dessas formas. Destaca-se o fato de Almeida (2009) ter mencionado um percentual tão alto para *lhe* em posição de complemento objetivo direto, já que a função sintática em que costuma atuar é de OI. Também não podemos deixar de mencionar o fato de o objeto nulo ter apresentado 141/682 ocorrências, equivalentes a 21% e *você* só ter sido usado para representar o complemento em 43/682, o que equivale a 6%.

Especificamente sobre o objeto nulo, Almeida (2009) salienta que a expansão do objeto nulo encontra resistência na 2ª pessoa. Conforme análise das variáveis extralinguísticas, Almeida (2009) indica que a forma *lhe* tende a ser utilizada por pessoas da faixa etária de 65-75 anos que analisou e tem menor incidência nas outras faixas etárias analisadas, nas quais a opção dos falantes é o *te*, ainda que o *lhe* tenha conseguido maiores percentuais apoiado na difusão de *você* no sistema pronominal. A autora aponta ainda um decréscimo no uso de *lhe*, principalmente por parte do público feminino, em prol da utilização de *te*.

Araújo e Carvalho (2015) pesquisaram a alternância entre *te* e *lhe* em cartas pessoais cearenses produzidas entre 1940 e 1990, observando a função acusativa. Após a análise de 186 cartas, 149 dados, com 90 ocorrências de *te* (60%) e 59 ocorrências de *lhe* (40%). Vejamos como estas formas estão distribuídas no período analisado (Gráfico 3):

Gráfico 3 - Frequência de *te* e *lhe* acusativo por décadas do século XX

Fonte: Araújo e Carvalho (2015, p. 76)

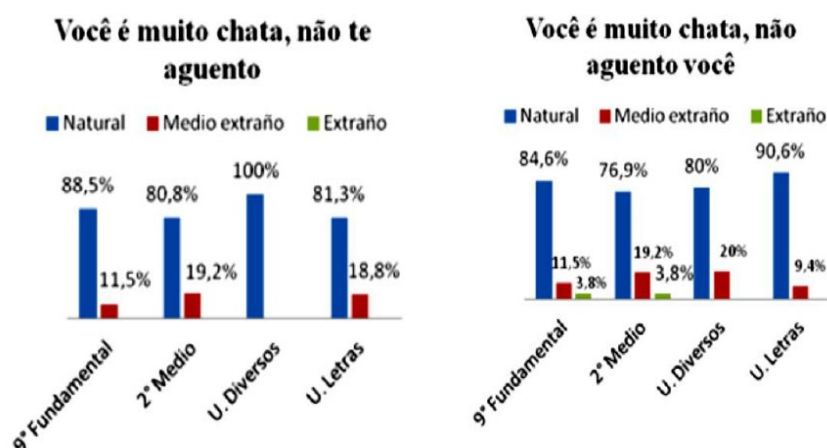
Na investigação de Araújo e Carvalho (2015) realmente é possível notar uma alternância entre as formas *te* e *lhe*, com o primeiro acabando por sobrepujar o segundo. No final da primeira metade do século XX, registra-se o uso de *lhe* em 56% dados. O *te* foi usado em 44% dos dados. Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, o *te* passa a 54% das ocorrências e o *lhe* a 46%. No final do século XX, a utilização de *te* é a mais frequente com 70% das ocorrências, enquanto o *lhe* figurou em 30% dos dados. Os autores não controlaram a relação *você*-sujeito e *te*-complemento.

Vejamos agora como os estudos sincrônicos da região sudeste mostram o *te* em suas relações com as outras formas de 2ª pessoa na função de complemento. Revisamos a seguir os resultados de Pimienta (2013) e Carvalho e Pinto (2014). Com foco no OD, Pimienta (2013) analisou dados produzidos por falantes cariocas em entrevistas espontâneas e semiespontâneas. Pimienta (2013) analisou entrevistas sociolinguísticas, conversas instantâneas de um site de relacionamento e testes de atitude linguística. Em seus resultados, o clítico *te* foi a variável mais frequente nas orações simples (109/135 equivalentes a 80,8%). A forma tônica *você* apareceu em 11,9% das ocorrências, 16/135. O objeto nulo também se manifestou pouco: 6/135, equivalentes a 4,4%. *Tu* somou 2,2%, 2/135 e a forma *senhor* apareceu 1/135, equivalendo a 0,7%.

Pimienta (2013) analisou também a predicação da oração em que o pronome ocorria e obteve em seus dados a indicação de que as orações simples tendem a conter o *te*, em detrimento das complexas. O OD da oração matriz funciona como sujeito da subordinada e isso bloqueia a ocorrência de *te*, explica a autora.

No teste de atitude linguística a autora aplicou questionários para falantes nativos do Rio de Janeiro, objetivando observar o *te*, *tu* e *você* na função de OD. O Gráfico 4 mostra os resultados.

Gráfico 4 – Avaliações dos informantes acerca de frases que combinam sujeito com as formas de *te* e *você* na posição de OD.



Fonte: Pimienta (2013, p. 122).

Note-se que os índices de *você* em relação ao *te* são muito altos, o que poderia indicar um ambiente de resistência para o *te*. Ainda assim, Pimienta (2013) explica que, embora os índices de *você* tenham sido altos em relação a *te* nos testes de atitude linguística, a partir dos diversos dados que analisou, além destes testes, ainda é plausível concluir altos índices de *te* e baixos índices de *você* como objeto.

Carvalho e Pinto (2014) analisaram as variantes pronominais de 2ª pessoa nos seriados *A Diarista* e *Sexo Frágil*, exibidos pela Rede Globo de Televisão. Seus resultados são os seguintes: Na posição de sujeito, o pronome lexical *você* é o mais frequente no seriado *Sexo Frágil* (116/166, equivalentes a 70%) e 35% em *A Diarista* (68/197). Na posição de complemento, *te* prevalece como dativo e acusativo. Os dados ficaram assim na Tabela 6:

Tabela 6- Distribuição das variantes acusativas e dativas de 2SG em roteiros de seriados televisivos

	<i>te</i>	acusativo			<i>senhor</i>	<i>te</i>	dativo		a/para o senhor
		o/a	lhe	<i>você</i>			lhe/a	para você	--
A	16/26	02/26	--	01/26	07/26	06/11	01/11	04/11	
diarista	61,5%	7,7%	--	3,8%	27,0%	54,5%	9,1%	36,4%	--
sexo	09/21	--	02/21	06/21	04/21	06/13	03/13	02/13	02/13
frágil	42,8%	--	9,6%	28,6%	19%	46,1%	23,1%	15,4%	15,4%
total	25/47	02/47	02/47	07/47	11/47	12/24	04/24	06/24	02/24

Fonte: Carvalho e Pinto (2014) adaptado por Oliveira (2018)

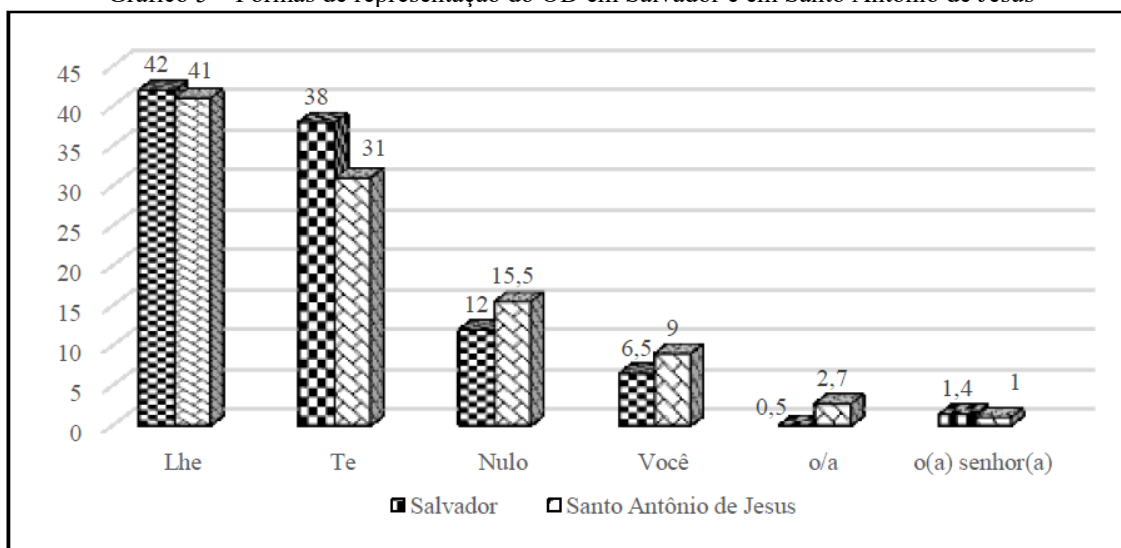
Na função acusativa, o *te* tem percentuais altos em ambos os seriados analisados (*A Diarista*, 61,5%; e *Sexo Frágil* 42,8%). Em *A diarista*, a forma *senhor* atinge percentual maior que as demais em função acusativa, chegando a 27% (7/26). Em *Sexo Frágil*, a forma que tende a colocar o *te* em ambiente de resistência é o *você* (28,6%, 6/21). O *lhe* não apresenta ocorrências como acusativo, diferente de outros trabalhos que citamos em que apresentava maior concorrência com o *te*. No caso dativo, isso muda, já que só no seriado *Sexo Frágil* o *lhe* aparece em 23,1% das ocorrências (03/13). Ainda assim, os índices de *te* são maiores para o dativo em ambos os seriados: 54,5% (6/11) em *A Diarista* e 46,1% (6/13) em *Sexo Frágil*. Vale salientar que, quando as autoras compararam o roteiro e as falas nas gravações, houve a seguinte troca: o clítico *o* foi substituído por *te* nas falas, quando previsto no roteiro. O mesmo ocorreu com *você*, previsto no roteiro em posição de objeto (Ele adora *você*).

Quanto às investigações sincrônicas com dados do Nordeste, abordaremos os trabalhos de Alves (2015) e Almeida (2016). Alves (2015) considera a variedade de São Luís, no Maranhão, objetivando ver como se configura o sistema de tratamento da localidade na fala de indivíduos escolarizados, com foco no sujeito, ainda que tenha investigado outros contextos morfossintáticos. As formas de *tu* predominam no *corpus*, o que a autora associa ao uso de *tu*-sujeito, de um modo geral, sem concordância. Em situações mais formais, falantes escolarizados utilizam *tu* com concordância ou optam pela forma inovadora *você*.

Porém, ao referir-se às formas em outras posições sintáticas, Alves (2015) registra que o uso de *você* ocorre principalmente na função sujeito. No total, foram 55 ocorrências de *te*, 12 de *contigo*, 7 de preposição + *ti* e 4 ocorrências de preposição + *você*. O clítico *lhe* também apresenta poucas ocorrências e é tido como marca de distanciamento em relações assimétricas e aparece associado às formas de tratamento senhor/senhora. Alves (2015) menciona a correlação *você*-sujeito e *te*-complemento, mas não desenvolve essa discussão com exemplificação.

Almeida (2016), por sua vez, estuda o uso de pronomes de 2ª pessoa na função de objeto, nas cidades de Salvador e Santo Antônio de Jesus. Parte da hipótese da produtividade do *lhe* em decorrência de variáveis extralinguísticas, e a investiga a partir de dados de 24 informantes, divididos por cidade, faixa etária (25-35; 45-55 e 65-85), sexo/gênero e escolaridade (fundamental e superior). Utilizando questionários, a autora registrou 516 dados de 2ª pessoa do singular, na função sintática de OD, e, destes, 218 são referentes à Salvador e 298 referentes a Santo Antônio de Jesus. As formas pronominais encontradas são: *lhe*, *te*, objeto nulo, *você*, *o/a*, senhor/senhora, como podemos ver no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Formas de representação do OD em Salvador e em Santo Antônio de Jesus



Fonte: Almeida (2016, p. 127)

As formas *lhe* e *te* são as que mais ocorrem e com índices próximos. São 91 ocorrências de *lhe* e 83 ocorrências de *te* em Salvador. Em Santo Antônio de Jesus são 122 ocorrências de *lhe* e 92 de *te*. Almeida (2016) explica diante destes dados que, embora já fosse hipotetizado que o *lhe* fosse bastante produtivo no Nordeste, em detrimento do que ocorre no Sudeste, é necessário relativizar esse raciocínio, uma vez que o *te* se mostra resistente em relação a variante *lhe*. Como vimos em Almeida (2009), a faixa etária é um fator relevante na utilização de *lhe* ou *te*. Almeida (2016) afirma isso mais uma vez, indicando que *te* tem sido mais usado nas faixas etárias de 25-35 anos e 45-55 anos. Isso pode ser indicativo de que o *te* se generalize também em regiões nordestinas, inclusive combinando-se com *você*-sujeito, tal como se dá em outras áreas do Brasil.

3.3 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CLÁSSICA

A linguística Funcional Clássica começa a ser difundida no Brasil a partir da década de 1970, com as pesquisas de Sebastião Josué Votre, indicando uma alternativa ao viés mais formal que predominava nos estudos linguísticos. Sobre isso, Martelotta e Kenedy (2003, p. 09) comentam:

Ao final da década de 1970 surgiu no Rio de Janeiro uma nova corrente de pesquisa linguística orientada sobretudo para o estudo do uso da língua em situações diversas no mundo real. No início, as pesquisas concentravam-se principalmente na área de sociolinguística e variação, com um certo direcionamento para questões relacionadas aos reflexos da diacronia na sincronia

Os estudos que privilegiam o uso têm uma história tão extensa quanto os que dão primazia à estrutura, uma vez que são desenvolvidos em proximidade cronológica com a abordagem formal estruturalista europeia, sendo dela provenientes. Contudo, tendo em vista a hegemonia dos estudos formais, e considerando que a ciência linguística se estabeleceu primeiramente sobre essas bases, o desenvolvimento concreto de pesquisas funcionalistas, e não apenas funcionais, acaba sendo relativamente recente. A insatisfação com o paradigma formal gerativista desperta o interesse por abordagens linguísticas que captem mais do que a forma.

As pesquisas eram inicialmente direcionadas à sociolinguística e à variação, principalmente com os estudos de William Labov, embora já possamos observar o princípio funcionalista da pancronia à medida que são feitas considerações sobre a evolução linguística na análise de estados de língua. As pesquisas funcionalistas brasileiras têm relevante expressão com a criação do grupo Discurso e Gramática (doravante D&G), criado por Sebastião Josué Votre.

A vertente funcionalista que destacaremos aqui é a norte-americana. Foi nos Estados Unidos que o termo ganhou força frente aos estudos de Bloomfield e do gerativismo, tal como assinalam Martelotta e Kenedy (2003, p. 23):

O termo **funcionalismo** ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguistas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. De acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso.

A linguística norte-americana, nas últimas décadas do século XX, foi dominada pelo formalismo através do estruturalismo de Bloomfield e do gerativismo. Contudo, antigos gerativistas direcionaram seus estudos para o cognitivismo, caracterizado por adotar alguns princípios diferentes dos formalistas, buscando alternativas teóricas mais abrangentes para os fenômenos que estudavam. Desta forma, a vertente funcionalista começava a ganhar corpo e, em 1970, nomeia o trabalho dos linguistas acima citados que passaram a advogar pesquisas linguísticas que privilegiassem a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. A citação desses dois ambientes de análise nos permite perceber aliados forma e uso. A direcionalidade da análise no que tange à forma e função determinará tipos de funcionalismo nos quais os linguistas citados têm suas pesquisas inseridas. Cabe mencionarmos a caracterização do funcionalismo feita por Givón (1995):

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextualmente dependente e não atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Resumidamente, comentaremos as seguintes assertivas mencionadas acima, trazendo a visão colocada pelo autor e nossa interpretação acerca de cada uma delas.

“A linguagem é uma atividade sociocultural”: para a Linguística Funcional Clássica, a língua é definida como um instrumento de interação, um fenômeno social, tal como expressou William Whitney, citado por Câmara (1975). Quanto às relações entre linguagem e cultura, Macedo (1998) explica, ao citar as bases antropológicas da Linguística Funcional Clássica, que, para compreender a cultura, seria preciso observar a língua e a sua estrutura, que espelharia categorias derivadas das atitudes práticas do homem na sua relação com o mundo.

“A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas”: Entendemos que, enquanto, os estudos formalistas associam a função da língua à expressão dos pensamentos, os estudos funcionais acreditam na língua como um sistema com função comunicativa e que, portanto, não pode ser considerado apenas em sua imanência.

“A estrutura é não arbitrária, motivada icônica”: esse princípio de linguística funcionalista remete à primeira questão abordada pela filosofia grega ao refletir sobre a linguagem: a relação da linguagem com o mundo é natural ou é fruto de uma convenção? A retomada contemporânea da questão pode ser observada nos estudos formalistas estruturalistas direcionados à defesa da segunda proposição, através da arbitrariedade, e nos estudos funcionalistas direcionados tese, de que a relação entre a linguagem e o mundo é motivada ou icônica. Isto implica dizer que a forma da língua é motivada. Deste modo, vemos, por exemplo, que a mudança no paradigma pronominal em que TE é prototípico têm motivações linguísticas provenientes do que ocorreu com o paradigma de TU a partir da entrada de VOCÊ no sistema. A própria entrada de você no sistema linguístico resulta de pressões do uso, justificadas ou explicadas conforme a observação da evolução desta forma desde sua configuração analítica que remetia à mercê do rei.

“Mudança e variação estão sempre presentes”: tendo em vista o método pancrônico adotado pela visão funcionalista da linguagem, bem como a ênfase no processo interativo, faz sentido observar fenômenos de variação, nos quais é possível perceber as variantes de um fato

linguístico na sincronia, refletindo também sobre a possibilidade de a variação implicar (ou não) mudança, o que representa um ponto de vista diacrônico à medida que se reflete sobre evolução de um fato linguístico dado. Considerar a variação em um estado de língua e a mudança por ela antecedida permite refletir sobre a evolução da língua, observando a sincronia na diacronia. Nesta pesquisa, quando observamos as modificações na representação de 2ª pessoa do singular em pronomes átonos, considerando como o *te* vem prevalecendo em relação as outras formas, bem como a hipótese de afixação dele, estamos observando dados a partir de uma metodologia diacrônica. Por outro lado, ao pensarmos na concorrência entre *te*, *lhe* e *você* quanto à representação de 2ª pessoa, lidamos com formas concorrentes e em variação.

“O sentido é contextualmente dependente e não atômico”: segundo essa concepção, os sentidos das expressões linguísticas não podem ser determinados se eles são analisados isoladamente. Por outro lado, tais sentidos devem ser determinados a partir da consideração dos contextos nos quais as expressões estão inseridas. Desta forma, vemos um contexto amplo em que a entrada de *você* no sistema pronominal é decorrente de questões extralinguísticas, mas, principalmente, o pronome *te* encontra-se determinado por pressões do uso que o tornam protótipo em relação à expressão pronominal *você*, bem como ao *lhe*. Também ganha nuances morfológicas diferentes, uma vez que, por ser regular em próclise, pode estar no processo de gramaticalização por afixação.

“As categorias não são discretas”: as variáveis discretas dizem respeito a características que podem ser mensuráveis ou medidas finitas. Tendo em vista o fato de a Linguística Funcional Clássica observar a forma como maleável e dependente das funções que exerce, é possível constatar regularidades, mas não categorias finitas ou fechadas. Em virtude disso, a regularidade de uso de *te* não o adequa ao padrão de queda do paradigma de *tu*, além de haver possibilidade de mudança de categoria do *te* na direção pronome-afixo. Isto é, as categorias dadas têm certo grau de instabilidade que permite o espaço para a mudança linguística. Não é incomum que itens linguísticos encontrem certo nível de variação categorial em decorrência do uso da língua na interação.

“A estrutura é maleável e não rígida”: para o Funcionalismo, a estrutura é uma variável dependente, moldada segundo as necessidades comunicativas e, portanto, maleável. A estabilidade do sistema linguístico é relativa e se traduz na expressão de padrões de regularidade de funcionamento. Neste sentido, é regular que o *te* seja usado em colocação próclítica, assim como de modo geral se tornou regular e prototípico para expressão da 2SG.

“As gramáticas são emergentes”: considerando o dinamismo da língua, as gramáticas não são fenômenos estáticos e rígidos. O processo de gramaticalização reflete o fato de as

gramáticas serem emergentes, já que se refere à necessidade que elas têm de se refazer de acordo com as pressões do uso. Na gramaticalização, itens lexicais e expressões sintáticas podem assumir funções gramaticais em alguns contextos e, uma vez gramaticalizados, podem desenvolver novas funções no âmbito da gramática.

“As regras de gramática permitem algumas exceções”: a partir do momento em que a estrutura é analisada como variável dependente de fatores contextuais, a gramática é vista de forma menos rígida e estática, de modo que passa a permitir exceções baseadas no uso da língua. Assim caracterizada, a corrente funcionalista considera a língua como um sistema de base comunicativa, suscetível às pressões do uso. Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 14) afirmam que:

A língua é determinada pelas situações de comunicação real em que falantes reais interagem e, portanto, seu estudo não pode se resumir à análise de sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação.

Sendo a forma da língua determinada por situações reais de comunicação, ela não é uma estrutura autônoma, previamente determinada sem fatores que envolvam o indivíduo que a utiliza, isto é, a língua é uma variável dependente. Martelotta (2011, p. 49) ressalta a sensibilidade da língua a fatores diversos.

As línguas são sensíveis às nuances culturais associadas ao estilo de vida dos humanos, apresentando, de um lado, variações de natureza individual, social, regional, sexual, entre outras, que convivem em um mesmo momento de tempo, e, de outro lado, mudanças, que se manifestam com o passar do tempo.

Ainda que a língua apresente essa sensibilidade à interferência das nuances culturais, sociais, de natureza individual e outras, existe uma estabilidade relativa que se manifesta em padrões que se formam a partir do uso. Neste sentido, notamos as regularidades que formam o sistema da língua. A abordagem da linguística funcional clássica volta-se para a investigação das regularidades na língua, tal como propõem Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 21):

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática são relacionados e interdependentes. Ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa.

A Linguística Funcional Clássica busca explicar as regularidades analisando as condições em que ocorre o uso, abrangendo diferentes níveis da língua, considerando a forma como uma variável a ser investigada não apenas no nível sintático, mas em sua face semântica e pragmática, revelando a dependência que a forma tem de fatores de uso que não podem ser abarcados se a sintaxe for o teto da análise linguística. Nestas condições, a língua é tida como um sistema adaptativo complexo, o que é afirmado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 20).

(...) é concebida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura fluida, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que estão em permanente emergência, mercê de necessidades cognitivas e/ou intercomunicativas.

Assim, Bybee (2016) comenta que a estrutura da língua é um produto emergente da aplicação de processos que são subjacentes a ela. Entendemos que é nessa ambiência que surgem as regularidades que configuram a estrutura de base do funcional. É exemplo do fato de a língua ser um sistema adaptativo complexo o quanto ela é variável e gradiente. Como ilustração, podemos citar a repetição do clítico *te* em próclise, resultando na hipótese de sua afixação em português brasileiro, segundo Oliveira (2018). Considerando esses padrões de regularidade mais ou menos estáveis, devemos atentar também para o fato de que nem sempre uma estrutura mais regular é o representante ou modelo de uma categoria. Sobre isso, cabe pensarmos no processo cognitivo humano de categorizar e eleger modelos representativos de uma categoria, o que se chama protótipo. Lakoff (1987) acentua o fato de que há elementos considerados como mais representativos de suas categorias, como modelos ou protótipos. Furtado da Cunha e Tavares (2016, p. 27-28) tratam deste assunto da seguinte maneira:

A noção de protótipos tem sua gênese na teoria da categorização, associada à psicologia cognitiva. Para Rosch (1973), a prototipicalidade é possivelmente uma consequência de propriedades inerentes da percepção humana, como a saliência cognitiva. Tanto as classes morfológicas quanto as categorias sintáticas não apresentam fronteiras nítidas que separem umas das outras; essas classes são entendidas como feixes de traços mais ou menos presentes. O representante prototípico de uma categoria reúne os traços recorrentes de que se compõe essa categoria. Dessa maneira, a classificação é feita através do elemento que exemplifica o protótipo, enquanto os outros pares são classificados considerando as características mais próximas e as mais distantes em relação ao exemplar prototípico.

Para raciocinarmos sobre protótipos, podemos considerar que o clítico *te* tem os traços de + humano e mais destinatário, diferente de outros pronomes como *lhe* que, tendo origem na

3ª pessoa, não é marcado para os mesmos traços inicialmente, ainda que seja interessante notar que o *lhe* esteja atuando no contexto funcional de 2ª pessoa. Mesmo assim, *te* é mais prototípico para a representação de complemento de 2ª pessoa que o *lhe*. Matos (2016, p. 93) também discorre sobre prototipicidade, argumentando que:

A categoria funcional tida como prototipicidade se refere aos termos ou elementos que se repetem em ambientes textuais específicos e, devido a esta frequência de uso, acabam por motivar uma padronização de uso. Além disso, que é prototípico na língua, há evidentemente aquilo que não é. A frequência de uso de determinado elemento é um dos parâmetros para identificação de uma estrutura prototípica.

Desejamos reunir as ideias de Furtado da Cunha e Tavares (2016) e Matos e Souza (2016) para destacar três noções que permeiam seus discursos, a saber, prototipicidade, regularidade e frequência. A partir dos apontamentos das primeiras autoras, vimos a prototipicidade como algo dentro do contexto da categorização, quando um elemento consegue reunir o maior número de traços caracterizadores de uma categoria, podendo ser um modelo ou parâmetro para outros elementos que se aproximam ou se distanciam dele. Esse modelo pode convergir com um uso que se torne padronizado (não normatizado) ou regular.

Por outro lado, esses padrões de uso citados por Matos e Souza (2016) podem surgir da frequência de utilização. Assim, como a frequência pode ser motivo para mudanças no padrão em virtude de desgaste nas formas mais usadas. O que vale salientar é que prototipicidade, regularidade e frequência se relacionam, mas não convergentes como sinônimos necessários. Portanto, é possível pensar em prototipicidade como um princípio direcionado a modelos de uma categoria que têm sua caracterização não discreta, a regularidade como uma tendência à padronização e a frequência como um tipo de repetição que tanto leva à prototipicidade e regularidade como pode causar mudanças nessas duas instâncias.

No capítulo que segue, descreveremos o método utilizado na pesquisa e os procedimentos metodológicos.

4 O MÉTODO E OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, indicamos a natureza desta pesquisa em termos de metodologia qualitativa e quantitativa. Descreve-se como a pesquisa bibliográfica foi configurada em prol de nossos objetivos, apresentamos os corpora utilizados e explicamos especificamente quais procedimentos metodológicos utilizados para coleta e análise de dados.

4.1 A UTILIZAÇÃO DAS METODOLOGIAS QUALITATIVA E QUANTITATIVA E A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Sobre a pesquisa que observa os dados de modo qualitativo e quantitativo, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 22) explicam o seguinte:

O aspecto qualitativo diz respeito ao caráter descritivo e interpretativo da análise e o enfoque indutivo baseado na observação das amostras coletadas. Já a dimensão quantitativa refere-se à natureza mensurável do material empírico tomado como amostra. Para tanto, quantificamos, em termos absolutos e percentuais, a recorrência dos fatores selecionados para a análise.

Considerando essas definições em relação ao objeto de estudo que escolhemos, de modo qualitativo, descrevemos os ambientes em que o *te* é resistente e as principais formas de representação de 2SG às quais resiste enquanto modo mais recorrente de referenciar o complemento pronominal de 2SG, interpretando a resistência do *te* nos ambientes descritos, de acordo com motivações de natureza sintática, semântica e discursivo-pragmática.

Qualitativamente, observamos a frequência de *te* e a frequência das formas às quais o clítico resiste, identificando que percentuais surgiram em cada ambiente que delimitamos. Interpretamos os percentuais que surgiram em termos quantitativos, indicando níveis de resistência do *te* no ambiente observado como de baixa resistência, média resistência e alta resistência.

Os conjuntos de dados observados apresentaram 676 ocorrências do *te*, sendo 210 da corpora C-Oral-Brasil, 60 da corpora VALPB (feminino: 20; masculino: 40), 44 da corpora D e G Rio 1, 72 da corpora D e G Rio 2, 23 da corpora D e G Niterói, 71 da corpora D e G Juiz de Fora, 39 da corpora D e G Rio Grande, 57 da corpora D e G Natal e 100 da corpora Corpus do Português (Web-dialetos), em que estes levaram à elaboração de conclusões gerais sobre como o *te* se mostra resistente nos contextos em que ocorre. Tal metodologia de trabalho é pertinente ao método indutivo, assim caracterizado por Marconi e Lakatos (2003, p. 85), quando escrevem que “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados

particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”.

Entendemos que esta investigação também se delinea por meio da pesquisa bibliográfica, tendo em vista considerarmos e citarmos em revisão teórica os estudos que abordaram a alternância de formas representativas de 2SG na posição de complemento, objetivando identificar a forma mais regular nos *corpora* observados. Citamos, por exemplo: Oliveira (2018), Machado (2011), Souza (2014), Oliveira (2014), Almeida (2009), Araújo e Carvalho (2015), Pimienta (2013), Carvalho e Pinto (2014), Alves (2015) e Almeida (2016).

4.2 DESCRIÇÃO DOS *CORPORA* DE DO MATERIAL COLETADO

É pertinente explicar as razões pelas quais optamos por mais de um conjunto de dados. Fizemos uma observação mais geral em todos os corpora do D e G (Grupo Discurso & Gramática), no C-Oral-Brasil², no VALPB e no Corpus do português, investigando especificamente o Web-dialetos³. As seguintes informações preliminares foram coletadas (Quadro 13):

Quadro 13 - Resumo preliminar de Ocorrências dos Pronomes *te*, *lhe* e *você*

CORPORA		PRONOME	OCORRÊNCIAS
C-Oral-Brasil		te	210
		lhe	01
		você	270
VALPB	Feminino	te	20
		lhe	155
		você	2271
	Masculino	te	40
		lhe	113
		você	2341
D e G Rio 1		te	44
		lhe	25
		você	672
D e G Rio 2		te	72
		lhe	33
		você	860
D e G Niterói		te	23
		lhe	05
		você	426
D e G Juiz de Fora		te	71
		lhe	09
		você	772

² Acesso em 24 de junho de 2019: <https://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>
<https://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>

³ Acesso em 05 de novembro de 2020:
<https://www.corpusdoportugues.org/x.asp?c=3>
<https://www.corpusdoportugues.org/x.asp?c=3>

CORPORA	PRONOME	OCORRÊNCIAS
D e G Rio Grande	<i>te</i>	39
	<i>lhe</i>	05
	<i>você</i>	23
D e G Natal	<i>te</i>	57
	<i>lhe</i>	37
	<i>você</i>	1588
Corpus do Português (Web-dialetos)	em virtude da grande quantidade de ocorrências, optamos por limitar a quantidade de trechos observados, de modo que trabalhamos por amostragem, escolhendo 100 ocorrências para cada pronome citado.	

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Com este levantamento preliminar em mente e com o objetivo de investigar os ambientes de resistência, também na escolha dos dados, pensamos em ambientes que exemplificassem os níveis de resistência do *te* e de que modo ela se configura, atingindo níveis mais altos ou baixos. Por isso, destacam-se o C-Oral-Brasil (Sudeste) como um *corpus* em que o *te* apresenta alta resistência (210 ocorrências) e o VALPB (Nordeste), que apresenta 155 ocorrências de *lhe* e apenas 20 ocorrências de *te*, citando como exemplo a relação *te/lhe* nos dados referentes ao *corpus feminino*, ainda que um resultado semelhante se repita nos dados do *corpus* masculino desta base de dados.

Assinalamos que Almeida (2009) e Oliveira (2018) comentam a relação localidade/referenciação de 2ª pessoa em função de complemento. A hipótese de a localidade/região do país influenciar a resistência de *te* linguisticamente, fez com que investigássemos *corpora* nordestinos, já que os dados do *corpus* do VALPB mostram a relação acima citada em que *lhe* tem mais espaço que o *te*, o que é relevante considerar, pois, nos estudos que revisamos, o *te* apareceu como mais regular. O D & G Natal é a base de dados que escolhemos para representar as amostras pronominais do Nordeste, propondo a percepção de outra base de dados nordestina que não espelha o que ocorre nos dados da Paraíba, pois as ocorrências do *te* corroboram sua regularidade como forma mais resistente diante das demais. Neste *corpus* as ocorrências são distribuídas como citamos na listagem de ocorrências anterior.

Por último, escolhemos o Web-dialetos que acreditamos ser pertinente, ainda que pertença à modalidade escrita, uma vez que possui certa informalidade que parece colocá-lo num meio termo entre as modalidades oral e escrita da língua. Mais do que isso, achamos adequado não excluir imediatamente o fator modalidade como possível ambiente de resistência, no qual o *te* pode figurar se mostrando resistente mesmo que provenha do paradigma de *tu*, caracterizado por mais informalidade e menos rigidez, ou pode se mostrar menos resistente, diante de *lhe*, por exemplo, que, por sua vez, tende a aparecer em situações de maior

formalidade. Desta forma, são 4 *corpora*: C-Oral-Brasil com dados do Sudeste; Web-Dialetos com dados de Português Brasileiro sem especificação de região; VALPB e D & G Natal, ambos com dados da região Nordeste.

É importante colocar algumas informações sobre os dois *corpora* que se destacaram em nossa pesquisa. O C-Oral-Brasil é um projeto iniciado em 1999. Trata-se de um banco de dados de Minas Gerais que se dedica ao estudo da fala espontânea do PB, pela compilação de textos orais. São 300.000 mil palavras que compõem a transcrição de textos orais disponíveis na Linguateca.

O *corpus* será composto de pelo menos 200 textos e 300.000 palavras, divididos em uma metade formal (em fase de coleta) e uma metade informal (concluída). A metade informal se divide em um domínio privado/familiar (80%) e um domínio público (20%). Cada domínio se divide em monólogos (1/3), diálogos (1/3) e conversações (1/3). O objetivo principal da arquitetura do corpus é representar a variação diafásica da fala brasileira, com especial atenção à diatopia mineira (em particular, a região metropolitana de Belo Horizonte). Portanto, as gravações procuram buscar a maior variação situacional possível.⁴

Nesses arquivos, realizamos a busca pelas ocorrências no endereço listado na nota número 1. Colocamos cada um dos três pronomes, o *te* e as formas às quais resiste, *lhe* e *você*, na página de pesquisa abaixo ilustrada (Figura 1), à qual é seguida pela página de pesquisa do *te* em contexto (Figura 2):

⁴ Acesso em 07 de novembro de 2020:

<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>
<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>

Figura 1 - Menu de busca do AC/DC: Corpus C-Oral-Brasil⁵

Projeto AC/DC: corpo C-Oral-Brasil

[AC/DC: Linguatca](#)

O corpo **C-ORAL-BRASIL** foi criado pelo projeto [C-Oral-Brasil](#), que "se dedica ao estudo da fala espontânea do português brasileiro, através da compilação de um corpus de textos orais produzidos em contexto natural".

Procurar:

Resultado:

- ☒ Concordância
- ☐ Distribuição das formas (word)
- ☐ Distribuição dos lemas ([lema](#))
- ☐ Distribuição da categoria gramatical (PoS) ([pos](#))
- ☐ Distribuição do tempo verbal e/ou do caso pronominal ([temcagr](#))
- ☐ Distribuição de pessoa e/ou número ([pessnum](#))
- ☐ Distribuição do género morfológico ([gen](#))
- ☐ Distribuição da função sintáctica ([func](#))
- ☐ Distribuição por campo semântico ([sema](#))
- ☐ Distribuição por grupo (de cor, roupa, etc.) (grupo)

Opções

- ☐ Resultados por ordem alfabética (só distribuições)
- ☐ Ignorar maiúsculas/minúsculas (não admite parâmetros)

Amostra aleatória de linhas.

Tipo	Fala espontânea
Variante(s)	BR
Tamanho (unidades)	436 mil
Tamanho (palavras)	263 mil

[Página principal](#)

Procure noutros corpos:

[AmostrA-NILC ANCIB Avante!](#)
[Corpus Brasileiro CD HAREM](#)
[CETEMPúblico CHAVE Colonia](#)
[CONDIVport CoNE C-Oral-Brasil](#)
[DiaCLAV Diáspora TL-PT ECI-EBR](#)
[ECLEE](#)
[ENPCPUB \(parte em português\)](#)
[Floresta FrasesPB FrasesPP Mariano](#)
[Gago Mocambula Museu da Pessoa](#)
[Natura/Minho OBras ReLi](#)
[NILC/São Carlos todos juntos Tycho](#)
[Brahe Vercial](#)

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Figura 2 - Exemplo de pesquisa no atributo contexto⁶

Resultados da procura

8 de novembro de 2020

Procura: "te"
 Pedido de uma concordância em contexto
 Corpo: C-Oral-Brasil v. 5.1

210 ocorrências.

Concordância

Procura: "te".

ô, mas tem outros lugares, o negócio é que a gente não procurou // 51] eu te mandei uma lista // 52] com uns dez lugar diferentes .

Eu, se eu fosse cê fazia isso não, Carlão // se eu fosse cê matava aqui o' // eu te avisei, Zé // p' cê + CAR

Tô te falando com cê que morreu, uai // olha, p' cê ver // olha aonde que ea vai morrer .

Tem um aqui que vou te falar uma coisa hhh // tá difícil, viu, Zé hhh.

Deixa eu te falar .

Hhh eu te mostrei, né, Tommaso .

Mas que o Bruno te mostra, depois .

Eu nu sei nem o nome dele, pra te falar a verdade .

Se fosse ruim pra mim, eu tinha te dado um chute com minha perna direita, cê tava voando até hoje e nu tinha chegado no lugar .

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

No C-Oral-Brasil, encontramos um ambiente de alta resistência do clítico *te*, uma vez que foram 210 somadas, enquanto o clítico *lhe* só apareceu uma vez. Nas 270 ocorrências identificadas para o pronome lexical *você*, 186 são para a posição sintática de sujeito e não de complemento. Esclarecemos que as ocorrências de *você* são muitas nos *corpora* e acreditamos

⁵ Acesso em 07 de novembro de 2020:

<https://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>
<https://www.linguatca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CORALBRASIL>

⁶ Acesso em 07 de novembro de 2020: <https://www.linguatca.pt/cgi-bin/acesso.pl>

que isso decorre do fato de o pronome lexical figurar mais frequentemente como sujeito, além de ocupar a posição de objeto. Retomamos estas ocorrências no Microsoft Excel (2010) para organização dos dados para a análise.

Sobre os *corpora* nordestinos, falaremos primeiramente do VALPB. Este *corpus* teve início em 1993 e objetivava traçar o perfil linguístico do falante da capital paraibana, João Pessoa. Três variáveis foram observadas na constituição do *corpus*: sexo (feminino e masculino); faixa etária (de 15 aos mais de 50 anos) e escolaridade (falantes não escolarizados até os que possuem mais de 11 anos de escolarização). Os dados são provenientes de entrevistas com sessenta falantes, 30 falantes do sexo masculino e 30 falantes do sexo feminino.

O D & G Natal, por sua vez, é uma das bases de dados constituída pelo grupo Discurso e Gramática. Os objetivos principais que nortearam a criação do *corpus* foram:

- a) analisar o comportamento da iconicidade, através de diferentes fenômenos lingüísticos, em situações reais de uso da língua;
- b) criar um banco de dados com correspondência de conteúdo entre fala e escrita, de modo a viabilizar a comparação mais rigorosa entre essas duas modalidades da língua;
- c) analisar, em diferentes subgêneros textuais (narrativas, descrição e relatos), o modo de codificação da informação;
- d) comparar o comportamento dos canais da fala e da escrita em relação ao modo de codificação nesses subgêneros.

A constituição do D & G Natal envolveu 20 informantes. Cada um dos informantes produziu 5 tipos de textos (narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento e relato de opinião). Os relatos foram produzidos pelos falantes nas modalidades oral e escrita, segundo os tipos de textos citados. Os falantes também foram distribuídos, segundo a escolaridade, tal como exposto abaixo:

- alunos de classe de alfabetização - infantil - 4informantes
- alunos da 4a série do primeiro grau - 4 informantes
- alunos da 8a série do primeiro grau - 4 informantes
- alunos da 3a série do segundo grau - 4 informantes
- alunos do último ano do terceiro grau - 4 informantes
- total - 20 informantes

No caso do VALPB e do D & G Natal, que não estão em plataformas semelhantes às duas anteriores, mas são dados que estão em arquivos do Office Word (2010), utilizamos a função *localizar* para buscar as ocorrências e organizá-las também no Microsoft Excel (2010), como exemplificamos com o dados do D & G Natal:

Figura 3 - Exemplos de Dados do D & G natal no Microsoft Excel (2010)

E58					f5 Nomário ... então o Nomário te contou a história do He Man ... então agora você vai contar pra mim ... tá? como é que foi?			
	A	B	C	D	E	F	G	H
1	Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência			
2					você nota nos olhos dela a: a: a coisa precária mesmo como ele se encontra ... pois a gente só vê isso quando passamos pra fora e vemos uma condição melhor que o homem vive e que ao nordestino lhe é negado ... ele não sabe ... ele não sabe que ele não tem: ele poderia viver melhor e ele se conforma com sua vida precária ... ele se conforma em sofrer ... e não levanta pra lutar ... porque lhe negaram também informação ... ao nordestino lhe é negado o direito de: de aprender a se revoltar e ele fica na vidinha dele ... leva aquilo sossegado é: como a história que te falei ... daquela família nordestina			
3	Informante 3: Glislaine Sexo: feminino Idade: 21 anos	Terceiro Grau	Oral	Relato de opinião	você diz que tem direito de educação mas você não aprende ... você tem direito a: a segurança ... mas só de palavras ... mas no: na realidade ele também te é negada a segurança ... a saúde nem se fala ... é: de: é direito ... a gente vê na constituinte ... é direito de você ter saúde ... mas te é negada a saúde			
4					se hoje você for a um posto de saúde ... te negam a saúde ... por quê? porque não tem quem trabalhe ... num tem quem pague ...			
5					se você tiver saúde ... tiver uma educação e tiver segurança ... aí surge aquela pergunta ... então aquelas			

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Vejamos a seguir como observamos os dados em relação aos ambientes de resistência.

4.3 SOBRE A METODOLOGIA DE OBSERVAÇÃO DOS AMBIENTES DE RESISTÊNCIA

Devemos assinalar dois pontos: primeiro, não é o nosso foco analisar fatores de natureza extralinguística no sentido que a maior parte dos trabalhos sobre complementos pronominais de 2ª pessoa fazem, isto é, enfatizando ou mesmo objetivando fatores sociolinguísticos. No entanto, não deixamos de citá-los como ambientes de resistência do *te*, quando assim se mostraram. Segundo, entendemos que o *te* é resistente em duas frentes: a) ser o mais resistente, por se constituir o mais frequente em relação às demais formas ou ambientes em que esteja inserido; ou b) ser mais resistente por estar em ambientes em que sua ocorrência se efetiva com menos força, ainda que seja protótipo. Note-se que é um parâmetro inverso de resistência. Feito esse alinhamento, convém mostrar que delimitamos alguns contextos que investigamos como ambientes de resistência em que o *te* figura.

De acordo com Oliveira (2018), um dos fatores que favorece o *te* como forma mais regular e prototípica para a referência de 2SG é a possibilidade de funcionar sintaticamente com consistência como OD e OI.

Neste contexto, observamos os dados, investigando em que posição sintática o *te* encontra-se em ambiente de resistência, hipotetizando que seja dativo no sentido A e no caso acusativo no sentido B de resistência, já que Lemos e Matos (2017) preconizam que a função prototípica é a de OI. Logo, investigamos que fatores sintáticos, semântico e/ou discursivo-

pragmáticos estão envolvidos no ambiente de resistência representado pelo caso acusativo. A partir disso, configuramos tabelas de baixa resistência, média resistência e alta resistência para a função sintática.

Investigamos também quais verbos oferecem uma relação *te*-verbo mais recorrente para observar a que tipo semântico estes verbos pertencem e delimitar dentre estes como se configura a resistência do *te*, segundo os mesmos níveis que citamos para a função sintática. Retomemos Araújo e Carvalho (2015) para exemplificação disso (Figura 4):

Figura 4 - Tipo semântico do verbo em relação ao uso dos pronomes *te* e *lhe*.

<i>Tipo semântico do verbo</i>	<i>TE</i>	<i>LHE</i>	<i>Total</i>
Dicendi convidar, abençoar	6 (32%)	13 (68%)	19
Cognitivos/ Possessivos- relacionais conhecer, esquecer	16 (64%)	9 (36%)	25
Materiais/De atividade fazer, escrever	31 (63%)	18 (37%)	49
Sentimentais amar, estimar	22 (88%)	3 (12%)	25
Perceptivos ver, encontrar	15 (48%)	16 (52%)	31
Total	90 (60%)	59 (40%)	149

Fonte: Araújo e Carvalho (2015, p. 72)

Em seus dados, Araújo e Carvalho (2015) objetivavam descrever a alternância entre *lhe* e *te* em cartas cearenses e com estudo diacrônico. Um dos critérios considerados em sua pesquisa era o tipo semântico do verbo. A partir disso, elaboraram a tabela ilustrada na Figura 4. Investigando esses dados em termos do que chamamos ambientes de resistência, temos a seguinte Tabela 7:

Tabela 7- Níveis de resistência: tipo semântico do verbo

Níveis de Resistência		Alta	Média		Baixa	
Pronome	Tipo Semântico	Nível (%)	Tipo Semântico	Nível (%)	Tipo Semântico	Nível (%)
te	Sentimentais, amar, estimar	88% (22)	Perceptivos ver, encontrar	48% (15)	Dicendi, convidar abençoar	32% (6)
	Cognitivos/Possessivos-relacionais conhecer, esquecer	64% (16)				
	Materiais/De atividade fazer, escrever	63% (31)				

Níveis de Resistência		Alta		Média		Baixa	
Pronome	Tipo Semântico	Nível (%)	Tipo Semântico	Nível (%)	Tipo Semântico	Nível (%)	
lhe	Dicendi, convidar, abençoar	68% (13)	Perceptivos ver, encontrar	52% (16)	Materiais/De atividade fazer, escrever	37% (18)	
					Cognitivos/Posse ssivos-relacionais conhecer, esquecer	36% (9)	
					Sentimentais, amar. estimar	12% (3)	

Fonte: Próprio autor.

Ao distribuímos nossos dados, trabalhando em sincronia, estabelecemos os tipos semânticos para os verbos observados, de modo que foi possível registrar quais tipos semânticos de verbos são ambientes de baixa, média e alta resistência para pronome *te*, conforme o capítulo 5 demonstra. Além do tipo semântico do verbo, investigaremos como ambientes de resistência o tempo/modo do verbo; posição do clítico em relação ao verbo predicator; combinação do clítico *te* com o sujeito *você* em construções como *Você leu o livro que eu te dei?*; forma na posição de sujeito; estrutura da oração: simples (SVO) ou complexa como *Quero te ver feliz*; *Se você me procurar, te levo pra lá*. Para estes ambientes, configuraremos quadros de baixa, média e alta resistência.

4.3.1 Observações complementares sobre os dados e os ambientes de resistência

Identificamos que a questão do *te* ser mais ou menos resistente no ambiente de *você* como sujeito, na relação *você*-sujeito e *te*-complemento (*Você leu o livro que eu te dei?*) deve levar em consideração a natureza desse sujeito como aquele que, no discurso do falante, faz ou não referência concreta ao outro participante da interação ou é *você* com utilização generalizadora. Por exemplo, no corpus D & G Natal, em um relato de opinião de uma estudante de ensino superior, aos 21 anos:

você diz que tem direito de educação mas **você** não aprende ... **você** tem direito a: a segurança ... mas só de palavras ... mas no: na realidade ele também *te* é negada a segurança ... (Corpus D & G Natal, p. 42)

Desta forma, atentamos para essa especificação semântica, quando considerada essa relação de *você* como sujeito e *te* como complemento, e ressaltamos que este ambiente de resistência pode precisar de especificação em relação ao uso generalizador de *você*.

Feitos esses últimos apontamentos complementares sobre a observação dos dados, vamos ao capítulo de análises das ocorrências e resultados.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, mostraremos como o clítico *te/lhe* e o pronome lexical *você* se configuram nos *corpora* analisados, examinando os dois últimos pronomes como aqueles aos quais o clítico *te* resiste. Mostraremos como o *te* figura em alguns ambientes de resistência (função sintática e tipo semântico do verbo, por exemplo) e que características estes apresentam. Assim como quais fatores sintático-semânticos e discursivo-pragmáticos são possíveis identificar nos ambientes de resistência do *te*. Ademais, acrescentam-se as análises sobre que ordenação representa ambiente resistência para o *te* e quais quantificações em níveis podemos estabelecer a partir dos ambientes investigados. Em primeiro lugar, observaremos os ambientes de resistência no C-Oral-Brasil. Começamos por apresentar os dados relacionados o protótipo de 2SG na posição de complemento, o *te*.

5.1 DADOS DO C-ORAL-BRASIL: PRONOME *TE*

Dentre as 210 ocorrências do pronome *te* no C-Oral-Brasil, 22 não apresentaram uma interpretação clara, pois não se enquadram na função sintática que se torna objeto desse estudo. Dessa forma, 188 ocorrências fazem parte da análise que segue. O primeiro ponto que analisamos foi a função sintática, observando as funções que são comumente elencadas para o *te*, isto é, funcionar como OD e OI. Vale salientar que vamos desconsiderar mais 2 ocorrências: uma de OI pleonástico (Tô *te* falando com cê que morrei, uai olha, p' cê ver // olha aonde que e a vai morrer) e OD pleonástico (Cê lembra, que eu até *te* levei cê na sua casa), pois não possuem uma interpretação direta diante das classificações elencadas na metodologia. São exemplos de ocorrências com OI as seguintes:

[01] Então depois eu termino de contar

[02] Eu n sei o nome dele, pra *te* falar a verdade (C-Oral-Brasil, 2022)

São exemplos de ocorrências com OD as seguintes:

[03] Eu vou *te* matar, mas tudo bem.

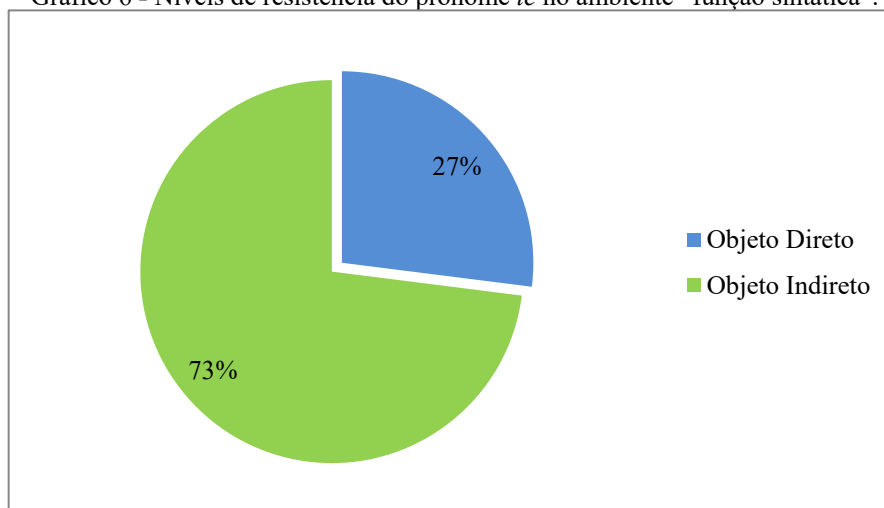
[04] é, aí no meio da noite ele tem crise de mau humor, e quer pegar taxi, e sai, pega um taxi, e *te* leva junto, aí chega assim e desce do carro, e fala que tava sem dinheiro. (C-Oral-Brasil, 2022)

No C-Oral-Brasil, a função sintática predominante para o pronome *te* é a de OI (73%). Porém, trabalhos como o de Mota (2008) mostram dados com *te* como OD. Retomamos também

o estudo diacrônico de Araújo e Carvalho (2015) que citamos anteriormente, que analisam *te* e *lhe* em função acusativa. Ao citarmos esses dados anteriormente, teve-se o intuito de ressaltar ambientes de resistência nos dois sentidos que indicamos, a saber: a) ser o mais resistente, por se constituir o mais frequente em relação às demais formas ou ambientes em que esteja inserido ou b) ser mais resistente por estar em ambientes em que sua ocorrência se efetiva com menos força, ainda que seja protótipo.

Considerando a função sintática como ambiente de resistência, o *te* é resistente na função de OI, no sentido indicado em *a*. Por outro lado, é mais resistente no contexto de OD em que é menos produtivo, mas ainda atinge percentuais relevantes até mesmo se considerarmos as duas funções sintáticas apenas em relação ao clítico, visto que, em nossos dados ainda tem 27 % das ocorrências. Este tipo de resistência identificaremos como *b*. Vejamos estas informações no Gráfico 6:

Gráfico 6 - Níveis de resistência do pronome *te* no ambiente “função sintática”.



Fonte: Farias (2021)

Encaramos a possibilidade de o *te* figurar em ambas as funções sintáticas como um processo de gramaticalização, especialmente focado no parâmetro extensão. Retomamos que a extensão explica que expressões linguísticas podem ser estendidas a novos contextos num aumento de suas funções gramaticais. Salientamos que os dois sentidos de resistência do *te* que citamos podem ser assim justificados, além de associarmos isso à menor flexibilidade de formas como *lhe*, ao exercerem as mesmas funções, o que arriscamos estar associado a possíveis restrições de sua função sintática predominante como OI no caso do *lhe*.

Quanto à prototipicidade de *te* como OI, indicamos ainda que a posição predominante como OI é a prototípica no ambiente de resistência de função sintática. Porém, acreditamos que

o parâmetro extensão que explica como *te* pode figurar também produtivamente como OD, como se ao protótipo fosse adicionada esta característica funcional, não somente na confirmação de ambas as funções sintáticas para o *te*, como preconiza a gramática normativa, mas como uma indicação da resistência deste frente a outras formas linguísticas que podem figurar no contexto acusativo. Vejamos com que verbos o *te* ocorre nos dados, segundo a Tabela 8:

Tabela 8 - Verbos e quantidade de ocorrências

		QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS							
		1	2	3	4	5	11	12	14
VERBO	Acotovelar	Agradecer	Avisar	Ajudar	Conhecer	Dar	Mostrar	Contar	Falar
	Adorar	Apanhar	Chamar	Pedir	Ensinar				
	Aguentar	Explicar	Dizer						
	Amar	Interessar	Passar						
	Arrebentar	Levar							
	Arrumar								
	Assoviar								
	Atrapalhar								
	Beijar								
	Cobrar								
	Comer								
	Cumprime								
	ntar								
	Deixar								
	Educar								
	Gritar								
	Incentivar								
	Ligar								
	Mandar								
	Obrigar								
	Perguntar								
	Propor								
	Servir								
	Ver								

Fonte: Adaptado de Lemos (2015, p. 44)

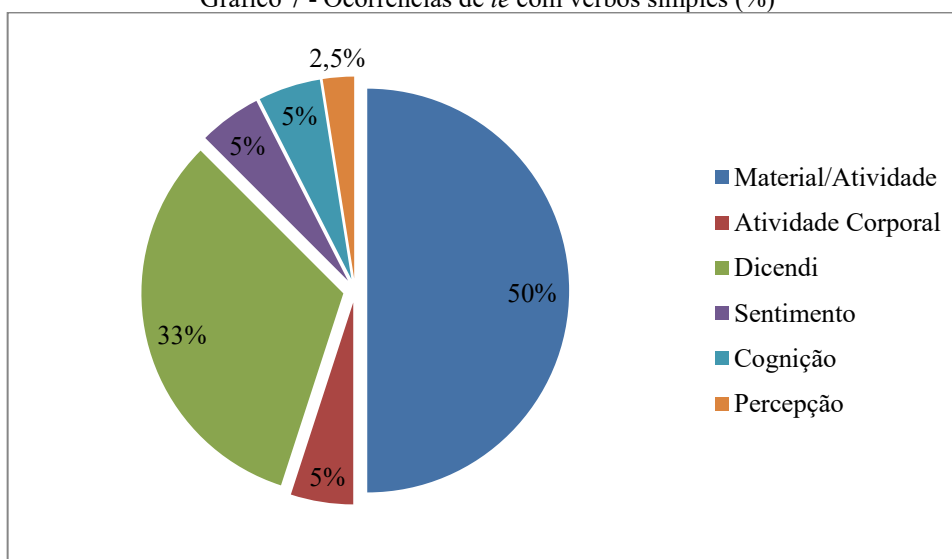
Escolhendo o ambiente tipo semântico para investigar os níveis de resistência do *te* neste contexto, temos a seguinte disposição dos verbos, segundo proposição de Tavares e Freitag (2010) sobre tipos semânticos dos verbos (Tabela 9):

Tabela 9 - Tipos semânticos dos verbos simples que ocorrem com *te*

TIPOS SEMÂNTICOS DO VERBO						
	Material/Atividade	Atividade Corporal	<i>Dicendi</i>	Sentimento	Cognição	Percepção
VERBOS	Acotovelar	Beijar	Agradecer	Adorar	Conhecer	Ver
	Ajudar	Comer	Avisar	Amar	Interessar	
	Aguentar		Chamar			
	Apanhar		Contar			
	Arrebentar		Cumprimentar			
	Arrumar		Dizer			
	Assoviar		Explicar			
	Atrapalhar		Falar			
	Cobrar		Gritar			
	Dar		Obrigiar			
	Deixar		Pedir			
	Educar		Perguntar			
	Ensinar		Propor			
	Incentivar					
	Levar					
	Ligar					
	Mandar					
	Mostrar					
	Passar					
	Servir					

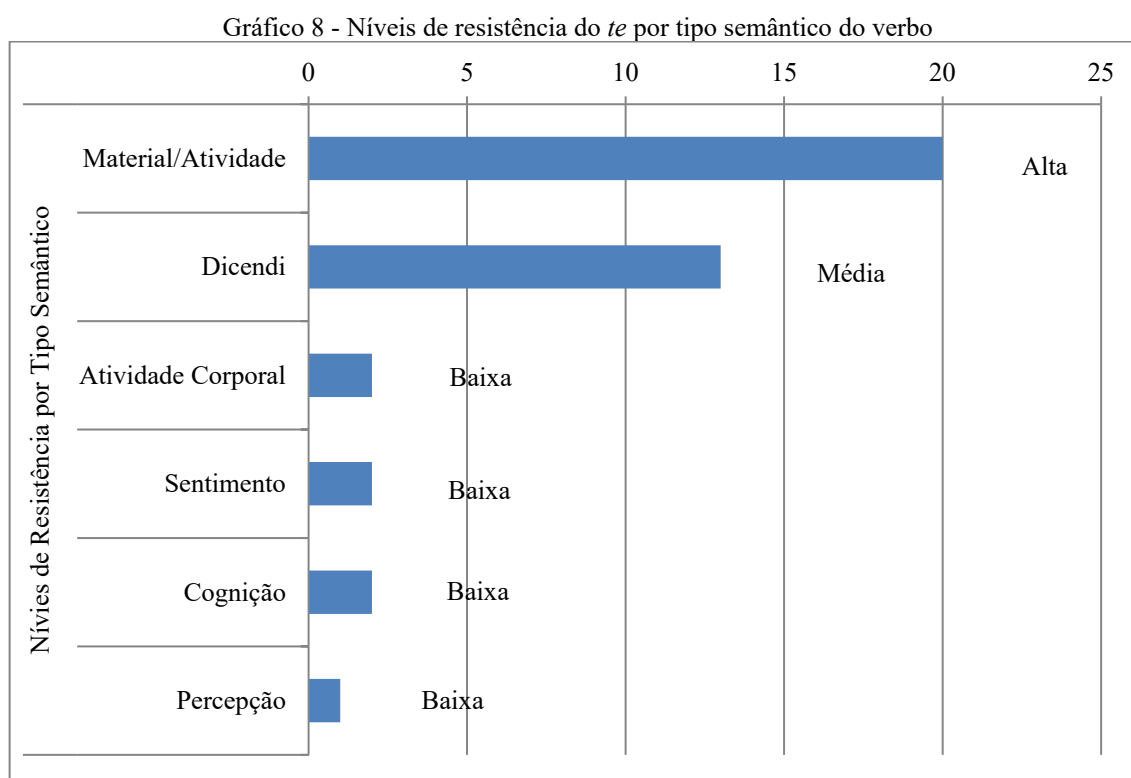
Fonte: Farias (2021)

A maioria dos verbos é do tipo material/atividade (20 verbos), ainda que apresentem 1 ocorrência cada. O segundo tipo mais produtivo é o *dicendi* (13 verbos). Os demais tipos apresentam índices menores: atividade corporal (2 verbos), sentimento (2 verbos), cognição (2 verbos) e percepção (1 verbo). Em termos percentuais, temos o seguinte (Gráfico 7):

Gráfico 7 - Ocorrências de *te* com verbos simples (%)

Fonte: Farias (2021)

Com base na Tabela 8, sabemos que, embora os verbos do tipo material/atividades ocupem 50% dos dados, apenas 2 dos verbos que constituem esse percentual, *dar* (11 ocorrências) e *mostrar* (12 ocorrências), apresentam um número de ocorrências relevante. Fato semelhante ocorre com os verbos do tipo *dicendi*, que somam 33% neste tipo semântico, mas apenas *contar* (14 ocorrências) e *falar* (20 ocorrências) apresentam mais ocorrências. Porém, para considerarmos os níveis de resistência, vamos usar os valores como apresentados no Gráfico 7, independentemente da quantidade de ocorrências. Com este alinhamento, podemos apresentar os seguintes níveis de resistência (Gráfico 8):



Fonte: Farias (2021)

Entendemos a partir do Gráfico 8 que, quanto tipo semântico em verbos simples, o pronome *te* funcionou nos dados, principalmente com verbos do tipo material/atividade e *dicendi*, campos nos quais estão inseridos os verbos com os quais o *te* mais ocorre, como vemos nos exemplos abaixo:

[05] Depois eu vou *te mostrar* essas coisas. Senão eu *te atrapalho*.

[06] Assim, *te dar* um beijo.

[07] Eu *te chamei* três vezes p' você me dar ele.

[08] Eu nsei nem o nome dele, pra *te falar* a verdade.

Quanto aos níveis de resistência, fica assinalada a resistência alta do *te* com verbos de material atividade, a resistência média com verbos *dicendi* e a baixa resistência em relação aos demais tipos semânticos: atividade corporal, sentimentais, cognição e percepção.

Vejamos o ambiente de resistência locuções verbais em que o *te* figura (Tabela 10).

Tabela 10 - Locuções verbais que mais ocorrem com *te*

		QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS					
		1	2	3	4	5	6
LOCUÇÕES VERBAIS	Deixa eu <i>te</i> perguntar		Estou <i>te</i> dando	Mandar <i>te</i>	Deixa eu <i>te</i>	Tô <i>te</i> falando	Vou <i>te</i>
	Deixa <i>te</i> ajudar		Ia <i>te</i> contar	buscar	falar	Vou <i>te</i> dar	contar
	Está <i>te</i> pedindo		Ia <i>te</i> perguntar	Tava <i>te</i>	Vão <i>te</i> dar	Vou <i>te</i> falar	
	Posso <i>te</i> despertar			falando		Vou <i>te</i> mostrar	
	Queria <i>te</i> passar						
	Quero <i>te</i> mostrar						
	Tá <i>te</i> clamando						
	Tá <i>te</i> explicando						
	Tão <i>te</i> fritando						
	Ter <i>te</i> conhecido						
	Tinha <i>te</i> dado						
	Tô <i>te</i> ligando						
	Vai <i>te</i> enriquecer						
	Vai <i>te</i> gritar						
	Vou <i>te</i> ajudar						
	Vou <i>te</i> esperar						
	Vou <i>te</i> mandar						
	Vou <i>te</i> matar						
	Vou <i>te</i> procurar						

Fonte: Adaptado de Lemos (2015, p. 50)

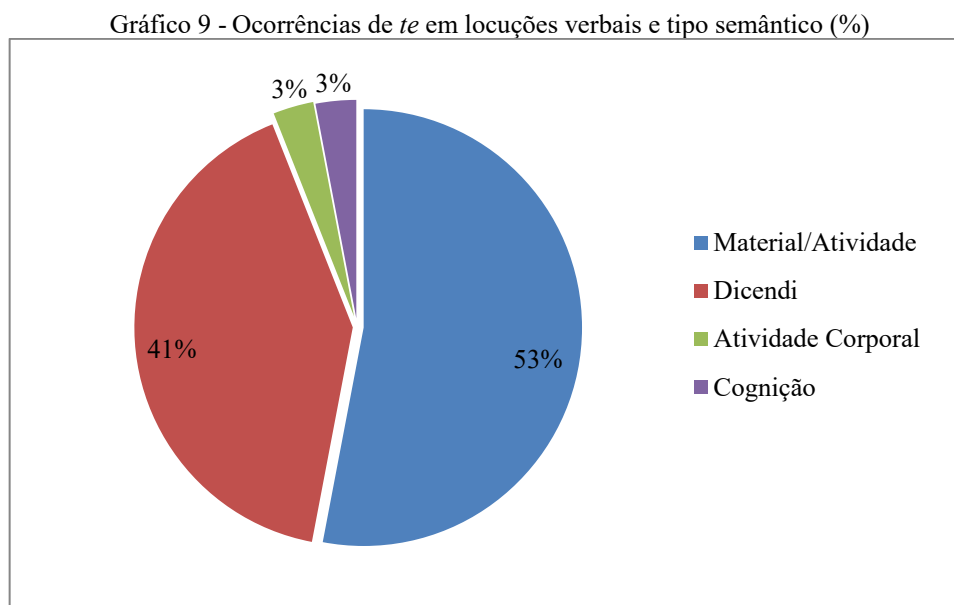
Para as locuções verbais, pensamos em não considerar o tipo semântico como ambiente de resistência, tendo em vista a possível influência dos verbos auxiliares. Vimos, porém, que pode haver uma tendência de equilíbrio entre os resultados dos verbos simples com os quais o *te* ocorre e as locuções verbais quanto ao ambiente tipo semântico do verbo, uma vez que os resultados dos verbos *dicendi* aumentam nas locuções verbais, caso consideremos como determinantes os tipos semânticos dos verbos principais. Nessa situação, os resultados são os seguintes (Tabela 11):

Tabela 11 - Tipos semânticos das locuções verbais que ocorrem com *te*

TIPOS SEMÂNTICOS DO VERBO				
	Material/Atividade	Atividade Corporal	<i>Dicendi</i>	Cognição
LOCUÇÕES VERBAIS	Deixa <i>te</i> ajudar	Posso <i>te</i> despertar	Deixa eu <i>te</i> perguntar	Ter <i>te</i> conhecido
	Queria <i>te</i> passar		Está <i>te</i> pedindo	
	Quero <i>te</i> mostrar		Tá <i>te</i> chamando	
	Tinha <i>te</i> dado		Tá <i>te</i> explicando	
	Tô <i>te</i> ligando		Tão <i>te</i> fritando (falar mal)	
	Vai <i>te</i> enriquecer		Vai <i>te</i> gritar	
	Vou <i>te</i> ajudar		Ia <i>te</i> contar	
	Vou <i>te</i> esperar		Ia <i>te</i> perguntar	
	Vou <i>te</i> mandar		Tava <i>te</i> falando	
	(enviar)		Deixa eu <i>te</i> falar	
	Vou <i>te</i> matar		Tô <i>te</i> falando	
	Vou <i>te</i> procurar		Vou <i>te</i> falar	
	Estou <i>te</i> dando		Vou <i>te</i> contar	
	Mandar <i>te</i> buscar			
	Vão <i>te</i> dar			
	Vou <i>te</i> dar			
	Vou <i>te</i> mostrar			
	Vim <i>te</i> buscar			

Fonte: Farias (2021)

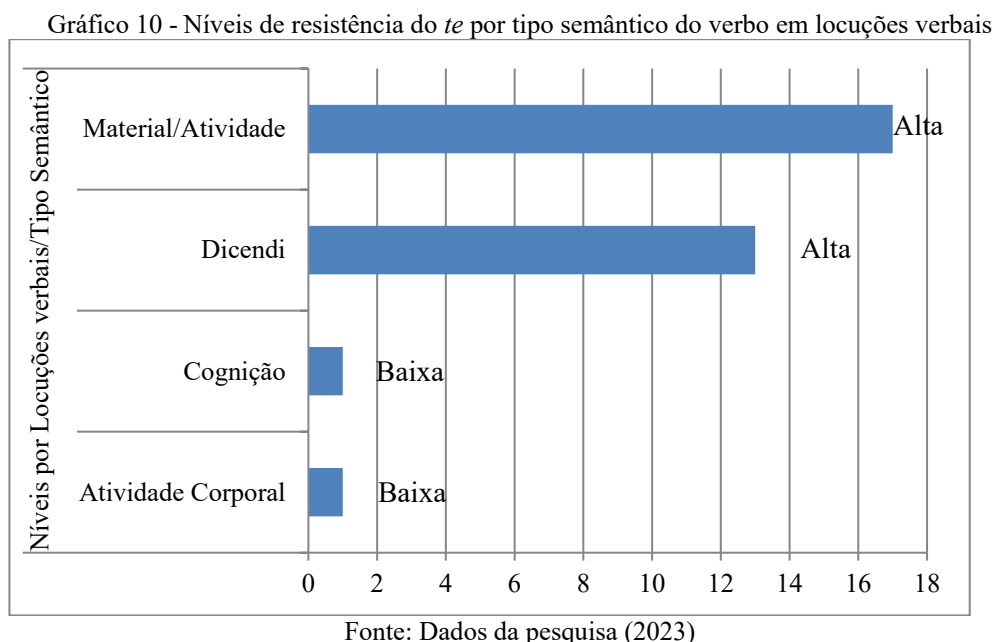
Com uma quantidade maior de ocorrências *dicendi* nas locuções verbais com *te*, os resultados percentuais são um pouco diferentes do que o apresentado com verbos simples. Vejamos (Gráfico 9):



Fonte: Farias (2021)

Numa relação com os verbos simples, as locuções verbais com *te* apresentam menor diversidade de tipos semânticos de verbos (Gráfico 9). Os dois tipos que se destacam com os verbos simples também se repetem aqui, quase se equiparando, de modo que as locuções com

te mostram altos níveis de resistência nos tipos material/atividade (53%) e *dicendi* 41%. Vejamos estes níveis de resistência, segundo o Gráfico 10:



No tipo material/atividade, o *corpus* apresenta o seguinte exemplo: “[09] Eu *tô te ligando*, porque me deu muita saudade de *você*”. No tipo *dicendi* “[10] Ah n *te contei*. Ô João, mãe *tá te chamando*”. Ressaltamos ainda a ausência de resistência média no Gráfico 10. Além disso, para ambos os tipos semânticos que se destacam, entendemos o nível de resistência A em que *te* é mais resistente por ser mais recorrente.

Consideramos também como ambiente de resistência a colocação pronominal. Lopes, Souza e Oliveira (2013) destacam a frequência da colocação em próclise no português em relação ao pronome *te* com direcionamentos à afixação do clítico. Nossos dados seguem na confirmação do raciocínio, em relação à colocação proclítica. Não existem nos dados do C-Oral-Brasil ocorrências de *te* em ênclise ou mesóclise, como a gramática tradicional as explica. Neste contexto, entendemos que, no ambiente “colocação pronominal”, o *te* apresenta alta resistência em posição proclítica, tanto com verbos simples como “[11] Bruno *te mostra depois*” e em locuções como “[12] A mamãe vai *te gritar*”.

Além disso, para o ambiente de resistência ordenação a ordem SVO não ocorre em nossos dados do C-Oral-Brasil. Por outro lado, 4 tipos de ordenações são detectáveis nas locuções verbais: Verbo auxiliar + sujeito + objeto + verbo (VaSOV); Verbo auxiliar + S (apagado) + objeto + verbo (VaSapOV); Verbo auxiliar + objeto + verbo (VaOV) e Sujeito + Verbo auxiliar + objeto + verbo (SVaOV). Vejamos exemplos de cada ordenação:

- [13] *Deixa eu te perguntar*. Cê lembra, que eu até *te* levei cê na sua casa. (VaSOV).
 [14] Pena que eu nojo, né, moça, senão eu *te* ajudava. *Deixa te mostrar* minha personagem de verdade. Esse jogo *te* influenciou um pouco. (VaSapOV)
 [15] *Tá te pedindo* pra poder levar pra mãe dela no hospital. (VaOV)
 [16] Mas eu vou *te* contar, viu. (SVaOV)

Estes 4 tipos de ordenações estão distribuídos na Tabela 12:

Tabela 12- Ordenações com *te* em locuções verbais

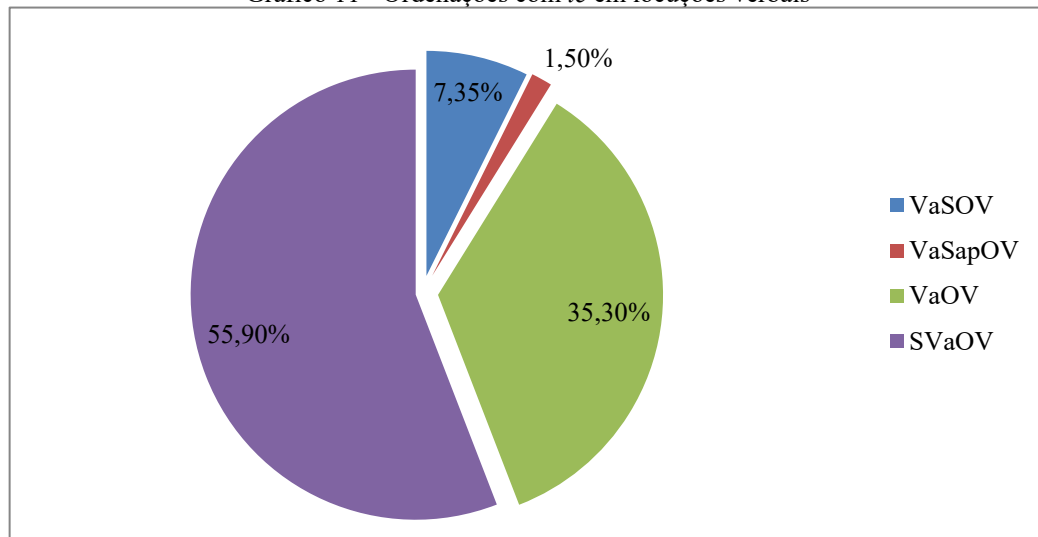
TIPOS DE ORDENAÇÃO ⁷								
	VaSOV	<i>n</i>	VaSapOV	<i>n</i>	VaOV	<i>n</i>	SVaOV	<i>n</i>
LOCUÇÕES VERBAIS	Deixa eu <i>te</i> falar	4	Deixa <i>te</i> ajudar	1	Está <i>te</i> pedindo	1	Ia <i>te</i> contar	2
	Deixa eu <i>te</i> perguntar	1			Estou <i>te</i> dando	2	Ia <i>te</i> perguntar	2
					Mandar <i>te</i> buscar	3	Queria <i>te</i> passar	1
					Posso <i>te</i> despertar	1	Quero <i>te</i> mostrar	1
					Tão <i>te</i> fritando	1	Tá <i>te</i> clamando	1
					Ter <i>te</i> conhecido	1	Tá <i>te</i> explicando	1
					Vai <i>te</i> enriquecer	1	Tava <i>te</i> falando	3
					Vou <i>te</i> ajudar	1	Tinha <i>te</i> dado	1
					Vou <i>te</i> dar	5	Tô <i>te</i> falando	5
					Vou <i>te</i> esperar	1	Tô <i>te</i> ligando	1
					Vou <i>te</i> falar	5	Vai <i>te</i> gritar	1
					Vou <i>te</i> matar	1	Vão <i>te</i> dar	4
					Vou <i>te</i> procurar	1	Vim <i>te</i> buscar	3
							Vou <i>te</i> contar	6
							Vou <i>te</i> mandar	1
							Vou <i>te</i> mostrar	5

Fonte: Farias (2021)

n = quantidade de ocorrências

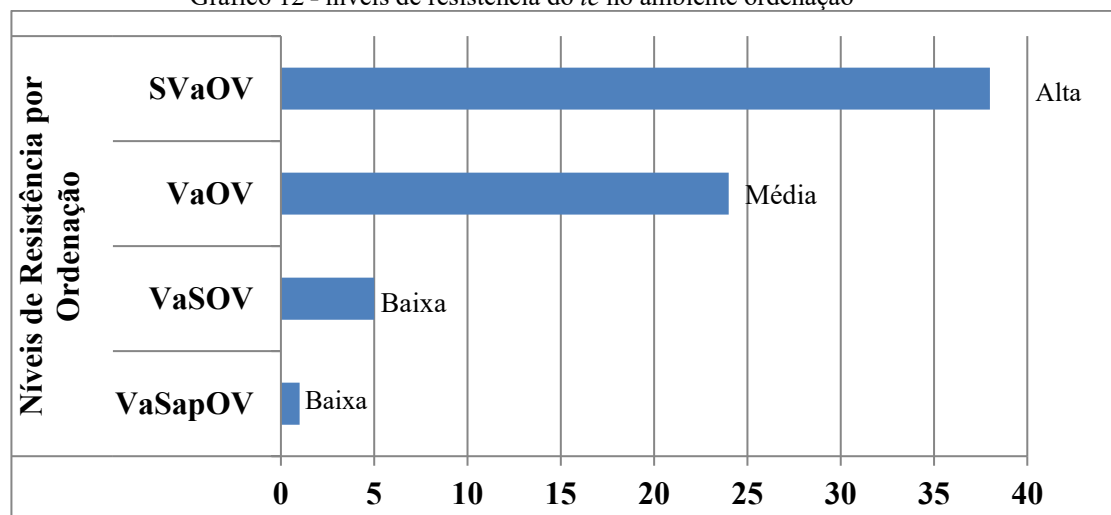
Em termos percentuais, as ordenações ficam distribuídas da seguinte forma no Gráfico 11:

⁷ Observamos a presença ou ausência do sujeito nas ocorrências completas no *corpus*.

Gráfico 11 - Ordenações com *te* em locuções verbais

Fonte: Farias (2021)

A partir do Gráfico 11, entendemos que, no ambiente “ordenação” do verbo e consideradas as locuções verbais, o *te* se destaca nas ordenações SVaOV com 55,9% e VaOV com 35,3%. No sentido A de resistência, identificado com resistir por ser mais recorrente, a ordenação SVaOV é o ambiente de resistência para o *te*. No sentido B, o *te* resiste com menos força quando antes dos verbos auxiliares não é explicitado o sujeito. No Gráfico 12 a seguir, vemos os diferentes níveis de resistência do *te* no ambiente “ordenação”.

Gráfico 12 - níveis de resistência do *te* no ambiente ordenação

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Vejamos agora como estes ambientes de resistência se configuram em relação aos dados do D & G-Natal, para observarmos ambientes de resistência do *te* em corpus da região Nordeste (VALPB), posto que Almeida (2009) e Oliveira (2018) sinalizam a possibilidade de haver

diferenças no uso de clíticos de 2ª pessoa na posição de complemento. Não focaremos a questão da localidade, mas verificaremos se os resultados serão diferenciados, quando relacionados aos dados do C-Oral-Brasil.

5.2 DADOS DO D & G: PRONOME *TE*

Observados os dados do C-Oral-Brasil, vejamos agora como os ambientes de resistência que vimos nesse *corpus* podem ser descritos com as ocorrências do corpus D&G. Neste *corpus*, coletamos 56 ocorrências com o pronome *te*. Como destacamos as ocorrências de OD e OI para o átono citado, descartaremos uma ocorrência com função de complemento nominal (mas em termos assim é ... de aspectos de algum ponto que você ... que *te* chame atenção ... da mesma forma como a vegetação ...). Vejamos abaixo algumas ocorrências do D&G que exemplificam a função sintática de OI:

[17] ... ao nordestino lhe é negado o direito de:: de aprender a se revoltar e ele fica na vidinha dele ... leva aquilo sossegado é:: como a história que *te* falei ... daquela família nordestina.

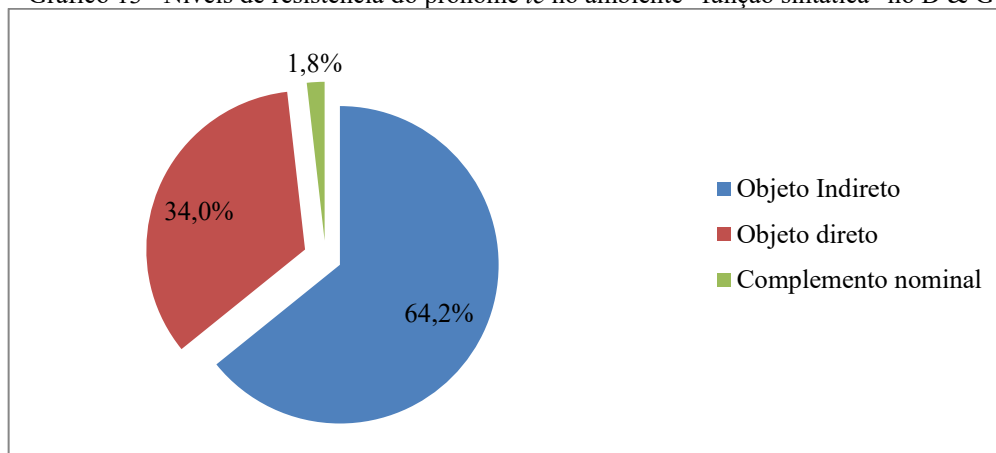
[18] você diz que tem direito de educação mas você não aprende ... você tem direito a:: a segurança ... mas só de palavras ... mas no:: na realidade ele também *te* é negada a segurança ...

São exemplos de ocorrências com *te* na função de OD as seguintes:

[19] ... porque tava amanhecendo o dia a gente ia começar a conversar ... ela disse ... “olha ... logo mais eu vou descer ... já está próximo da minha parada e ... eu vou descer ... foi muito bom *te* encontrar” ... aquelas despedidas né?

[20] eu acho que ela não ... você não gosta dessa montanha por causa da cor ... a cor ... a cor não ... deve ser uma cor que *te* espanta um pouco ...

Tal como ocorreu com corpus o C-Oral-Brasil, os dados do D & G também apontam para a prototipicidade da função sintática objetiva indireta para o *te*, de modo que 64,2% dos dados comprovam este raciocínio. Por outro lado, a função de OD não se mostra insignificante, totalizando 34,0% das ocorrências observadas. A ocorrência única como complemento nominal somou 1,8%. Estabelecemos um parâmetro inverso de observação dos níveis de resistência do *te*, no qual encaramos 2 sentidos de resistência: o sentido A, no qual o pronome resiste por ser mais frequente, e o sentido B, no qual ocorre resistência por estar num ambiente em que ocorre com menos força, mas ainda assim consegue figurar, ainda que seja menos frequente. Isto posto, abaixo segue o gráfico que mostra os níveis de resistência do *te* no ambiente “função sintática” para o corpus D & G (Gráfico 13):

Gráfico 13 - Níveis de resistência do pronome *te* no ambiente “função sintática” no D & G

Fonte: Farias (2021)

Reafirma-se nos dados do D & G um processo de extensão pragmática do *te*, atuando com alguma expressividade como OD, no sentido B de resistência. Acreditamos que atuar nestas duas funções sintáticas corrobora sua regularidade em relação a outras formas que funcionam como complementos de 2ª pessoa (lhe, você, por exemplo) e podem funcionar com mais frequência na função de OI, sem a mesma flexibilidade sintática do *te*. Vale salientar ainda que, quanto aos níveis de resistência, a função objetiva indireta tem alto nível, enquanto a função de OD indica resistência mediana.

Seguindo o mesmo caminho de apresentação dos dados do C-Oral-Brasil, vejamos com que verbos o *te* geralmente ocorre no D & G. Observemos a Tabela 13:

Tabela 13- Verbos e quantidade de ocorrências no D & G

QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS						
1	2	3	4	5	13	
Negar	Ser	Chamar	Falar	Dizer	Contar	
Encontrar	Explicar		Ajudar	Ajudar		
Espantar	Mostrar					
Superar	Presentear					
Fazer	Mexer					
Acontecer	Levar					
Dar	Amar					
Engravidar						
Pôr						
Pedir						

Fonte: Farias (2021)

Seguindo a disposição de Tavares e Freitag (2010), podemos avaliar os verbos acima, segundo o tipo semântico, para verificar posteriormente como se configuram os verbos que se relacionam com *te* nesse ambiente de resistência. Devemos salientar que os verbos “*mexer*” e

“pôr” não foram colocados de acordo com o tipo semântico material/atividade, tendo em vista que o contexto linguístico em que ocorreram nos levou a interpretá-los como colocado abaixo. Observemos como se dispõem (Tabela 14):

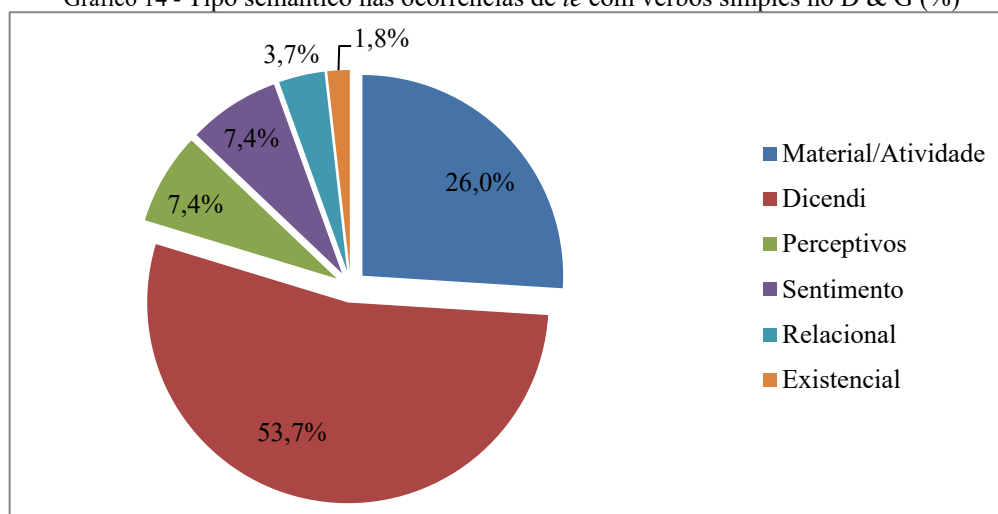
Tabela 14 - Tipos semânticos dos verbos simples que ocorrem com *te* no D e G

		TIPOS SEMÂNTICOS DO VERBO					
		Material/Atividade	<i>Dicendi</i>	Percepção	Sentimento	Relacional	Existencial
VERBOS	Encontrar		Falar				
	Presentear		Negar				
	Levar		Explicar	Mostrar	Mexer		
	Superar		Contar	Pôr	Amar	Ser	Acontecer
	Fazer		Dizer				
	Dar		Chamar				
	Engravidar		Pedir				
	Ajudar						

Fonte: Farias (2021)

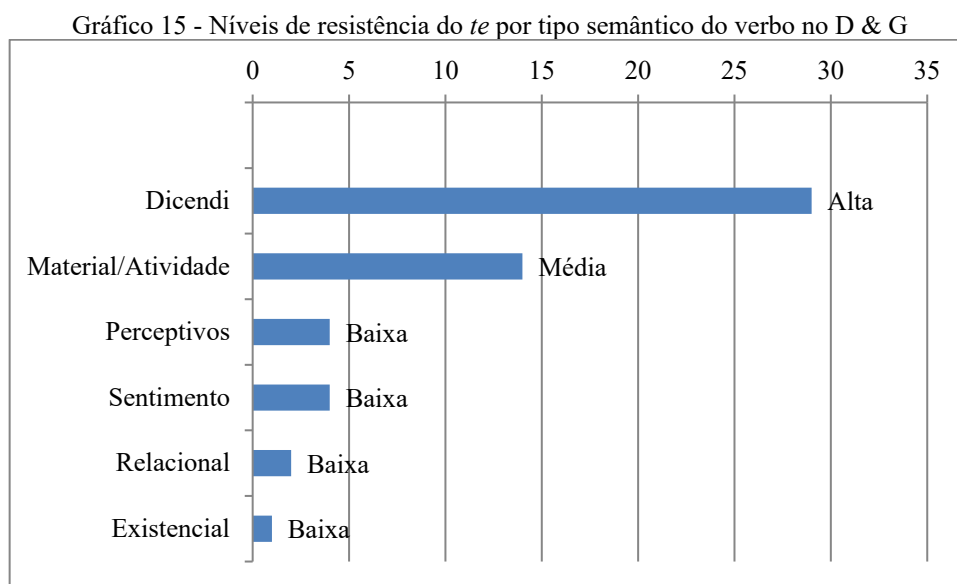
São 22 verbos diferentes que aparecem em 54 ocorrências com *te*. No D & G, o tipo semântico mais produtivo é o de material/atividade (8 verbos diferentes que somam 14 ocorrências), seguido pelos verbos que compõe o tipo semântico *dicendi* (7 verbos diferentes que somam 29 ocorrências). Os demais tipos são perceptivos (3 verbos diferentes com 4 ocorrências), sentimento (2 verbos diferentes com 4 ocorrências), relacional (1 verbo com 2 ocorrências) e existencial (1 verbo com 1 ocorrência). Vejamos em termos percentuais (Gráfico 14):

Gráfico 14 - Tipo semântico nas ocorrências de *te* com verbos simples no D & G (%)



Fonte: Farias (2021)

Na Tabela 14, é possível verificar que os verbos de material atividade são os que apresentam mais diversidade, somando um número maior que os verbos do tipo *dicendi*. Por exemplo, engravidar ocorre apenas uma vez, assim como fazer e superar. Por outro lado, o verbo contar, do tipo *dicendi*, o segundo tipo semântico mais frequente, apresenta o maior número de ocorrência em relação a todos os demais verbos citados (13 ocorrências). Os verbos do tipo *dicendi* estão em 53,7% dos dados em verbos simples. O tipo material/atividade soma 26,0%. Os demais tipos mostram percentuais mais baixos (perceptivos e de sentimento 7,4%; relacional 3,7% e existencial 1,8%), tal como é perceptível no Gráfico 15, no qual consideramos os níveis de resistência ambiente tipo semântico dos verbos simples com os quais o te ocorre:



Fonte: Farias (2021)

Os verbos do tipo *dicendi* têm alto nível de resistência (53,7) e estão diante do percentual de 26,0 % de verbos de material/atividade que mostram nível mediano. Os tipos perceptivo e relacional apresentam percentuais iguais, 7,4%, o tipo e existencial tem apenas 1,8% dos dados investigados. Podemos dizer que estes últimos tipos são polares em relação ao primeiro, apresentando pouca diversidade de verbos e de quantidade de ocorrências.

Quanto ao tipo semântico em verbos simples, os verbos que são colocados como de material/atividade e *dicendi*, são os mais frequentes, tal como também observamos no *corpus* C-Oral Brasil. Então, entendemos que são os tipos semânticos com os quais o *te* mais ocorre no D & G, como exemplificam as ocorrências abaixo, primeiro com o tipo material/atividade e, depois, com o tipo *dicendi*:

Material/Atividade:

[21] e ... mas aí quando amanheceu o dia ... dessa viagem ... quando acabamos de namorar ... é:: cada um virou pro seu lado ... e tentou dormir um pouco ... descansar ... e quando eu ... pensava que ... porque tava amanhecendo o dia a gente ia começar a conversar ... ela disse ... “olha ... logo mais eu vou descer ... já está próximo da minha parada e ... eu vou descer ... foi muito bom te encontrar” ... aquelas despedidas né?
[22] ... mas tinha sido um processo de ... é ... envelhecimento mesmo da árvore e ficou aquele tronco belíssimo ... e nós fo/ e nós registramos essa ... essa ... esse achado ... mais na frente encontramos uma árvore com a raiz toda exposta ... uma árvore imensa ... inclusive eu te presenteei ... né ... com aquela fotografia?

Dicendi:

[23]. como eu te disse naquele ... no dia que nós fomos fotografar ...
[24] E: mas em termos assim é ... de aspectos de algum ponto que você ... que te chame atenção ... da mesma forma como a vegetação ... o canto dos pássaros ... te chamou naquele outro trecho da Via Costeira ... nessa parte mais urbana tem algum aspecto ... tem algum lugar ... que você ... que agrade a você?

Vamos tratar a seguir de como se configuram os níveis de resistência nas locuções verbais. Vejamos o conjunto de locuções que se destaca no corpus D & G (Tabela 15):

Tabela 15 - Locuções verbais que ocorrem com *te* no D&G.

QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS						
1	2	3	4	5	6	
Tô te falando	Vou te mostrar					
Vou te explicar	Pode te ajudar					
Quero te contar						
Vou te superar						
Pode ter te contado						
Pode te levar ao céu						
Pode te dar salvação						
Vou te chamar						
Vão te chamar						
Vão te ajudar						
Ter te contado						

Fonte: Farias (2021)

Nas locuções verbais, para observar o ambiente tipo semântico dos verbos que ocorrem nas locuções em que o pronome *te* está presente, destacamos o verbo principal, assumindo não examinar a relação entre os tipos semânticos do verbo auxiliar e do verbo principal no funcionamento do *te*. Devemos registrar que a quantidade de locuções verbais é menor do que o número presente no C-Oral-Brasil, mas consideramos a influência da quantidade de dados nesse ponto, uma vez que são 56 ocorrências no total de dados analisados no D & G e 210 ocorrências no C-Oral-Brasil. Isto posto, vimos acima 11 tipos de locuções e apenas duas delas

aparecem mais de uma vez dos dados: Vou *te* mostrar e vou *te* ajudar. Vejamos o tipo semântico das locuções que ocorrem com *te* (Tabela 16).

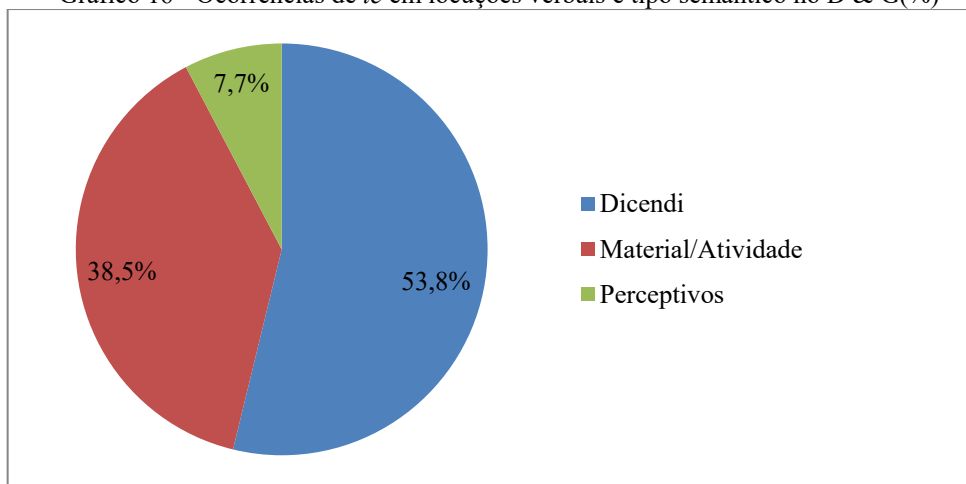
Tabela 16 - Tipos semânticos das locuções verbais que ocorrem com *te* no D & G

TIPOS SEMÂNTICOS DO VERBO			
LOCUÇÕES VERBAIS	Material/Atividade	<i>Dicendi</i>	Perceptivo
	Vou <i>te</i> superar	Tô <i>te</i> falando	Vou <i>te</i> mostrar
	Pode <i>te</i> levar	Vou <i>te</i> explicar	
	Pode <i>te</i> dar	Quero <i>te</i> contar	
	Vão <i>te</i> ajudar	Pode ter <i>te</i> contado	
		Vou <i>te</i> chamar	
		Vão <i>te</i> chamar	
		Ter <i>te</i> contado	

Fonte: Farias (2021)

Nas locuções verbais do D & G, a quantidade de verbos do tipo semântico material/atividade (4 verbos diferentes somam 5 ocorrências) e *dicendi* (4 verbos diferentes somam 7 ocorrências) revela os percentuais bem mais altos para o tipo *dicendi*. Há apenas uma ocorrência de verbo do tipo perceptivo. Os resultados ficam semelhantes, em relação aos verbos simples, em virtude de uma quantidade maior de verbos do tipo *dicendi*. Os percentuais mostram o seguinte (Gráfico 16):

Gráfico 16 - Ocorrências de *te* em locuções verbais e tipo semântico no D & G(%)

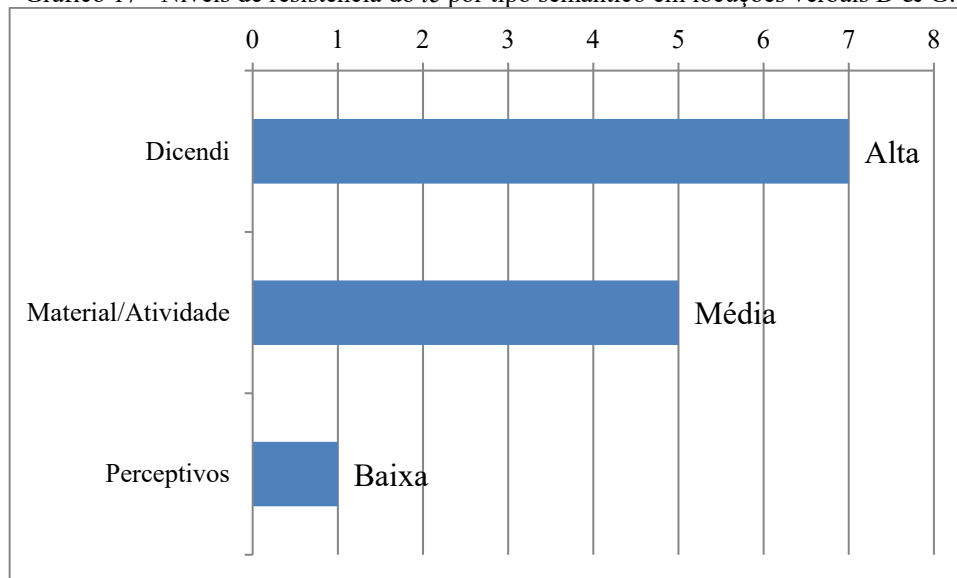


Fonte: Farias (2021)

Nas locuções em que o *te* aparece no D & G, os verbos do tipo *dicendi* somam 53,8% diante de 38,5% de verbos do tipo material/atividade. A ocorrência com o perceptivo *mostrar* chega a 7,7%. A diferença entre os dois primeiros tipos semânticos se dá, basicamente pela quantidade de locuções em que o verbo *contar* se repete. Nas locuções verbais desse *corpus*, os tipos semânticos dos verbos apresentam maior restrição quanto à diversidade. Também é

verdade que a diversidade que é apresentada nos verbos simples não implica maior quantidade de ocorrências, pois a variedade dos verbos implica uma ocorrência ou duas do verbo, diferente dos demais. Além disso, assim como nos verbos simples, o verbo *contar*, *dicendi*, apresenta mais ocorrências que os outros. Quanto aos níveis de resistência, serão mais altos novamente nos verbos do tipo material atividade e *dicendi*, como vemos no Gráfico 17.

Gráfico 17 - Níveis de resistência do *te* por tipo semântico em locuções verbais D & G:



Fonte: Farias (2021)

Ressaltamos que os níveis de resistência do *te* são altos para os verbos *dicendi* e médios para os verbos de material atividade. Nesses dados, observamos um parâmetro inverso de resistência, uma vez que o *te* resiste no sentido A através da frequência e resiste no sentido B, mantendo-se com um percentual ainda relevante nos verbos do tipo material/atividade. Destacamos do *corpus* ocorrências que exemplificam os principais tipos semânticos que apareceram nas locuções verbais. Para o tipo material/atividade, as seguintes ocorrências são exemplos:

[25] Das competições levei que não basta saber, tem que ter condições psicológicas, além dos físicos, pra vencer e que devemos saber vencer, não menosprezando quem foi derrotado, pois um dia ele pode te superar, principalmente na natação, que precisa de sequência de treinos.

[26] ...porque na verdade a gente ... confia mesmo em quem nós devemos confiar ... devemos crer né ... e seguir é Jesus ... só que as pessoas ... elas não entendem isso ... né ... justamente porque isso que passaram de religião é tão forte ... né ... que a religião é o que importa ... né ... que a religião é que é o certo ... que a religião é que pode ... te levar ao céu ... que a religião pode te dar salvação ... e o pior é que essa religião tantas vezes tem ... causado escân/ a gente tem visto ... escândalos né ...

Para o tipo semântico de verbos *dicendi*:

[27] era ... ele é de lá num sabe? é ... ele é o guia turístico ... é:: o nome dele é Luciano ... aí ...ele lá dançando ... aí dançava ó ... assim ... “vou dançar” ... aí todo mundo ... aí ia dançar ... aí dançou com minha prima ... ele já conhecia minha prima ... dançou com minha prima ... aí começou a dançar ... dançar ... quando ele ia embora eu disse ... “a ... espera aí ... você num me chama pra dançar ... mas eu vou te chamar pra dançar” aí chamei ele pra dançar ...

[28] E: mas eu achava que pelo fato de você ter ido assumir um emprego ... tivesse alguém esperando você ...

I: não não ... não ... isso aí eu vou te explicar ... eu tive que ir sozinho e já sabia para onde ia ...

No C-Oral-Brasil, indicamos que não detalhamos uma análise do ambiente “colocação pronominal”, uma vez que a próclise era o único tipo de colocação presente. No D & G se dá da mesma forma. Assim, entendemos que ocorre alta resistência do *te* no sentido de ser mais frequente, reforçando a hipótese de afixação, tal como explicada por Lopes, Souza e Oliveira (2013), advinda da próclise que tem sido comprovada até aqui nos verbos simples e nas locuções verbais com *te*, mostrando-se regular, mais frequente e como forte característica dentre as que podem compor o protótipo de *te*.

Falemos agora sobre a ordem como ambiente de resistência nas locuções verbais. A ocorrência que se diferencia em relação às demais que já citamos no C-Oral-Brasil é SVa1Va2OV. Só coletamos uma ocorrência assim no D & G:

[29] narrativa recontada ... Ro/ Rose ... você:: alguém assim ... já pode ... alguém pode ter te contado alguma coisa ... e que você:: lembre de ... dessa ... desse relato que a pessoa te fez ... ou um filme ... geralmente a pessoa quando vê um filme ... guarda né?

As demais locuções verbais se distribuem nas ordenações SVaOV (7 ocorrências) e VaOV (4 ocorrências). Seguem transcritas, respectivamente, as ocorrências representativas dessas ordenações:

[30] não não ... não ... isso aí eu vou te explicar ... eu tive que ir sozinho e já sabia para onde ia ...

[31] quais as matérias que você estuda ... que você acha que vão te ajudar a arranjar um ... vão te ajudar e te ajudar como? queria que você me falasse ... assim emprego ... entendeu? arranjar um emprego ...

Consideramos como dados semelhantes, visto que se diferenciam apenas pela ausência escrita do sujeito que pode ser inferido. Logo, no D & G, o ambiente “ordenação” não tem concorrência quando ocorre com o *te*, de forma que postulamos o sentido A de resistência para a primeira ordenação, que mantém o sujeito assinalado de maneira escrita. Assim o *te* resiste nessa ordenação por ser prioritariamente mais frequente.

Numa aproximação dos resultados do C-Oral-Brasil com os resultados do D & G, podemos obter o resumo expresso pela Tabela 17:

Tabela 17 - Resultados C-Oral-Brasil e D & G

Resultados C-ORAL Brasil e D & G		
	C-Oral-Brasil	D & G
Função sintática	OI (73%) OI (27%)	OI (64,2%) OD (34,0%)
Verbos simples	Dar, mostrar, contar, falar	Contar
Locuções verbais	Tô <i>te</i> falando	Tô <i>te</i> falando
	Vou <i>te</i> dar	Quero <i>te</i> contar
	Vou <i>te</i> falar	Pode <i>ter te</i> contado
	Vou <i>te</i> mostrar	Ter <i>te</i> contado
	Vou <i>te</i> contar	
Tipos semânticos	Verbos simples: material/atividade 50% e <i>dicendi</i> 33%	Verbos simples material/atividade 26,0% e <i>dicendi</i> 53,7%
	Locuções verbais: material/atividade 53% e <i>dicendi</i> 41%	Locuções verbais: material/atividade 38,5% e <i>dicendi</i> 53,8%
Colocação pronominal	Próclise	Próclise
Ordenação	SVaOV com 55,9% e VaOV com 35,3%.	SVaOV com 53,8% e VaOV com 38,4%.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Primeiro, afirma-se a função sintática de OI como prototípica, regular e frequente, frente à extensão pragmática das funções do *te* para abarcar também a função de OD. Acreditamos que isso exemplifica nosso raciocínio de um parâmetro inverso de resistência, além de enfatizar a prototipicidade do *te*, que se torna produtivo em ambientes funcionais em que outras formas de complementação de 2ª pessoa não podem funcionar necessariamente com a mesma produtividade.

Nas locuções verbais que investigamos nos *corpora*, é importante salientar que, no C-Oral-Brasil, diferentemente do que ocorre no D & G, alguns usos locucionais apresentam uma integração maior entre os componentes e são usados como unidade complexa. Por exemplo: // *cê é tranqüila, demais, nu sei o quê // pode saber // foi lá olhar, tô te falando // já tá com nu sei com quantos centímetros de dilatação // aí, batata //*. Entendemos que isso é diferente de: *Tô te falando com cê que morreu, uai // olha, p' cê ver // olha aonde que ea vai morrer, pois*, no primeiro exemplo a expressão apresenta um certo grau de cristalização que permite que seja utilizada como unidade.

Consideramos a relação disso com a questão morfológica de se tratar de uma locução, mas também pensamos em como essas locuções com *te* podem ser diferentes em níveis de composicionalidade e analisabilidade (BYBEE, 2016). Estes não são nossos focos como base teórica, posto que estão mais ligados à linguística funcional centrada no uso e ressaltamos, nesta pesquisa, a linguística funcional clássica, com base na prototipicidade.

Quanto ao tipo semântico, os resultados se invertem, de modo que o C-Oral-Brasil apresenta mais ocorrências com verbos de material/atividade do que com o tipo *dicendi*, enquanto o D & G tem um número mais expressivo de ocorrências com *te*, quando os verbos são do tipo *dicendi*. Entendemos que os níveis de resistência medianos para o tipo semântico material/atividade são uma forma, na qual o *te* resiste por funcionar de forma diferente do que é mais frequente, de maneira que postulamos o sentido B de resistência. Do mesmo modo ocorre no C-Oral-Brasil, porém, com os verbos *dicendi*.

A partir da expressividade dos verbos *dicendi* com *te*, sugestionamos um raciocínio que interpreta esse resultado como algo que pode ter base no que diferencia o *te* em relação às formas que com ele concorrem, tais como *lhe* e *você*. Se comparado a elas o *te* se encaixa melhor por não ter traços relacionados a não pessoa (BENVENISTE, 1966). A relação seria verbos específicos de dizer que funcionam com átonos mais concretamente voltados à situação comunicativa constituída, a priori, por um *eu* e um *tu* que se alternam.

Sobre a colocação pronominal, ressaltamos como os dados de ambos os *corpora* reforçam a próclise, assumindo a hipótese de gramaticalização do *te* como afixo que é marca de concordância de 2ª pessoa. Nesse caso, uma gramaticalização do tipo *lato sensu*, uma vez que a mudança ocorre no interior da gramática, quando o pronome *te* pode se tornar mais gramatical como afixo.

Para ordenação como ambiente de resistência, acreditamos que as ordenações que se mostraram mais frequentes podem não ser consideradas necessariamente diferentes em virtude de o sujeito ser colocado ou não na escrita.

Por último, queremos salientar que não consideramos fatores regionais na análise, mas vamos assinalar o fato de que dados de regiões diferentes, sudeste e nordeste, mostraram resultados semelhantes.

Desse modo, concluímos essas elaborações sobre as relações entre os *corpora*, mas acreditamos que outras podem ser postuladas de acordo com a exploração do funcionamento do *te* nos níveis linguísticos da sintaxe, semântica e pragmática.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faremos algumas considerações sobre o que expusemos, retomando algumas de nossas questões de pesquisa e hipóteses. Comentaremos como caminhamos em direção do nosso objetivo geral, isto é, identificar os ambientes de resistência do *te* como clítico prototípico para expressão da 2SG na função de objeto no português do Brasil sob a perspectiva da linguística funcional clássica. Acresce que, a respeito da resistência do *te*, consideramos resistência em termos de resistir por ser mais regular/frequente ou ser menos utilizado e por isso resiste em determinado ambiente.

Quanto ao questionamento *Como se caracterizam os ambientes de resistência em que o te é utilizado?*, elencamos como ambientes de resistência a função sintática, o tipo semântico do verbo e a colocação pronominal. Nas gramáticas tradicionais, estão previstas para o *te* as funções de OD e OI. Nos dados do C-Oral-Brasil, a função predominante é a de OI e relacionamos isso com a resistência do *te* relacionada à regularidade. O mesmo ocorre nos dados do D & G com percentuais mais baixos, visto que este conjunto de dados é menor que o primeiro. Sobre o OD, os dados de ambos os corpora apresentam menos ocorrências. Acreditamos ser o ambiente de resistência no qual o *te* figura com menos força, porém destacamos como isso concorre para seu estabelecimento como protótipo, pois ele tem seu uso estendido com alguma produtividade para outra função sintática, num processo de extensão pragmática.

Quanto ao ambiente tipo semântico do verbo em verbos simples e em locuções verbais, notamos que dois tipos se destacam: verbos de material/atividade e os *dicendi*. Nas locuções verbais, os dois tipos citados apresentam maior equilíbrio no C-Oral-Brasil. No D&G, os níveis de resistência são altos e médios. Sobre os ambientes colocação pronominal e ordenação, comentaremos a partir da questão “*Em que ordenação o clítico te se mostra mais resistente na função de objeto no PB?*”.

A partir dos dados do C-Oral-Brasil, observamos 4 tipos de variação em que o *te* apareceu no ambiente “ordenação”: VaSOV; VaSapOV; VaOV e SVaOV. Sendo mais resistente por ser regular, o *te* é mais resistente SVaOV. O mesmo se deu com o D & G e, por isso, não estabelecemos um sentido B de resistência para o ambiente “ordenação”.

Para quantificar os níveis de resistência de *te* em cada ambiente de resistência identificado, elaboramos uma quantificação em gráfico, indicando ambientes de média, alta e baixa resistência do *te*. Logo, acreditamos que tal quantificação é produtiva para caracterização dos ambientes de resistência.

A função não prototípica do *te* é a de OD, segundo Lemos e Matos (2017). Logo, do ponto de vista sintático, a resistência de *te* é dificultada em ambiente acusativo. Confirmamos que, em termos de frequência ou regularidade o *te* é mais resistente na posição de OI, segundo os dados do C-Oral-Brasil, que também indicam a resistência dificultada no ambiente acusativo. O mesmo ocorre com o D & G, ainda que com menores percentuais. De fato, a resistência do clítico *te* é variável diante de formas linguísticas que funcionam no mesmo contexto sintático, diante do conjunto de verbos com os quais ocorre, quanto ao tipo semântico verbo, posto que vimos diferentes níveis de resistência, segundo o parâmetro de resistência inversa que formulamos. Ressaltamos que o ambiente “ordenação” só apresenta resistência no sentido A, de maior regularidade, a qual é representada pela ordem SVaOV.

Quanto à colocação pronominal em que o *te* é mais resistente, não estendemos nossas considerações, posto ser estabelecida a colocação proclítica nos dados do C-Oral-Brasil e do D & G, sem ocorrências que mostrem o contrário, reforçando a afixação do clítico *te*.

Nesta pesquisa, não realizamos uma comparação que mostrasse o *te* em ambiente de resistência em relação a outras formas linguísticas como *lhe* e *você*. Acreditamos que a variação *te/lhe* em *corpus* nordestino, por exemplo, seria capaz de revelar uma possibilidade de não prototipicidade que deixaria mais concreta a ideia de que o *te*, de fato, está em ambientes de resistência, mesmo sendo prototípico na função de complementação átona de 2ª pessoa do singular.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. de S. **Quem te viu quem lhe vê: a expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- ALMEIDA, G. S. Uso dos pronomes-objeto de segunda pessoa na fala de Salvador e de Santo Antônio de Jesus. **Veredas** (UFJF. Online), v. 20, p. 122- 135, 2016.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina: curso único e completo**. Primeira edição em 1911, e 25ª. edição em 1994. São Paulo: Saraiva, 1994.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1950.
- ALVES, C. C. B. **Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense**. Tese de Doutorado em Linguística. Brasília: UNB. 2015.
- ARAÚJO, F. J. N. de; CARVALHO, H. M. de. **TE e LHE como clíticos acusativos de 2ª pessoa em cartas pessoais cearenses**. In: LaborHistórico, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 62-80, 2015.
- AZEREDO, J. C. de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 35. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/ EDUSP, t. 1, 1976.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1988. Trad. bras. de Problèmes de linguistique générale I, 1966.
- BRITO, O. R. M. **A uniformidade de tratamento na história do português brasileiro**. 2001. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/CiII14a.htm>.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. de Maria Angélica Furtado da Cunha; Revisão técnica de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, Joan. **Phonology and language use**. Cambridge University Press, 2003.
- CÂMARA Jr., J. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. Padrão-Livraria Editora, 1975.
- CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. **Gramática latina**. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villla Nova Soeiro. T. A QUEIROZ, EDITOR: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CARVALHO, B. B. A. de.; PINTO, S. H. V. **A Representação da segunda pessoa em seriados televisivos: entre o previsto e o realizado**. XXXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, outubro de 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, Célia Moraes de. **Fundamentos sintáticos do português brasileiro**. Editora Contexto, 2017.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: IBEP, 2009.

COUTINHO, I. L. **Gramática histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 5. ed. 2008.

DIVINO, Ludinalva Santos do Amor. Um estudo da prototipicidade dos pronomes tu e você em falas femininas. **Revista Philologus**, a. 24, n. 70, 2018.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical: primeira parte. **Revista Philologus**, v. 21, 2001.

FARACO, C. A. **O tratamento de você em português: uma abordagem histórica**. Fragmenta, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.

FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Editora Garnier, 2021.

FERREIRA, Ediene Pena. Diferentes usos dos pronomes pessoais: inovação do Português brasileiro ou tendência da língua portuguesa?. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, p. 86975-86992, 2020.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica., TAVARES, Maria Alice (Orgs). **Funcionalismo e ensino de gramática** [recurso eletrônico]. 1. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2016. p. 223.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica.; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZARIO, Maria Moura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica., OLIVEIRA, Mariangela Rios., MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

GALVES, C. "A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro", in A. De Castilho, M.A. Torres Moraes, R. Vasconcellos Lopes, & S.

M. Lazzarini Cyrino (orgs.) *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*, Campinas, Pontes, 2007, pp. 513-528.

GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2001.

GIVÓN, T. Prospectus, Somewhat Jaundiced. In: **Functionalism and grammar**. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1995, p. 1-23.

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução: FURTADO DA CUNHA, M. Angélica; Martelotta, Eduardo; ALBANI, Filipe. São Paulo: Cortez, Natal-RN: EDUFRN, 2012.

GÓIS, Carlos. **Método de redação com vocabulário e gramática aplicada**, 5. ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Paulo de Azevedo & COMP.LTDA, 1945.

HEINE, Bernd. **On degrammaticalization**. Edited by Barry J. Blake; Kate Burridge, 2003, 105.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, Paul J., et al. On some principles of grammaticization. **Approaches to grammaticalization**, v. 1, p. 17-35, 1991.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language Journal of the Linguistic Society of America Baltimore**. Md 56, 1980, 251-299.

KENNEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003, v., p. 17-28.

KURY, Adriano da Gama. **Pequena gramática: para a explicação da nova nomenclatura gramatical**. (*No Title*), 1968.

KURYŁOWICZ, Jerzy. The evolution of grammatical categories. **Diogenes**, v. 13, n. 51, p. 55-71, 1965.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 344 p.

LABOV, William. The linguistic consequences of being a lame. **Language in society**, v. 2, n. 1, p. 81-115, 1973.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on Grammaticalization*. München: Lincom Europa, 1995[1982].

LEMOS, Cléber A. **O uso do pronome te: reflexões numa perspectiva clássica da linguística Funcional**. João Pessoa-PB, 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2015.

LEMOS, Cléber; MATOS, Denilson P. **Abordagens sintático-discursiva sobre o uso prototípico do pronome te**. In: MATOS, Denilson P., (org.). *Morfossintaxe e léxico: abordagens funcionalistas*. João Pessoa/PB: Editora da UFPB, 2017.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15ª ed. Rio de Janeiro; José Olympio Editora, 1972.

LOPES, C. R. dos S.; SOUZA, C. D. de; OLIVEIRA, T. L. A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro. **Revista Veredas on-line: atemática**, PPGLinguística/UFJF – Juiz de Fora, p. 376-397, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2014/04/20%C2%BA-ARTIGO.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2023.

LOPES, Célia Regina dos Santos; SOUZA, Camila Duarte de; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. A frequência e o delineamento da gramática: a afixação do clítico te no português brasileiro. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 17, n. 2, 2013.

MACEDO, Alzira Verthein T. de. Funcionalismo. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, v. 1, n. 2, p. 71-88, 1998.

MACHADO, A. C. M. **As formas de tratamento no teatro brasileiro e português dos séculos XIX e XX**. Tese (Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

MACHADO, P. M. A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de desencontro/mismatch morfológico. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

MACHADO, Raúl. **Questões de gramática latina: tómo segundo: Morfologia geral e elementos de morfologia histórica**. Lisboa: livraria clássica editora, A. M. Teixeira & Ca. (Filhos). Praça dos Restauradores, 17, 1941.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção leituras introdutórias em linguagem; v. 1).

MATEUS, M. H. M *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MATOS, Denilson Pereira de. Transitividade: de uma perspectiva categorial /formal para uma perspectiva oracional/funcional. In: SILVA, Camilo da. e Matos, Denilson Pereira de. (Orgs). **Sintaxe do Português: abordagens funcionalistas**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB/UFPB Virtual, 2010, v. 1, p. 33-64.

MATOS, Denilson Pereira; Vanderlei, Delma de Melo; SOUZA, Adílio Junior de. **Função textual-discursiva dos pronomes a(s), o(s), me e te**. In: SILVA, Camilo Rosa; MATOS,

Denilson Pereira de (Org.). Usos Linguísticos: Formas e Funções. Curitiba: Editora CRV, Brasil. 2016.

MATOS, Neusângela Maria de Oliveira de. RESENHA do livro " Gramática contextualizada", de Irlandé Antunes. **Interfacis**, v. 2, n. 1, 2016.

MAURER JR., H. T. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria. Acadêmica, 1959.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, v. 44, 1995.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 3 a ed. São Paulo, Pontes, 1991. 220 p.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

NASCENTES, Antenor, **Dicionário de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1967.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NICOLA, J.; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. 2. ed. SP: Scipione. 1996.

OITICICA FILHO, José. Fotografia se faz no laboratório (entrevista a Ferreira Gullar). In: **Jornal do Brasil**, Suplemento Dominical, 24/8/1958.

OLIVEIRA, T. L. de. **Entre o Linguístico e o Social: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980)**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

OLIVEIRA, T. L.; LOPES, C. R. S.; KENEDY, E. O processamento dos clíticos de 2ª pessoa do singular no português do Brasil. **Soletras**, n. 33, 2017, p. 105-136, 2016.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. **Língua e Percepção: O Processamento dos clíticos com referência ao interlocutor no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2018.

OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; LOPES, Célia Regina dos Santos; KENEDY, Eduardo. O processamento dos clíticos de 2ª pessoa do singular no Português Brasileiro. **Soletras**, v. 33, p. 105-136, 2017.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1996.

PERINI, Mário A. Ergativas e médias em português. **Scripta**, v. 8 , n.16, p. 13-34, 2005.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Editora Vozes Limitada, 2003.

PIMIENTA, P. C. S. **La segunda persona de singular en el portugués de Rio de Janeiro: Variación en la relación gramatical de Objeto Directo**. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Guadalajara, Universidad de Guadalajara. 2013.

PONTES, Eunice. A Ordem VS em português: uma tentativa de explanação. **Cadernos de Linguística e teoria da literatura**, n. 9, 1983.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: Rosch, E.; Lloyd, B. (Org.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Erlbaum, 1978.

SAID ALI, Manoel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. Edição revista e atualizada por Evanildo Bechara e Maximiano de Carvalho. Editora Universidade de Brasília, 1964.

SOUZA, C. D. de. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você**: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). Dissertação (Letras (Letras Vernáculas))/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

TAVARES, Maria Alice; FREITAG, Raquel Meister Ko. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguística*, 2010, 6.1.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization**. OUP Oxford, 2003.

VASCONCELOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa**. Rio de Janeiro. Livros de Portugal. 3. edição. 1959.

WILLIAMS, EDWIN B. **Do latim para o português**: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. 6. ed. Tempo brasileiro: Rio de Janeiro, 1994.

ZAVAGLIA, C. **Análise da homonímia no português: tratamento semântico com vistas a procedimentos computacionais**. PhD Thesis. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.

ANEXOS

ANEXO I – C-ORAL-BRASIL

Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
ô, mas tem outros lugares, o negócio é que a gente não procurou // 51] eu te mandei uma lista // 52] com uns dez lugar diferentes .	Te referencia o interlocutor;		
Eu, se eu fosse cê fazia isso não, Carlão // se eu fosse cê matava aqui o' // eu te avisei, Zé // p' cê + CAR	Te referencia o interlocutor; discurso direto;		
Tô te falando com cê que morreu, uai // olha, p' cê ver // olha aonde que ea vai morrer .	Pleonasmo		
Tem um aqui que vou te falar uma coisa hhh // tá difícil, viu, Zé hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Deixa eu te falar .	Te referencia o interlocutor;		
Hhh eu te mostrei, né, Tommaso .	Te referencia o interlocutor;		
Mas que o Bruno te mostra, depois .	Te referencia o interlocutor;		
Eu nu sei nem o nome dele, pra te falar a verdade .	Te referencia o interlocutor;		
Se fosse ruim pra mim, eu tinha te dado um chute com minha perna direita, cê tava voando até hoje e nu tinha chegado no lugar .	Te referencia o interlocutor;		
diz ela que te conhecia // TIT	Te referencia o interlocutor;		
E ' chega pr ' pra te cumprimentar, é & f / 2 cê pegar na mão dele, o', é faz só assim, o' .	Te referencia o interlocutor;		
Hhh deixa eu ver como que eu te explico .	Te referencia o interlocutor;		
Nu cai uma folha da árvore sem que & te + MAR	Confuso		
Fran, vou te contar .	Te referencia o interlocutor;		
Então depois eu termino de te contar hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Bom, então é tá te explicando, e a batata tá queimando .	Te referencia o interlocutor;		
Cuidado que es tão te fritando hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Vou te contar, velho .	Te referencia o interlocutor;		
Hhh isso não te diz nada .	Te referencia o interlocutor;		
Nu te eduquei pra isso // BRU	Te referencia o interlocutor;		
tenho // & te + «De repente Califórnia», eu nu sabia que ia sair no cinema, a gente baixou, eu já tenho // JAN	Confuso		
Aí, conversamo, aí eu falei assim, não, foi algo que eu te falei que eu não concordei + MAR	Te referencia o interlocutor;		
A gente saiu, ela não brigou com cê em momento algum, te dando beijinho, carinho super gente boa e assim, conversando comigo, tipo assim	Te referencia você.VS; dar; OI; material/atividade;		X

Cara, igual a Sílvia, eu vou te falar assim por exemplo, eu brigo com a Sílvia .	Te referencia o interlocutor;		
Fora as pessoas te acotovelando, e sendo mal-educadas .	Te referencia o interlocutor;		
Eu vou te matar, mas tudo bem .	Te referencia o interlocutor;		
Gente boa pra caramba, yyy, a gente te adora .	Te referencia o interlocutor;		
é, aí no meio do da noite ele tem crise de mau humor, e quer pegar taxi, e sai pede um táxi e te leva junto, aí chega assim e desce do carro, e fala que tava sem dinheiro .	Te referencia o interlocutor;		
Ah, e por que es te chama de Vó .	Te referencia o interlocutor;		
Não, mas eu, / antes de te conhecer .	Te referencia o interlocutor;		
Quem te falou que eu sou bicha .	Te referencia o interlocutor;		
Quis te amar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu dei o meu carimbo + é porque eu falei assim, não, eu te passo todos os meus estágios e tal, cê muda umas uns menino ou outro aí, hhh e pega esses carimbo e vai fazer seu estágio .	Te referencia o interlocutor;		
Cê viu que ela te fodeu, né .	Te referencia você.VS; foder(atrapalhar); OI; material/ atividade		X
Ela te , mostrou o jogo mais difícil cê fazer .	Te referencia o interlocutor;		
Eu nu vou te ajugar mais não .	Te referencia o interlocutor;		
Ea só tá jogando pa te arrebentar, Livia .	Te referencia o interlocutor;		
Depois eu te mostro .	Te referencia o interlocutor;		
Depois eu te mostro ela .	Te referencia o interlocutor;		
Eu queria passar na praia, a mamãe te contou que o Irineu adicionou ela no Facebook hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Sabe que que eu tava pensando, hoje eu tava indo te buscar, e eu tô passando lá no bairro do Bólha, falei, Nossa, mas esse bairro é muito feio .	Te referencia o interlocutor;		
Xá eu te contar uma coisa, esse bichim não tá segmentando, tá	Te referencia o interlocutor;		
Depois eu vou te mostrar essas coisas .	Te referencia o interlocutor;		
Senão eu te atrapalho .	Te referencia o interlocutor;		
Eu vou te falar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu mandei até pra uma menina de Napoli, eu vou te mandar um texto que ela mandou, mas lindo .	Te referencia o interlocutor;		
Eu vou te & man .	Confuso		
é esse agora // 31] que nós te falamo, ué .	Te referencia o interlocutor;		
Gente, eu, te falei, a Fabíola, eu falei se nu faria // 36] aí cê ainda falou, não, eu nu vou fazer que nu é uma, disciplina que tem a ver comigo // 37] eu concordei, nós conversamo tanto sobre isso, Lau hhh.	Te referencia o interlocutor;		

Leva não // mas os trem tá aumentando demais // o prano de saúde vai aumentar de novo // foi por isso que es te deram só seis meses, naquela folheta // que es sabia do aumento // povo é esperto .	Te referencia o interlocutor;		
Ah, & te + aí cê vai converter de novo .	Confuso		
Yyyy + então é melhor te ensinar pela Antônio Carlos .			
Bruna, eu te ensino pelo Anel, mas cê vai ver que cê vai ficar perdida .	Te referencia o interlocutor;		
Que daqui a pouco eu te falo essa aqui, e, esse cara, ele é muito importante .	Te referencia o interlocutor;		
Nu sei se eu já te contei .	Te referencia o interlocutor;		
Não, depois te explico, bem, assim .	Te referencia o interlocutor;		
Tudo meio torto, assim // & n nu sei, eu acho que esse aí nu tem o Gaudí, aqui, que eu queria tanto te mostrar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te passava uns assim, cê ia fazendo depois me entregava .	Te referencia o interlocutor;		
Eu já cansei de te falar .	Te referencia o interlocutor;		
Ela dá aquela raspadinha de seis números, cinco número, ou seja se cê nu, destacar, e não conseguir ganhar o prêmio eles te dão, acho que cem reais, uma coisa assim .	Te referencia você generalizador.VS; dar; OI; material/atividade;	X	
Depois eu, venho e te ajudo a lavar .	Te referencia o interlocutor;		
Vou te mostrar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu falei, mas eu nu tem mais / 4] eu nu tenho mais dinheiro, como é que eu vou te dar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu simplesmente te vi mijando no bidê .	Te referencia o interlocutor;		
Aí depois, no dia seguinte ela me ligou, ah, Bruno, eu queria te contar uma coisa, que nu sei o que lá .	Te referencia o interlocutor;		
Aí Marco foi e falou assim, No ' yyyy uma bomba pra te contar de yyy.	Te referencia o interlocutor;		
Quem te contou .	Te referencia o interlocutor;		
Quem te contou .	Te referencia o interlocutor;		
Aí o, Marco, vai, tenho uma bomba pra te contar .	Te referencia o interlocutor;		
Como eu te falei ontem .	Te referencia o interlocutor;		
E são logo esses que te falam .	Te referencia o interlocutor;		
Peraí que ela vai te atender aí .	Te referencia o interlocutor;		
Aí, chegou de manhã e tal, ele levantou, e falou, o', eu vou te falar outra coisa, hein .	Te referencia o interlocutor;		
Santo Pai, nós te pedimo uma benção para todos os irmão através de toda a tua Terra habitada, principalmente os irmãos que moram em país aonde tem guerra, fome, doença, e às vezes até catástrofe .	Te referencia o interlocutor;		
Pedimos o perdão pelo nosso pecado, pela nossas falha, que são inúmeras, e todas as coisas que nós te pedimo e agradecemos, nu é em nosso nome .	Te referencia o interlocutor;		

Aí quando cê fizer a prova, cê leva esse formulariozim que es vão te dar p' professor, o professor, preenche, e depois cê, espera terminar tudo, né .	Te referencia você. LV; SVaOV; dar; OI; material atividade;		X
é, aquilo que eu te mostrei .	Te referencia o interlocutor;		
Que é aquele que eu te mostrei aque' dia que yyyy.	Te referencia o interlocutor;		
Eles te deram, definitivo .	Te referencia o interlocutor;		
Tem uma igreja aqui, eu vou te mostrar onde é que é, o' .	Te referencia o interlocutor;		
Agora, minha filha, depois que & te + é já tava, com pressão alta, parecendo que já tava pressentindo que ia ter alguma coisa, sabe .	Te referencia o interlocutor;		
Cê quer + vou te dar moeda, tá, filhote .	Te referencia você.VS; VaOV;dar; OI; material/atividade;		X
Então vou te dar de vinte-e-cinco .	Te referencia o interlocutor;		
Pena que eu nu jogo, né, moça, senão eu te ajudava .	Te referencia o interlocutor;		
Deixa te mostrar minha personagem de verdade .	Te referencia o interlocutor;		
Esse jogo te influenciou um pouco hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Pois é, que eu tava te falando .	Te referencia o interlocutor;		
Ali ele olha, e tem um outro Torpedo, ele fala, estou te dando um Torpedo de presente, e vou produzir o seu filme .	Te referencia o interlocutor;		
Ela nu tava andando daquele jeito que eu te mostrei, ela entrou no carro, com a gente, e foi, sabe .	Te referencia o interlocutor;		
& he + mas que que mais que eu ia te contar .	Te referencia o interlocutor;		
Era isso que eu ia te perguntar aquela hora .	Te referencia o interlocutor;		
Aí é sério esse negócio aí, que eu tava te falando do dinheiro aí .	Te referencia o interlocutor;		
Xá eu te falar, sô .	Te referencia o interlocutor;		
Como é que eu te agüentei tanto tempo, hein .	Te referencia o interlocutor;		
Uai, mas se eu te & conheç / 4] se me conhecesse quando eu era criança .	Te referencia o interlocutor;		
Claro, era só te ensinar .	Te referencia o interlocutor;		
Era só te ensinar .	Te referencia o interlocutor;		
Pois vai ter que arrumar um & f / 6] vou ter que, te arrumar um filho p' cê trocar fralda .	Te referencia o interlocutor;		
Hoje mesmo vou te procurar FLA	Te referencia o interlocutor;		
Queria não ter te conhecido BMR	Te referencia o interlocutor;		
Eu já te contei a da porquinha hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Ah, nu te contei .	Te referencia o interlocutor;		
ô João, mãe tá te chamando .	Te referencia o interlocutor;		
Porque a idéia de te incentivar a fazer Letras foi dela .	Te referencia o interlocutor;		
Aquele dia eles vieram cá pa te pedir autorização .	Te referencia o interlocutor;		
Ele vivia falando pra gente assim, diga-me com que andas, eu te direi quem tu és .	Te referencia o interlocutor;		

Mãe, já te contei a história da + é o seguinte .	Te referencia o interlocutor;		
A única alteração básica que eu queria te mostrar mesmo, eu vou botar em microfone interno pra gente poder gravar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu nu tenho como te comer de lado assim não .	Te referencia o interlocutor;		
é o que eu tô te falando que nu pode .	Te referencia o interlocutor;		
Mas eu vou te contar, viu .	Te referencia o interlocutor;		
Agora eu te dou xequê .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te dei a torre + é .	Te referencia o interlocutor;		
Xá eu, te mostrar .	Te referencia o interlocutor;		
é, eu vou te contar dois casos a respeito disso // 5] o Laurinho, & he, sobrinho do João, ele estudou no, do Bueno Brandão.	Te referencia o interlocutor;		
é // 35] aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então nu tinha aparecido cá fora, né // 36] vai lá dentro, fala, ô mãe, o' // 37] tá na hora de sair o corpo // 38] de sair o enterro // 39] sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir // 40] do pai lá, e tal // 41] não, nu vou lá não // 42] aí ea falou, não, vou lá não // 43] mas ô mãe, mas nu fica bem, mãe // 44] pensou o + 45] todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nu vai lá // 46] não, vou lá não // 47] aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48] ô mãe // 49] vão lá, mãe // 50] só só pa, dar uma satisfação // 51] siora despede lá, e, sai o enterro // 52] ea falou, então tá certo // 53] eu vou lá // 54] aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro hhh, e falou, pois é, né, Pedro // 55] eu te falei, né, eu te avisei // 56] nu quis me ouvir // 57] nu me ouviu // 58] eu te avisei, nu foi // 59] pois é // 60] cê nu me escutou // 61] agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62] que lá é que é o seu lugar // 63] aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora hhh.	Te referencia o interlocutor;		
é // 35] aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então nu tinha aparecido cá fora, né // 36] vai lá dentro, fala, ô mãe, o' // 37] tá na hora de sair o corpo // 38] de sair o enterro // 39] sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir // 40] do pai lá, e tal // 41] não, nu vou lá não // 42] aí ea falou, não, vou lá não // 43] mas ô mãe, mas nu fica bem, mãe // 44] pensou o + 45] todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nu vai lá // 46] não, vou lá não // 47] aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48] ô mãe // 49] vão lá, mãe // 50] só só pa, dar uma satisfação // 51] siora despede lá, e, sai o enterro // 52] ea falou, então tá certo // 53] eu vou lá // 54] aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro hhh, e falou, pois é, né, Pedro // 55] eu te falei, né, eu te avisei // 56] nu quis me ouvir // 57] nu me ouviu // 58] eu te avisei, nu foi // 59] pois é // 60] cê nu me escutou // 61] agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno	Te referencia o interlocutor;		

// 62] que lá é que é o seu lugar // 63] aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora hhh.			
é // 35] aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então nu tinha aparecido cá fora, né // 36] vai lá dentro, fala, ô mãe, o' // 37] tá na hora de sair o corpo // 38] de sair o enterro // 39] sio ', precisa de ir lá p ' siora despedir // 40] do pai lá, e tal // 41] não, nu vou lá não // 42] aí ea falou, não, vou lá não // 43] mas ô mãe, mas nu fica bem, mãe // 44] pensou o + 45] todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nu vai lá // 46] não, vou lá não // 47] aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48] ô mãe // 49] vão lá, mãe // 50] só só pa, dar uma satisfação // 51] siora despede lá, e, sai o enterro // 52] ea falou, então tá certo // 53] eu vou lá // 54] aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro hhh, e falou, pois é, né, Pedro // 55] eu te falei, né, eu te avisei // 56] nu quis me ouvir // 57] nu me ouviu // 58] eu te avisei, nu foi // 59] pois é // 60] cê nu me escutou // 61] agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62] que lá é que é o seu lugar // 63] aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora hhh.	Te referencia o interlocutor;		

é // 35] aí, determinada hora lá, tava na hora de sair o velório, de ir po cemitério, o filho mais velho vai lá dentro, porque a dona Elvira até então nu tinha aparecido cá fora, né // 36] vai lá dentro, fala, ô mãe, o' // 37] tá na hora de sair o corpo // 38] de sair o enterro // 39] sio ', precisa de ir lá p' siora despedir // 40] do pai lá, e tal // 41] não, nu vou lá não // 42] aí ea falou, não, vou lá não // 43] mas ô mãe, mas nu fica bem, mãe // 44] pensou o + 45] todo mundo aí, vai, agora a siora, sai o enterro, sio ' nu vai lá // 46] não, vou lá não // 47] aí, passou um pouquim, o filho, achando que tava errado aquele negócio, voltou lá outra vez // 48] ô mãe // 49] vão lá, mãe // 50] só só pa, dar uma satisfação // 51] siora despede lá, e, sai o enterro // 52] ea falou, então tá certo // 53] eu vou lá // 54] aí, chegou lá, o caixão tava no meio da sala, ela levou o dedo no nariz do seu Pedro hhh, e falou, pois é, né, Pedro // 55] eu te falei, né, eu te avisei // 56] nu quis me ouvir // 57] nu me ouviu // 58] eu te avisei, nu foi // 59] pois é // 60] cê nu me escutou // 61] agora eu quero que cê vá é pas profunda dos inferno // 62] que lá é que é o seu lugar // 63] aí es, correram depressa, tamparam o caixão, e racharam embora hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // ô língua, hein // porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // tava passando Hebe Camargo // falei, doutor Fernando // eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nu chegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // então eu nu sei // eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // começou dar contração já vou te dar anestesia // dor é coisa do passado, nu sei o quê // beleza // o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // porque no Otaviano Neves que es nasceram // falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra é olhar // se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // sior mora lá perto, tal // não, beleza // então faz isso // que é tava dormindo // aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // é lá na recepção me esperando // aí eu falei assim, ah, o sior veio // e acha, que eu nu te conheço // cê é tranqüila, demais, nu sei o quê // pode saber // foi lá olhar, tô te falando // já tá com nu sei com quantos centímetros de dilatação // aí, batata // ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + me deu anestesia, tal // na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // aí ele conversou, né, é falando de peixe, de pescaria, de comida // o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // tá doendo // nem dei anestesia // e, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nu sei o quê, tal // falei, beleza // doutor Fernando // eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // ô Regina	Te referencia o interlocutor;		

// o Bernardo já tá nascendo, Regina // uma pressão // correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .			
Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // ô língua, hein // porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // tava passando Hebe Camargo // falei, doutor Fernando // eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nu chegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // então eu nu sei // eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // começou dar contração já vou te dar anestesia // dor é coisa do passado, nu sei o quê // beleza // o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // porque no Otaviano Neves que es nasceram // falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra é olhar // se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // sior mora lá perto, tal // não, beleza // então faz isso // que é tava dormindo // aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // é lá na recepção me esperando // aí eu falei assim, ah, o sior veio // e acha, que eu nu te conheço // cê é tranqüila, demais, nu sei o quê // pode saber // foi lá olhar, tô te falando // já tá com nu sei com quantos centímetros de dilatação // aí, batata // ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + me deu anestesia, tal // na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // aí ele conversou, né, é falando de peixe, de pescaria, de comida // o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // tá doendo // nem dei anestesia // e, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nu sei o quê, tal // falei, beleza // doutor Fernando // eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // ô Regina // o Bernardo já tá nascendo, Regina // uma pressão // correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .	Te referencia o interlocutor;		

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // ô língua, hein // porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // tava passando Hebe Camargo // falei, doutor Fernando // eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nu chegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // então eu nu sei // eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // começou dar contração já vou te dar anestesia // dor é coisa do passado, nu sei o quê // beleza // o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // porque no Otaviano Neves que es nasceram // falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra é olhar // se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // sior mora lá perto, tal // não, beleza // então faz isso // que é tava dormindo // aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // é lá na recepção me esperando // aí eu falei assim, ah, o sior veio // e acha, que eu nu te conheço // cê é tranqüila, demais, nu sei o quê // pode saber // foi lá olhar, tô te falando // já tá com nu sei com quantos centímetros de dilatação // aí, batata // ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + me deu anestesia, tal // na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // aí ele conversou, né, é falando de peixe, de pescaria, de comida // o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // tá doendo // nem dei anestesia // e, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nu sei o quê, tal // falei, beleza // doutor Fernando // eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // ô Regina // o Bernardo já tá nascendo, Regina // uma pressão // correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .	Te referencia o interlocutor;		
---	--------------------------------------	--	--

Eu liguei po meu médico, falei assim, doutor Fernando // ô língua, hein // porque quando o Bernardo nasceu, que eu liguei pra ele, falei assim, doutor Fernando // tava passando Hebe Camargo // falei, doutor Fernando // eu tô aqui em casa, o Haroldo ainda nu chegou não, eu tô sentindo assim uma dorzinha na barriga, sior acha que já é algum sinal // porque o do Gabriel eu internei antes, que ele antecipou o parto dezessete dias // que minha pressão tinha tava querendo subir um pouquim, aí ele falou, não, vão antecipar, já tá na posição boa, tal // então, ele furou a bolsa, e o Gabriel nasceu de parto normal, beleza // então eu nu sei // eu tomei anestesia antes de sentir dor, ele falou, não precisa de sentir dor // começou dar contração já vou te dar anestesia // dor é coisa do passado, nu sei o quê // beleza // o Bernardo, aí ele falou assim, Regina, do jeito que eu te conheço, e sei que cê é tranqüila, eu falei, cê pode ir pro hospital sim // que até cê sair de Contagem e chegar aqui no Otaviano Neves // porque no Otaviano Neves que es nasceram // falei, ah, então assim, doutor Fernando, eu vou, e peço o médico de plantão, pra é olhar // se ele achar que tá, já na hora, aí eu ligo pro sior, sior vai po Otaviano Neves // sior mora lá perto, tal // não, beleza // então faz isso // que é tava dormindo // aí na hora que eu chego no Otaviano Neves, tá bem sentadinho // é lá na recepção me esperando // aí eu falei assim, ah, o sior veio // e acha, que eu nu te conheço // cê é tranqüila, demais, nu sei o quê // pode saber // foi lá olhar, tô te falando // já tá com nu sei com quantos centímetros de dilatação // aí, batata // ele falou assim, na hora que cê sentir uma pressãozinha + me deu anestesia, tal // na hora que cê sentir uma pressão, lá na sala, do lado da sala de parto, já tava deitada, esperando, cê me fala, que a gente vai // aí ele conversou, né, é falando de peixe, de pescaria, de comida // o anestesista tinha me dado anestesia, e falou assim, se toda paciente minha fosse igual a sua, tava feliz demais // porque eu tô preparando a anestesia, eas fala assim, tá doendo // tá doendo // nem dei anestesia // e, nessa tranqüilidade, ainda falando de comida, de nu sei o quê, tal // falei, beleza // doutor Fernando // eu acho, que eu tô sentindo uma pressão // que cê tá anestesiado, cê perde a sensibilidade, assim // ô Regina // o Bernardo já tá nascendo, Regina // uma pressão // correu comigo pra sala que é do lado, né, aí o Paulim até vê a fita, e fica assim, cadê o que o médico fala .			
Por que que cê nu me ligou // cê tá brincando comigo // eu te ligar // como // minha mãe, sem chance // eu, nu tinha condições // ninguém conseguia ligar po sior // e também ia adiantar, o, quê // pois eu nu cheguei nem no Barreiro, né // que dirá lá no Lifecenter, na Contorno // nu ia, nascer João .			
E eu conto pra todo mundo // e meu marido tem uma tem uma história também, que eu tenho certeza, se ele tivesse aqui ele ia te contar essa história .	Te referencia o interlocutor;		

, aí, o caminhão virou, a menina, o capô do carro bateu na, frente dela aqui, e, matou-a na hora // dormindo // cinco hora da manhã // então, e se + essa história da menina, eu tenho certeza que é nu te conta não // mas a história da filha, atual, ele te conta // sabe // porque ele ama, ele chama ela de, «fuminho», né, «meu pretinho», papai nu güenta carregar mais, mas, nu güenta pegar mais, porque tá muito grande, mas é essa é a história, e é a vida, que nós temos aqui em casa // essa vida corrida, que eu trabalho muito, mas, nu deixo de dar amor, nu deixo de dar carinho, né, e, cobro muito dela, cobro mesmo, cê nu tá percebendo que a gente tá cobrando, porque hoje tá tudo muito tranquilo // mas se tivesse fazendo qualquer raiva, cê tava escutando meus grito aqui // Mislaine // né hhh // mas, graças a Deus, aí essa aí é a história .	Te referencia o interlocutor;		
, aí, o caminhão virou, a menina, o capô do carro bateu na, frente dela aqui, e, matou-a na hora // dormindo // cinco hora da manhã // então, e se + essa história da menina, eu tenho certeza que é nu te conta não // mas a história da filha, atual, ele te conta // sabe // porque ele ama, ele chama ela de, «fuminho», né, «meu pretinho», papai nu güenta carregar mais, mas, nu güenta pegar mais, porque tá muito grande, mas é essa é a história, e é a vida, que nós temos aqui em casa // essa vida corrida, que eu trabalho muito, mas, nu deixo de dar amor, nu deixo de dar carinho, né, e, cobro muito dela, cobro mesmo, cê nu tá percebendo que a gente tá cobrando, porque hoje tá tudo muito tranquilo // mas se tivesse fazendo qualquer raiva, cê tava escutando meus grito aqui // Mislaine // né hhh // mas, graças a Deus, aí essa aí é a história .			
Eu tô te ligando, porque me deu muita saudade de você .	Te referencia o interlocutor;		
Peixe // & he, hoje, eu descobri um + hoje não, vou te falar, tem três semanas, tem um concorrente aí, que é o cara do Badejo, que é o cara que, tem um bom restaurante de peixe em Belo Horizonte, que ele fez uma experiência, lá em Ilhéus, de pegar, nts, o peixe de rio, e colocar no mar .	Te referencia o interlocutor;		
Agora, & he, pra fazer um jantar assim, é isso que eu tô te falando .	Te referencia o interlocutor;		
Se eu te passar a receita aqui, e falar assim, quanto tempo, eu nu vou conseguir // & he, & he, cê tem que pegar os frutos do mar e tem que ter um certo conhecimento .	Te referencia o interlocutor;		
Eu, é igual eu já te falei .	Te referencia o interlocutor;		
Eu, igual eu tava, também, te falando, & he, sou todo tatuado, assim, tal .	Te referencia o interlocutor;		
E é igual eu já te falei .	Te referencia o interlocutor;		
Quando chegou lá, ela falou assim, aí João Soldado, eu vim te buscar .	Te referencia o interlocutor;		
Cê já tá com mais de cem ano, e nós perdemos seu registro, agora vim te buscar .	Te referencia você.LV; VaOV; buscar; OD; material atividade;		X
Eu vim te buscar que o capetão lá, o chefe, mandou eu te buscar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu vim te buscar que o capetão lá, o chefe, mandou eu te buscar .	Te referencia o interlocutor;		
Ah, porque a morte veio cê nu levou, agora, mandou eu te buscar .	Te referencia você.VS; buscar; OD; material atividade;		X
Eu vim te buscar .	Te referencia o interlocutor;		

Cê lembra que eu te falei c', p' pedir a salvação da alma, cê nu quis.	Te referencia você. VS; falar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
Mas que te dá habilitação pra, publicidade .	Te referencia o interlocutor;		
Então ele não é um curso próprio em publicidade, mas ele te dá habilitação, pra você, & he, exercer, o curso, né .	Te referencia o interlocutor;		
Mas, igual eu tava te falando, essa essa prima de Esmeralda, ela, fez publicidade, e ela falando comigo que ela sempre, teve vontade de ser, uma coisa na vida .	Te referencia o interlocutor;		
Como eu te disse, de repente o cara, dependendo da formação dele, da formação acadêmica dele hhh, dos conhecimentos dele, ele acha que aquilo nu interfere na obra do compositor .	Te referencia o interlocutor;		
Mas, eu nunca peguei, qualquer diferença na minha vida, sou incapaz de pegá-lo, e vou te falar mais .	Te referencia o interlocutor;		
, cê, muito mais concentração, o pai-de-santo, e, a equede e o ogã, no caso, ficam por sua conta, né, pa cuidar de você, e te ensinar as coisas, cê aprende muito mais .	Te referencia você. VS; ensinar; OI; material /atividade;		X
Nu tem janela, só tem uma porta, que você não abre, em momento algum, cê fica lá dentro, e pra, es poder te atender, cê tem que, bater palma .	Te referencia você. LV; VaOV; atender; OD; material/atividade;		X
Es te dão tudo .	Te referencia o interlocutor;		
Aí eu falei assim, deixa eu te falar, eu vou trazer umas roupas minhas no + FLA	Te referencia o interlocutor;		
Meu tio, nu sei se eu te contei esse bafo, muito tempo atrás, a Madonna, no início da carreira dela ela posou nua .	Te referencia o interlocutor;		
Ele tava tentando te converter, bobo .	Te referencia o interlocutor;		
Amanhã eu vou te dar o dinheiro, hein, xxx.	Te referencia o interlocutor;		
Aí ele, o quê, eu falei assim, te dar um beijo .	Te referencia o interlocutor;		
Ele tá assim, não, Júnia, eu achei que cê nu ia falar, que eu tô louco pa te beijar desde aquele dia .	Te referencia você. VS; beijar; OD; material/atividade;		X
Eu te falei, me dá ele aí, pai .	Te referencia o interlocutor;		
Vou te esperar esgoelar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te chamei três vezes p' cê me dar ele .	Te referencia o interlocutor;		
Yyyy eu queria te passar isso aqui primeiro // 5] não // 6] o Geraldo, ele me deu isso aqui pra fazer as cópias, e ele foi lá na prefeitura, porque, o Ibraim, tá questionando o seguinte .	Te referencia o interlocutor;		
Xá eu te falar, tô querendo fluoxetina .	Te referencia o interlocutor;		
Que ea falou que ia, vim aqui pra te pagar, e tal .	Te referencia o interlocutor;		
Hoje eu vou te contar .	Te referencia o interlocutor;		
Que ea falou que vinha aqui pra te pagar, aí eu já levo duma vez .	Te referencia o interlocutor;		
Ah, ele vai te dar .	Te referencia o interlocutor;		
Eu que te agradeço .	Te referencia o interlocutor;		

Então é o seguinte // & he, & he, eu tava falando aqui acho que eu já até te falei, da proposta da gincana .	Te referencia o interlocutor;		
O'\$, se quer, eu já te dou uma dica .	Te referencia o interlocutor;		
é isso que eu ia te perguntar .	Te referencia o interlocutor;		
Mas depois eu vou te contar porque .	Te referencia o interlocutor;		
é bem uma questão pessoal, mas eu vou te contar depois, é, eu vou explicar depois por que .	Te referencia o interlocutor;		
Lembra que uma hora que eu te mostrei .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te apanho .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te apanho .	Te referencia o interlocutor;		
Bom // 11] primeiro modelo que eu vou te mostrar, né // 12] confesso também que tem pouquíssimo modelo // 13] porque agora é coleção outono-inverno, né .	Te referencia o interlocutor;		
Aquele esquema que eu te falei .	Te referencia o interlocutor;		
Porque, é o que eu te falei, né .	Te referencia o interlocutor;		
Pode vim aqui que eu vou te mostrar .	Te referencia o interlocutor;		
Desse preto + a ' o fechado que eu te falei .	Te referencia o interlocutor;		
Xá eu te ajudar .	Te referencia o interlocutor;		
Aí cê experimenta essa primeiro, porque eu nu sei o estilo de blusa que você, quer, aí eu te ajudo, viu .	Te referencia você. VS; ajudar; OD; material/atividade;		X
Ivani, deixa eu te falar .			
A xxx tá te pedindo yyyy pra poder levar pra mãe dela no hospital .	Te referencia o interlocutor;		
Nu tô te falando .	Te referencia o interlocutor;		
Qualquer coisa eu te grito .	Te referencia o interlocutor;		
Eu te chamo .	Te referencia o interlocutor;		
Seu pai te assovia .	Te referencia o interlocutor;		
A mamãe vai te gritar .	Te referencia o interlocutor;		
Cê tá querendo que te serve aqui .	Te referencia o interlocutor;		
Deixa eu te perguntar .	Te referencia o interlocutor;		
Cê lembra, que eu até te levei cê na sua casa .	Pleonasmo.Te referencia você. VS; levar; OD; material/atividade.		X
Eu vou lá, cê quer que te deixa em casa .	Te referencia você. VS; deixar; OD; material/atividade.		X
Qual que o menino te pediu .	Te referencia o interlocutor;		
Nu sei qual que ele te pediu .	Te referencia o interlocutor;		
Mas, & he + eu queria que cê me desse uma orientação aí, porque eu sei que, & he, & he, se foi / 1 foi culpa minha também, o fato d' eu & te + & fico / 1 virou uma bolha de / 2 bola de neve, essas atividades, né .	Confuso (verbo ter ou pronome te)		
No ', cê conseguir fazer isso aí, te & agr / 2 te agradeço hhh.	Elipse.		

No ', cê conseguir fazer isso aí, te & agr / 2 te agradeço hhh.	Te referencia você. VS; agradecer; OI; <i>dicendi</i> ;		X
E tudo é que nem eu tô te falando, aqui o', essas peças de cima, a ' lá o', essa aqui já tá cicatrizada, essa daqui é porque ela acabou de fazer .	Te referencia o interlocutor;		
Eu esqueci de te perguntar, mas + pergunta básica .	Te referencia o interlocutor;		
Tem alguma coisa que te chama atenção .	Te referencia o interlocutor;		
é importante, em que que ele te ajuda .	Te referencia o interlocutor;		

Ah, é // 44] esse aí também é um grande problema, né // 45] o tempo, porque eu, tenho dois cargos, né, não tenho tempo // 46] não tenho tempo de fazer aquele planejamento, igual eu gostaria de fazer, e tal // 47] eu faço é um rascunho // 48] do que que eu vou fazer naquele dia lá, lógico que nu é em cima da hora, né // 49] mas uns dois, uns dois três dia assim, e eu penso, né, & he, tipo faço em tópicos, lá // 50] aí eu vou fazer isso e isso, & he, planejo, preparo o material, e executo // 51] agora, se eu for olhar tempo mesmo, né, de sentar e escrever, aquilo, pra dar aquela aula ideal, né, aquela aula igual se dá no EDUCONLE que cê acha que é é tudo de bom, né, nu tem, porque também eu acho que, & he, depende muito dos alunos de tar preparado, por exemplo, cê prepara aquela aula, maravilhosa, e acha que vai dar tudo certo, de repente encontra lá o aluno, né, que, & he, & he, foi pra escola, nu almoçou, tá com fome, ou brigou com o pai, ou aquelas questões todas familiares que vão influenciar // 52] então aquela aula linda, vai toda pro ralo, né // 53] então, em relação + 54] & he, isso eu vejo que + 55] também eu acho que nu é só por causa, de ser aluno de escola pública, né // 56] é gente, cê tá mexendo com gente, e, nem sempre cê tá disposto a assistir uma aula, né, & he, animado a fazer aquilo que o professor te propõe, né // 57] essas coisas acontecem // 58] mas em relação ao tempo, eu penso muito nisso assim // 59] de, ter, né, esse tempo, de sentar mesmo e planejar bem mais pra frente // 60] pa nu ficar né, aquela coisa assim, & he, tocada / // 61] né, & he, organizadinha, tudo direitim, plano de aula, & he, com material adequado, pra aquilo ali.	Te referencia você generalizador. VS; propor; OI; <i>dicendi</i>;	X	
---	--	----------	--

Melhora bastante // 70] porque, eu sei porque eu tô em duas escolas, uma eu tenho coordenadora, né, e a outra eu nu tenho // 71] é orientadora // 72] então, a orientadora, ela nu quer fazer o papel da coordenadora // 73] e, vice-versa // 74] né // 75] então, tem que ter pessoas, com disposição pra ajudar o professor, né // 76] e isso nu tem no Estado // 77] tá tentando mudar, mas, tá difícil ainda, né // 78] e eu nu concebo a idéia, por exemplo, dum coordenador, coordenar um professor de inglês, sem ter a mínima noção // 79] da língua // 80] até pa te cobrar // 81] né, pa falar assim, Nossa, mas isso aqui, que cê tá fazendo é uma besteira muito grande, né // 82] cê devia fazer assim assado, né .	Te referencia o interlocutor;		
Nu é pra te dar receita não, mas, é orientar // 85] é ajudar // 86] né, pro trabalho sair melhor / // 87] então, na escola que eu tenho a coordenadora, eu vejo que, a parte de, conversar com o aluno, né, em relação à disciplina, problema familiar, & he, problema de material, o aluno que tá desinteressado, tudo, acontece, superbem // 88] funciona // 89] agora, na outra escola, que nu tem uma pessoa comprometida com isso, o aluno também ele nu quer, se comprometer // 90] uma escola que nu tem, limite pra nada // 91] nu tem horário pa entrar, nu tem horário pa sair // 92] o menino é que / 4] o aluno é que domina, a escola .	Te referencia o interlocutor;		
Que trabalha na educação indígena, e que a gente conversa há muito tempo, a respeito disso, e ele me passa as coisas que ele acha que são, interessantes, que ele conhece, e que + é, essas pessoas que acabam conhecendo a gente um pouco, e que sabem que que pode te despertar interesse, o que que pode ser + foi um carinho, esse filme hhh.	Te referencia o interlocutor;		
Então, tô te dando o preço .	Te referencia o interlocutor;		
Ele quer comprar tudo, ele, tipo, é obcecado por querer, & he, controlar as pessoas, & he, pelo trabalho dele, ele tem que controlar, e ele fica querendo comprar a bunda da mulher, e acaba falando isso com ela, e a mulher fala, ah, não, mas eu ia te dar de graça, cê nu quis .	Te referencia o interlocutor;		
Agora, & he, muitas coisas assim, & he, nu sei se, te interessa, mas eu vou falando, depois tu vê se te interessa ou não .	Te referencia o interlocutor;		
Agora, & he, muitas coisas assim, & he, nu sei se, te interessa, mas eu vou falando, depois tu vê se te interessa ou não .	Te referencia tu. VS: interessar; OI; material/atividade;		
A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, & he, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão de mundo, a, & de + quer dizer, é um yyyy.	Te referencia o interlocutor;		

A arte mesmo, ela te obriga a pensar, refletir, & he, sempre traz alguma, coisa que vai te enriquecer, a tua visão de mundo, a, & de + quer dizer, é um yyyy.	Te referencia o interlocutor;		
Enfim, ela amplia a tua consciência, redimensiona tua sensibilidade, só que à primeira vista é difícil, assim, se tu depara com um objeto que tu não consegues, ter uma, pré-catalogação, nu é, que qualquer coisa inovadora, ela sempre vai te dar um impacto .	Te referencia tu. VS: dar; OI; material/atividade;		
	16 você/te		

ANEXO II – D E G NATAL

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
Informante 3: Glislaine Sexo: feminino Idade: 21 anos	Terceiro Grau	Oral	Relato de opinião	você nota nos olhos dela a:: a:: a coisa precária mesmo como ele se encontra ... pois a gente só vê isso quando passamos pra fora e vemos uma condição melhor que o homem vive e que ao nordestino lhe é negado ... ele não sabe ... ele não sabe que ele não tem:: ele poderia viver melhor e ele se conforma com sua vida precária ... ele se conforma em sofrer ... e não levanta pra lutar ... porque lhe negaram também informação ... ao nordestino lhe é negado o direito de:: de aprender a se revoltar e ele fica na vidinha dele ... leva aquilo sossegado é:: como a história que te falei ... daquela família nordestina	Te referencia interlocutor; verbo simples (VS)-falar; OI (OI); <i>dicendi</i> ;		
				você diz que tem direito de educação mas você não aprende ... você tem direito a:: a segurança ... mas só de palavras ... mas no:: na realidade ele também te é negada a segurança ...	Te referencia você generalizador; VS; ser; OI; relacional;	X	
				a saúde nem se fala ... é:: de:: é direito ... a gente vê na constituinte ... é direito de você ter saúde ... mas te é negada a saúde	Te referencia você generalizador; VS; ser; OI; relacional;	X	
				se hoje você for a um posto de saúde ... te negam a saúde ... por quê? porque não tem quem trabalhe ... num tem quem pague ...	Te referencia você generalizador; VS; negar; OI; <i>dicendi</i> ;	X	
				se você tiver saúde ... tiver uma educação e tiver segurança ... aí surge aquela pergunta ... então aquelas pessoas que ... como do sertão ... elas não têm direito à saúde ... a educação? ... são o quê? são gentes? são brasileiros? ou são só indivíduos? né ... quer dizer ... é um ... essa:: essa questão que eu tô te falando ... é uma questão muito polêmica ...	Te referencia interlocutor; locução verbal; falar (LV, consideramos o verbo principal); SVaOV; OI; <i>dicendi</i> (verbo principal);		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
Informante 4: Ítalo Sexo: masculino Idade: 30 anos	Terceiro Grau	Oral	Narrativa de experiência pessoal	e eu senti uma alegria tão grande ... um ... um ... uma ... era como se eu retornasse a uma terra que eu nunca encon/ que eu nunca tinha deixado de estar lá ... porque ... eu num sei se eu já te falei ... Marcos ... é ... desde pequeno eu falo ... eu falava pra minha família do Rio Grande do Sul sem nunca ter ido ao Rio Grande do Sul ... ((riso)) um fenômeno paranormal aí que ... é ... hoje eu sei ... um pouco por onde é que passa essas histórias né ... mas eu me sentia como que ... chegando em Areia Branca ... minha cidade do ... na/ natal né ... e ... e então nessa hora eu olhei pela janela e eu contemplei uma paisagem linda ...	TE referencia interlocutor; VS; falei; OI; <i>dicendi</i> ;		
				E: mas eu achava que pelo fato de você ter ido assumir um emprego ... tivesse alguém esperando você ... I: não não ... não ... isso aí eu vou te explicar ... eu tive que ir sozinho e já sabia para onde ia ...	Te referencia o interlocutor; LV;SVaOV; explicar; OI; <i>dicendi</i> ;		
				... e a viagem pra Porto Xavier Marcos ... é a coisa mais linda do mundo ... eu adorava ... depois eu te conto isso ...	Te referencia o interlocutor; VS; contar;OI; <i>dicendi</i> ;		
				I: ah ... nessa viagem ... aconteceu cada coisa engraçada ... ((riso)) mas uma das mais engraçadas meu amigo ... você vai saber logo mais ... ((riso)) E: pode contar agora não? I: não ... eu quero te contar que ... primeiro a gente ... sim ... nessa ... quando a gente sai de Porto Alegre ... nessa ... nessa viagem pra Santo Ângelo ...	Te referencia o interlocutor; LV; SVaOV;contar;OI; <i>dicendi</i> ;		
				e ... mas aí quando amanheceu o dia ... dessa viagem ... quando acabamos de namorar ... é:: cada um virou pro seu lado ... e tentou dormir um pouco ... descansar ... e quando eu ... pensava que ... porque tava amanhecendo o dia a gente ia começar a conversar ... ela disse ... “olha ... logo mais eu vou descer ... já está próximo da minha parada e ... eu vou descer ... foi muito bom te encontrar” ... aquelas despedidas né?	Te referencia o interlocutor. Discurso direto. VS;encontrar (deparar); OD; material/atividade;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
			Descrição de local preferido	às vezes você pensa até que nunca foi pisado por alguém ... que foi é ... que foi violado por ... por ser humano porque parece é ... ainda ... ainda selvagem aquele lugar ... então é ... nesse di/ nesse dia que a gente foi fotografar a Via Costeira ... nós começamos ali próximo daquele ... primeiro hotel depois o Farol de Mãe Luiza ... onde tem uma curva perigosa ... que eu estou esquecido o nome ... mas tem enchova ... geralmente vêm artistas cantar lá ... ali em frente tem umas falésias vermelhas com amarelo muito bonitas ... e tem uma ... uma ... tem um branco também natural da duna ... da areia da duna que ... contrasta com o vermelho das falésias ... então ... a gente faz fotografias belíssimas tomando assim é:: enseadas ... de cima de alguma enseada de alguma falésia ... onde nós pegávamos vegetação ... falésia e duna ... tinha uma fotografia muito bonita ... porque eu ia ... ainda num te mostrei esse trabalho ...	Te referencia o interlocutor; VS; mostrar; OI; perceptivo;		
				às vezes você pensa até que nunca foi pisado por alguém ... que foi é ... que foi violado por ... por ser humano porque parece é ... ainda ... ainda selvagem aquele lugar ... então é ... nesse di/ nesse dia que a gente foi fotografar a Via Costeira ... nós começamos ali próximo daquele ... primeiro hotel depois o Farol de Mãe Luiza ... onde tem uma curva perigosa ... que eu estou esquecido o nome ... mas tem enchova ... geralmente vêm artistas cantar lá ... ali em frente tem umas falésias vermelhas com amarelo muito bonitas ... e tem uma ... uma ... tem um branco também natural da duna ... da areia da duna que ... contrasta com o vermelho das falésias ... então ... a gente faz fotografias belíssimas tomando assim é:: enseadas ... de cima de alguma enseada de alguma falésia ... onde nós pegávamos vegetação ... falésia e duna ... tinha uma fotografia muito bonita ... porque eu ia ... ainda num te mostrei esse trabalho ... qualquer dia quando ... tiver oportunidade eu vou te mostrar ...	Te referencia o interlocutor; LV; SVaOV; mostrar; OI; perceptivo;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
				e terra siena queimada ... que significa um vermelho carmim fechado ... muito bonito essa ... essa variação que fica do lado dos hotéis ... esse ... essa ... esses ... isso que eu tô te falando ... fica do lado dos hotéis ...	Te referencia o interlocutor; LV;SVaOV; falar; OI; <i>dicendi</i> ;		
				... mas tinha sido um processo de ... é ... envelhecimento mesmo da árvore e ficou aquele tronco belíssimo ... e nós fo/ e nós registramos essa ... essa ... esse achado ... mais na frente encontramos uma árvore com a raiz toda exposta ... uma árvore imensa ... inclusive eu te presenteei ... né ... com aquela fotografia?	Te referencia o interlocutor; VS; presentear; OD; material/atividade;		
				eu te disse rapaz ...	Te referencia o interlocutor; VS; dizer; OI; <i>dicendi</i> ;		
				lá tem muitos pássaros ... eu te disse como ...	Te referencia o interlocutor; VS; dizer; <i>dicendi</i> ; OI;		
				... como eu te disse naquele ... no dia que nós fomos fotografar ...	Te referencia o interlocutor; VS; dizer; <i>dicendi</i> ; OI;		
				E: mas em termos assim é ... de aspectos de algum ponto que você ... que te chame atenção ... da mesma forma como a vegetação ... o canto dos pássaros ... te chamou naquele outro trecho da Via Costeira ... nessa parte mais urbana tem algum aspecto ... tem algum lugar ... que você ... que agrada a você?	O falante troca sua construção com você por uma com te. Não há uma relação de associação entre ambas as formas. Assim: Te referencia o interlocutor.VS; chamar; CN; <i>dicendi</i> ;		
				E: mas em termos assim é ... de aspectos de algum ponto que você ... que te chame atenção ... da mesma	Te referencia o interlocutor.VS;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
				forma como a vegetação ... o canto dos pássaros ... te chamou naquele outro trecho da Via Costeira ... nessa parte mais urbana tem algum aspecto ... tem algum lugar ... que você ... que agrada a você?	chamar; OD; <i>dicendi</i> ;		
			Relato de procedimento	mas Marcos ... o alto-relevo ele acontece na ... na pintura ... mesmo que a gente não queira ... porque a gente tá usando camadas de tinta ... então pra obter um determinado resultado é ... tipo um ... uma luz no tronco de árvore ... como aquele quadro que eu te presenteei ... é:: você precisa passar várias mãos de tinta ... pra obter uma luz por exemplo ...	Te referencia nome próprio.VS; presentear;OD; material/atividade;		
				eu acho que ela não ... você não gosta dessa montanha por causa da cor ... a cor ... a cor não ... deve ser uma cor que te espanta um pouco ...	Te referencia você generalizador.VS; espantar; OD; perceptivo;	X	
				eu acho que ela não ... você não gosta dessa montanha por causa da cor ... a cor ... a cor não ... deve ser uma cor que te espanta um pouco ... que te ... que te mexe ...	Te referencia você generalizador. Elipse.		
				eu acho que ela não ... você não gosta dessa montanha por causa da cor ... a cor ... a cor não ... deve ser uma cor que te espanta um pouco ... que te ... que te mexe ...	Te referencia você generalizador. VS; mexer (sentimento);OI; sentimento;	X	
				esse ... esse procedimento continua? tá certo que você mudou em relação a sua postura comercial ... digamos assim ... em relação à coisa ... certo? mas essa ... a ... a ... o ... o que que te leva a escolher determinados ...	Te referencia você generalizador: VS; levar; OD; material/atividade (faz escolher);	X	
				só a necessidade de ampliar conhecimentos ... de aperfeiçoar técnicas ... porque num trabalho de fotografia como eu já te disse ... a gente tem é:: a gente ... a gente tá ali se disciplinando ... porque você tá olhando a fotografia e você tá querendo captar ... todas as nuances daquele ... daquela imagem ... entendeu?	Te referencia o interlocutor; VS; dizer; OI; <i>dicendi</i> ;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
				quanto ... quanto maior ... o número de detalhes ... mais a fotografia te ... te ()	Te referencia o interlocutor. Elipse.		
				quanto ... quanto maior ... o número de detalhes ... mais a fotografia te ... te ()	Repetição do te no discurso do falante.		
				você pode pintar uma praia rapidamente ... pá ... pá ... pá ... pintar de cima a baixo ... tá ... tá completo o trabalho e ...em um dia você pinta ... mas se você quiser um elaborado de re/ é que ... que uma pessoa amiga chegue e te diga ... “não ... realmente isso aqui é uma praia ... olha só a gaivota ... olha só o matinho aqui ... olha só essa cor refletida sobre a água ... realmente aqui teve ... todo um estudo de cores ... de ... de ... de dimensões ... de perspectiva” ...	Te referencia você generalizador;VS; dizer; OI; <i>dicendi</i> ;	X	
Informante 1: Gerson Sexo: masculino Idade: 19 anos	Segundo Grau	Oral	Narrativa recontada	Gerson ... tem:: às vezes assim nós assistimos um filme ou lemos um livro que é muito interessante ... né ... e depois a gente guarda aquilo na nossa mente ... se alguém pergunta pra gente se você viu aquele filme ... aí você diz que sim e conta ... né ... para essa pessoa tudo que aconteceu naquele filme ou no livro ... ou até uma história que você tenha ouvido ... você tem assim alguma:: algum livro que você tenha lido ou algum filme ou uma história que alguém tenha te contado que você poderia recontar pra mim?	Te referencia você;VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
			Relato de opinião	... se você for levar por esse lado e fazer essa seleção pro vestibular é muito relativo ... então acho que se tem ... justamente ... é questão de ter investimento na educação ... se investisse mais na ... na ... no ensino público ... obviamente teria:: porque a capacidade desse pessoal é a mesma do particular ... inclusive ... tem professor que ensina em colégio particular e em colégio público ... então ... só que agora em colégio particular ele recebe muito mais ... dá vontade de ensinar ... e no público não ... então ... se tiver esse incentivo ... aí tem a questão política que eu te expliquei ...	Te referencia o interlocutor; VS;explicar; OI; <i>dicendi</i> ;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
		Escrita	Relato de procedimento	Das competições levei que não basta saber, tem que ter condições psicológicas, além dos físicos, pra vencer e que devemos saber vencer, não menosprezando quem foi derrotado, pois um dia ele pode te superar, principalmente na natação, que precisa de sequência de treinos.	Te referencia o interlocutor; LV; SVaOV; superar (ultrapassar); OD; material/atividade;		
Informante 3: Rosemeire Sexo: feminino Idade: 19 anos	Segundo Grau	Oral	Narrativa recontada	é:: narrativa recontada ... Ro/ Rose ... você:: alguém assim ... já pode ... alguém pode ter te contado alguma coisa ... e que você:: lembre de ... dessa ... desse relato que a pessoa te fez ... ou um filme ... geralmente a pessoa quando vê um filme ... guarda né?	Te referencia nome próprio; LV; SVa1Va2OV; contar ; OI; <i>dicendi</i> ;		
				é:: narrativa recontada ... Ro/ Rose ... você:: alguém assim ... já pode ... alguém pode ter te contado alguma coisa ... e que você:: lembre de ... dessa ... desse relato que a pessoa te fez ... ou um filme ... geralmente a pessoa quando vê um filme ... guarda né?	Te referencia você;VS; fazer; material/atividade; OI;.		X
				guarda ... aquilo que o filme disse ... você teria assim alguma coisa ... algum filme que você gostaria de contar ... um filme que você tenha visto ... ou alguma coisa que alguém ... te contou?	Te referencia você;VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
Informante 4: Solange Sexo: feminino Idade: 19 anos	Segundo Grau	Oral	Narrativa de experiência pessoal	é ... Solange ... às vezes é ... nós vamos assim a algum lugar ... ou acontece alguma coisa na vida da gente que ... fica na nossa ... na nossa:: passa assim uma experiência da nossa vida né? por acaso tem assim alguma coisa que te aconteceu ... há muito tempo ... ou há pouco tempo ... que tenha ficado assim como uma experiência na sua vida ... que você tenha gostado ... e que poderia me contar?	Te referencia nome próprio; VS; acontecer; OI; existencial;		
			Narrativa recontada	as músicas que ela cantava ... geralmente tinha assim ... aqueles temas de ... é ... por exemplo ... deixa eu lembrar uma das músicas que tinha ... eu te amo né ... você é o meu homem ... assim ...	Te referencia o interlocutor; Falante citando discurso indireto; VS; amar; OD;sentimento;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
				... coisas desse tipo ... e aí no ... quando ela começou a reger o coral ... ela pegou as mesmas músicas e mudou um pouco as letras ... né ... no caso ela dizia ... eu te amo Deus ... mudou assim ... as letras ... era super engraçado né ... aí o coro mudou o estilo ...	Te referencia o interlocutor; Falante citando discurso indireto; VS; amar; OD; sentimento;		
			Relato de opinião	...porque na verdade a gente ... confia mesmo em quem nós devemos confiar ... devemos crer né ... e seguir é Jesus ... só que as pessoas ... elas não entendem isso ... né ... justamente porque isso que passaram de religião é tão forte ... né ... que a religião é o que importa ... né ... que a religião é que é o certo ... que a religião é que pode ... te levar ao céu ... que a religião pode te dar salvação ... e o pior é que essa religião tantas vezes tem ... causado escân/ a gente tem visto ... escândalos né ...	Te referencia o interlocutor; LV; VaOV; Levar; OD;material/atividade;		
			Relato de opinião	justamente porque isso que passaram de religião é tão forte ... né ... que a religião é o que importa ... né ... que a religião é que é o certo ... que a religião é que pode ... te levar ao céu ... que a religião pode te dar salvação ... e o pior é que essa religião tantas vezes tem ... causado escân/ a gente tem visto ... escândalos né ...	Te referencia o interlocutor; LV; SVaOV;dar;OI; material/atividade;		
Informante 3: Lúcia Idade: 16 anos Sexo: feminino	Oitava série	Oral	Narrativa de experiência pessoal	era ... ele é de lá num sabe? é ... ele é o guia turístico ... é:: o nome dele é Luciano ... aí ...ele lá dançando ... aí dançava ó ... assim ... “vou dançar” ... aí todo mundo ... aí ia dançar ... aí dançou com minha prima ... ele já conhecia minha prima ... dançou com minha prima ... aí começou a dançar ... dançar ... quando ele ia embora eu disse ... “a ... espera aí ... você num me chama pra dançar ... mas eu vou te chamar pra dançar” aí chamei ele pra dançar ...	Te referencia você;discurso direto; LV; SVaOV; chamar; OD; <i>dicendi</i> ;		X
			Narrativa recontada	você vai me contar uma história ... ou um filme ... ou alguma coisa que alguém contou pra você ... você não pode ter visto o filme ... não pode ter lido o livro e num ter vivido a história ... mas alguém que contou pra você ... certo? aí você vai recontar pra mim ...	Te referencia o interlocutor; VS; contar;OI; <i>dicendi</i> ;		

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
				você vai me dizer como é que foi ... já vai ser re/ alguém te contou ... e você vai me contar ... certo? qual é ... qual é a história? qual é o filme?			
			Relato de opinião	aí vai ter que casar à força ... aí quando os pais descobrirem ... “vai ter que se casar ... ah num sei o quê ... você vai ter que casar ... porque você engravidou minha filha ... e num sei o quê ... e aconteceu essas coisas” ... assim já fica ruim ... aí casa à força ... aí um num gosta do outro ... por exemplo ... pode ela gostar dele ... mas ele num gosta dela ... num é? aí fica ... é ... “eu casei com você por causa que eu te engravidei ... porque se num fosse por causa disso ... e também foi por causa do seu pai ... porque o seu pai quis isso e aquilo outro ... e fez eu casar com você ... mas se num fosse por isso eu num fazia”...	Te referencia você. Discurso direto. VS; engravidar; OD; material/atividade; 1 2		X
Informante 4: Vladimir Idade: 14 anos Sexo: masculino	Oitava série	Oral	Narrativa de experiência pessoal	é ... mas você disse que foi a melhor coisa que aconteceu pra você ... e ... você hoje tem muitos amigos né? é ... que ... que te ajudaram ... e ... o que você então ... você começou a conhecer também diversão ... no caso assim ... se diverte mais ... então qual é o tipo de diversão que você começou a fazer aqui quando você não fazia lá?	Te referencia você. VS; ajudar; OD; material/atividade;		X
			Narrativa recontada	... “bom eu desisto ... eu já ... já apliquei tudo que era castigo ... que eu devia ... consegui aplicar nele ... fora ... eu já sei que ... que as pessoas que nascem leais a você ... morrem leais a você ou ao menos crêem é:: acima de tudo ... é ... te põem como ... como Deus mesmo ... o salvador ...	Te referencia você generalizador; VS; pôr (considerar, perceber); OD; percepção;	X	
Informante 2: Olavo Sexo: masculino Idade: 9 anos	Quarta-série	Oral	Narrativa recontada	Olavo ... você vai contar uma narrativa recontada pra gente ... né ... então ... é uma história que alguém contou pra você ... que você tenha gostado ou não ... você vai contar história sobre ... sobre o que e quem te contou?	Te referencia você. Discurso do entrevistador. VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
Informante 3: Sueli	Quarta-série	Oral	Relato de procedimento	... você:: escolheu que queria fazer/ que queria:: relatar um procedimento né? você vai querer contar	Te referencia você. Discurso do		X

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
Sexo: feminino Idade: 13 anos				alguma contar alguma coisa que já te contaram ou ... ou melhor ... você vai me contar como é que se faz uma coisa ... não é isso que você falou?	entrevistador.VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		
			Relato de opinião	E2: você poderia dar um exemplo disso ... você conhece alguém que porque estudou teve uma oportunidade boa ... o que você gosta mais de estudar?I: português ... E2: e você acha que português vai influenciar como pra te ajudar ... a melhorar sua vida?	Te referencia você. Discurso do entrevistador.VS; ajudar; OD; material/atividade;		X
				quais as matérias que você estuda ... que você acha que vão te ajudar a arranjar um ... vão te ajudar e te ajudar como? queria que você me falasse ... assim emprego ... entendeu? arranjar um emprego ...	Te referencia você. Discurso do entrevistador.LV; VaOV; ajudar; OD; material/atividade;		X
				quais as matérias que você estuda ... que você acha que vão te ajudar a arranjar um ... vão te ajudar e te ajudar como? queria que você me falasse ... assim emprego ... entendeu? arranjar um emprego ...	Te referencia você. Discurso do entrevistador.LV; VaOV; ajudar; OD; material/atividade;		X
				quais as matérias que você estuda ... que você acha que vão te ajudar a arranjar um ... vão te ajudar e te ajudar como? queria que você me falasse ... assim emprego ... entendeu? arranjar um emprego ...	Te referencia você. Discurso do entrevistador.VS; ajudar; OD; material/atividade;		X
Informante 2: Pablo Sexo: masculino Idade: 6 anos	Classe de alfabetização		Narrativa recontada	Pablo ... você disse que gosta muito do Pica-Pau né? e que tem alguma/ algumas histórias ... né? alguns desenhos dele que você gosta ... você podia me contar ... um:: alguma coisa né? é ... dele ... seria a narrativa recontada ... alguém tinha que ter te contado essa história .. mas você disse que nunca ninguém contou uma história pra você ...	Te referencia você. Discurso do entrevistador. LV; VaOV; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X

Dados do Informante	Escolaridade	Modalidade	Tipo/Gênero Textual	Transcrição da ocorrência	Descrição	Você generalizador	Você não generalizador
			Relato de opinião	Pablo ... você/ a gente tava conversando aqui ... e eu per/ eu ... te pedi a sua opinião:: né? é o relato de opinião ... por que ... você disse que gostava de ser criança né? então ... o que que você acha de ser criança ... por que é bom ser criança?	Te referencia nome próprio. VS; pedir; OI; <i>dicendi</i> ;		
Informante 3: Talita Sexo: feminino Idade: 6 anos			Narrativa recontada	E: é ... qualquer história que você queira ... que alg/ ((informante interrompe)) I: do Chapeuzinho Vermelho ... E: é:: isso ... é:: isso a gente chama ... é:: a narrativa recontada ... e você vai me contar a história que alguém te contou ... tem?	Te referencia você. Discurso do entrevistador. VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
			Narrativa recontada	Wesley ... hoje nós vamos fazer uma narrativa recontada ... o que é? você vai me contar ... uma história que alguém te contou ... você disse que alguém te contou uma história do He Man ... quem foi?	Te referencia você. Discurso do entrevistador. VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
				Wesley ... hoje nós vamos fazer uma narrativa recontada ... o que é? você vai me contar ... uma história que alguém te contou ... você disse que alguém te contou uma história do He Man ... quem foi?	Te referencia você. Discurso do entrevistador. VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		X
				Nomário ... então o Nomário te contou a história do He Man ... então agora você vai contar pra mim ... tá? como é que foi?	Te referencia nome próprio; VS; contar; OI; <i>dicendi</i> ;		
De G:					24 você/te		